

O Povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária

Experiências vivenciadas na Vila do Aventureiro - Ilha Grande, RJ



Ministério da Educação Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ricardo Motta Miranda | Reitor

Ana Maria Dantas Soares | Vice-Reitora

José Cláudio Souza Alves | Pró-reitor de Extensão

Nídia Majerowicz | Pró-reitora de Ensino de Graduação

Aurea Echevarria | Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Carlos Luiz Massard | Pró-reitor de Assuntos Estudantis

Eduardo Callado | Pró-reitor de Assuntos Financeiros

Pedro Paulo Silva | Pró-reitor de Assuntos Administrativos

Lucília Augusta de Paula | Assessora Especial da Reitoria

Gilberto Silva Reis | Diretor da Imprensa Universitária

Leila Dupret | Diretora do Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu

Denise CarvalhoTakenaka | Chefe do Departamento de Administração e Turismo

Luciana Villa Gonzalez | Coordenadora do Curso de Turismo

Evandro Correia da Silva | Coordenador do Curso de Administração

O Povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária

Experiências vivenciadas na Vila do Aventureiro – Ilha Grande, RI



ORGANIZADORES Teresa Cristina de Miranda Mendonça Edilaine Albertino de Moraes

REALIZAÇÃO







APOIO













REALIZAÇÃO

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Pró-reitoria de Extensão Instituto Multidisciplinar Departamento de Administração e Turismo

APOIO

Ministério do Turismo Comitê de Defesa da Ilha Grande - CODIG Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da UFRRJ - FAPUR Associação de Moradores e Amigos do Aventureiro - AMAV

Revisão técnica e textual Edilaine Albertino de Moraes

Projeto gráfico e capa Riocom Design

Foto da capa Gustavo Paixão

Foto da quarta capa Acervo da família de "Vovô e Lúcia"

UFRRJ / Biblioteca Central / Divisão de Processamentos Técnicos

307.1098153

P879 O povo do aventureiro e o turismo de base comunitária : experiências vivenciadas na Vila do Aventureiro - Ilha Grande, RJ / organizadores Teresa Cristina de Miranda Mendonça, Edilaine Albertino de Moraes. - Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2011. 212 p.: il.

Inclui bibliografia. ISBN: 978-85-8067-011-0

1. Comunidade - Desenvolvimento - Grande, Ilha (RJ). 2. Turismo - Grande, Ilha (RJ). 3. Ecoturimo - Grande, Ilha (RJ). 4. Desenvolvimento sustentável - Grande, Ilha (RJ). I. Mendonça, Teresa Cristina de Miranda. II. Moraes, Edilaine Albertino de, Ill. Título.

Este livro é dedicado ao "povo do Aventureiro" pelo exemplo de luta e resistência e carinho dedicado à equipe da UFRRJ.

Agradecimentos

Agradecemos a todos professores, pesquisadores, alunos da UFRRJ e parceiros, que dedicaram seu tempo, voluntariamente, para atender aos objetivos traçados pelo projeto "O povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária", que resultou nos relevantes dados de pesquisa apresentados neste livro. Nossos agradecimentos, também, ao Ministério do Turismo pela importante iniciativa de apoio a projetos de Turismo de Base Comunitária, que se tornou significante para o fortalecimento desta experiência na Vila do Aventureiro. E ainda, ao Instituto Estadual do Ambiente pelo deferimento e apoio às atividades do projeto.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
GOLAÇO DA ILHA GRANDE. Vila do Aventureiro	11
CAPÍTULO 1. Vila do Aventureiro, o "paraíso proibido"	15
CAPÍTULO 2. O povo do Aventureiro, os "mais caiçaras" da Ilha Grande	31
CAPÍTULO 3. A oferta turística da Vila do Aventureiro: os empreendimentos domiciliares e familiares	65
CAPÍTULO 4. O "turista aventureiro":	100
perfil da demanda turística	103
perfil da demanda turística ANEXOS	103
·	103
ANEXOS Anexo 1 - O projeto "O Povo do Aventureiro:	
ANEXOS Anexo 1 - O projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária"	125
ANEXOS Anexo 1 - O projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária" Anexo 2 - Fotos e imagens	125

Apresentação

É com muita alegria que apresentamos à sociedade o resultado do trabalho desenvolvido, junto à comunidade da Vila do Aventureiro em Ilha Grande, por docentes, discentes e parceiros do Departamento de Administração e Turismo do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ.

A íntima relação universidade-sociedade, pilar fundamental dos programas de extensão desenvolvidos pela UFRRJ, aqui se apresenta em toda a sua concretude, evidenciando ainda a grande preocupação em situar as ações dentro de uma perspectiva de sustentabilidade socioambiental, necessária para a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Reconhecer e valorizar o patrimônio natural e cultural da comunidade do Aventureiro – localizada no interior da Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul (Rebio-Sul) – buscar qualificar a mão-de-obra local e fortalecer as ações voltadas para o associativismo e/ou cooperativismo, foram os eixos mobilizadores deste projeto, que contou com a importante parceria do Comitê de Defesa da Ilha Grande – CODIG.

No ano de 2010, nossa universidade comemorou os cem anos de sua origem, desde a criação da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária-ESAMV. Nesse momento, é um orgulho constatar o esforço de seus professores para construir e desenvolver programas e projetos que permitam conjugar ensino, pesquisa e extensão de forma socialmente referenciada.

Aventureiros foram todos, comunidade acadêmica e local, superando turbulências ou remando em mar calmo, atravessando tempestades ou se dourando ao sol de um dos mais belos recantos de nosso Rio de Janeiro, cujo povo aguerrido se beneficiou dos saberes acadêmicos para melhorar o

seu potencial empreendedor. E, por outro lado, o que é a maior riqueza da extensão muito ensinou aos docentes e estudantes, que aprenderam a valorizar os saberes construídos historicamente por aquela comunidade caiçara.

Este livro traduz essa parceria fecunda e aponta para novas aventuras, novos olhares, novas construções teórico-metodológicas, papel de uma instituição que se quer continuamente crítica e responsável para com a formação de profissionais cidadãos e antenada com os desafios que a sociedade lhe apresenta cotidianamente.

 $Ana\ Dantas$ Vice-Reitora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



Golaço da Ilha Grande: Vila do Aventureiro

Foi com muita honra e orgulho que realizamos esta grande parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -UFRRJ na criação e implementação do Projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária". Afinal, envolvido há mais de quarenta anos com a Ilha Grande e sua população, apaixonado pela sua "história de vida" e dedicado de corpo e alma à sua causa socioambiental, só me resta agradecer pelo prêmio de conviver em ambiente de intenso trabalho com tão seleta e empolgada equipe de universitários que tem sabido levar adiante uma política pública, cujo fio condutor é a justiça socioambiental.

Em um país campeão de desigualdade como o nosso, o turismo de base comunitária apresenta-se como uma expressiva e consistente alternativa estratégica para melhor contribuir para a superação de nossos problemas estruturais e reverter o histórico e cruel passivo social brasileiro, que tanto assola nossas mentes e corações.

A enorme vantagem comparativa desse setor econômico, indutor de trabalho e renda, e ainda possibilita turbinar a justiça social duradoura, traduz a máxima de que melhor do que dar o peixe é ensinar a pescar. E é isso que o Ministério do Turismo tem feito ao devolver nossos impostos às mãos da sociedade sob a forma de recursos públicos para que ela dê substância às suas demandas. Refiro-me especificamente aos convênios federais, inseridos no Orçamento da União sob a forma de transferência voluntária, o que, no

O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária

Vila do Aventureiro

ano de 2009, correspondeu a repasses da ordem de R\$ 13 bilhões. A meu ver, um grande avanço nas conquistas sociais.

Colocado entre os primeiros cinquenta de um universo de quinhentos em todo o Brasil, o Projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária", de pronto, revelou o oportuno acerto e a bem discutida decisão de colocar juntos a academia e a cidadania organizada para desenvolver um projeto de cunho socioambiental na Ilha Grande.

De um lado, teve o profissionalismo e a capacidade técnico-científica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro com sua intensa e antiga atuação nas atividades de pesquisa e extensão na Ilha Grande com o propósito de integrar a academia e a comunidade. De outro, houve o conhecimento do contexto local por parte do Comitê de Defesa da Ilha Grande – CODIG, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, fundada em 2000, após um histórico movimento de protesto civil de moradores e visitantes contra o descaso oficial com a Ilha Grande e seu abandono à própria sorte após a desativação de seu complexo carcerário. E, ainda, contou com a experiência prática e real, associada ao conhecimento específico local e à compreensão de suas reais necessidades, da Associação de Moradores e Amigos da Praia do Aventureiro – AMAV.

Parceiros atuantes nos conselhos gestores das unidades de conservação da natureza da Ilha Grande e em outras atividades públicas, a UFRRJ e o CODIG juntaram-se à Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica – FAPUR, da própria UFRRJ, na tarefa de conduzir o Projeto. A AMAV e outras representações sociais locais auxiliaram na tarefa.

A concepção do projeto foi feita a muitas mãos. Cada uma delas deu forma a um modelo que continha um conjunto de pressupostos destinados a não só melhorar o padrão de vida das pessoas, mas, sobretudo, habilitá-las na apropriação de conhecimentos, no desenvolvimento de potencialidades que lhes permitam ascender a patamares de valores e de significados, no acesso a bens culturais e no aumento de sua autoestima. A rigor, fortaleceuses sua cidadania e superou-se o estado de subalternidade a que foram induzidas, por conta das históricas e equivocadas decisões das elites que criaram, dentre outros, constrangimentos legais a seus modos de vida.

Não restam dúvidas de que o projeto, ao inovar na forma com que tem lidado com as relações humanas, deverá fortalecer as tecnologias sociais

a elas aplicáveis, abrindo trilhas para que novos paradigmas se estabeleçam em um território tão cobiçado, assediado e ameaçado pela especulação imobiliária. A democratização dos espaços públicos, sob a responsabilidade social, é um deles.

As unidades de conservação da natureza locais ganham sobremaneira com o projeto. A prática do turismo de base comunitária tende a levar na devida conta o paradigma da melhor conservação ambiental, pois enseja baixos impactos e sustentabilidade socioeconômica e ambiental. Mesmo a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul, com todas as suas restrições, ficará ainda mais protegida pelo aumento da crescente consciência ambiental, o que já se observa nos 110 moradores beneficiários do projeto.

Sob este cenário rico e desafiante, que este livro vem brindar e materializar dois anos de experiência teórica, metodológica e prática, direcionada ao Povo do Aventureiro, a comunidade acadêmica, ao Ministério do Turismo e aos interessados na temática abordada. Para tanto, em seu primeiro capítulo, introduz a reflexão sobre o processo, ao longo dos anos, de desenvolvimento do turismo associado à questão ambiental na Ilha Grande e as peculiaridades dessa prática na Vila do Aventureiro. O segundo capítulo busca apresenta quem é o povo do Aventureiro e justifica o título de serem considerados os "mais caiçaras da Ilha Grande. Após a contextualização socioambiental do local, o terceiro capítulo aborda sobre a oferta turística da Vila do Aventureiro e os empreendimentos domiciliares e familiares disponíveis. Para complementar a caracterização da cadeia produtiva do turismo na Vila, o quarto capítulo desenha o perfil da demanda turística, para se conhecer quem é, afinal, o "turista aventureiro". Nos anexos estão disponíveis o projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária", submetido ao Ministério do Turismo; as fotos e imagens geradas das atividades e ações do projeto; a Carta do "povo do Aventureiro" de agradecimento submetida à equipe ao final do projeto; além de outras fontes de informações sobre o Aventureiro e suas interfaces. Portanto, desejamos que o leitor transcenda esse conhecimento e se aventure conosco nessa viagem!

> Alexandre Guilherme de Oliveira e Silva Presidente do Comitê de Defesa da Ilha Grande – CODIG

Vila do Aventureiro, o "paraíso proibido"

Teresa Cristina de Miranda Mendonça

Olha, no meu tempo de criança a gente vivia, como que a gente vivia, da pesca, matava os peixes levava de canoa de motor lá em Angra. No tempo do meu pai não era nem motor, levava em canoa a remo; e roça, se matava pra plantar mandioca, feijão, tinha que tirar o máximo daqui para poder sobreviver, só se comprava em Angra o que não tinha como tirar aqui da terra. Mas hoje em dia, com a preservação, você não pode mais cortar mato, não pode mais fazer isso daí, aí também Deus abriu outra porta que é o turismo, entendeu? Se for voltar no tempo, em roça ou em turismo, eu acho que, hoje em dia, a roça destruía mais do que o turismo (Luis).

Restando aos moradores do Aventureiro o turismo como a única alternativa econômica para a sua sobrevivência – uma oportunidade dada por Deus, conforme a fala de Luís, morador do Aventureiro – o caso do Aventureiro é um exemplo específico da Ilha Grande, relacionado à crise pesqueira e à

¹ Este capítulo é inspirado nas reflexões da tese de doutorado: Que paraiso é esse: a turismização da Ilha Grande, da autora Teresa Mendonça, defendida pela universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ em 2010.

criação das unidades de conservação em um lugar onde a natureza, mesmo proibida, foi um dos poucos recursos que restou aos moradores. Essa afirmativa justifica nos referir a um ambiente insular, um dos últimos resquícios da Mata Atlântica no Brasil, que possui quatro unidades de conservação da natureza como medida de proteção de seu ecossistema: o Parque Estadual da Ilha Grande - PEIG (1971), a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul - RBPS (1981), o Parque Estadual Marinho do Aventureiro – PEMA (1990) e a Área de Proteção Ambiental de Tamoios – APA Tamoios (1982), todas sob gestão do Instituto Estadual do Ambiente – INEA ligado à Secretaria do Estado de Ambiente – SEA. É importante destacar que a Vila do Aventureiro está localizada dentro da Reserva Biológica da Praia do Sul e é diretamente influenciada pelo Parque Estadual Marinho do Aventureiro.

Em uma área de grande conflito socioambiental do Estado do Rio de Janeiro, o exemplo da Vila do Aventureiro mostra como nenhuma categoria de unidade de conservação tão restritiva, como a reserva biológica, impediu que seus moradores continuassem dentro de sua área vivendo de atividades ligadas, de forma direta ou indireta, ao turismo. Em um ambiente de incompatibilidade entre leis e práticas locais, o turismo foi considerado por Costa (2004) como uma atividade "tabu" tanto para moradores, quanto para a FEEMA (antiga gestora da RBPS) e ambientalistas. No entanto, a visitação a uma reserva biológica (uma atividade "tabu") é um diferencial do turismo no Aventureiro.

Como resultado da criação da Reserva a sua revelia, os moradores do Aventureiro poderiam dizer: "Meu lugar virou reserva biológica e paraíso para turistas" – uma analogia inspirada em Diegues (2005) no livro "O nosso lugar virou parque: estudo socioambiental do Saco do Mamanguá – Parati (RJ)". Foco de propostas relacionadas ao turismo desde a década de 1970 pelo governo federal, colocado em uma redoma para proteção e para se transformar em laboratório para exploração específica da comunidade científica (POMPA; KAUS, 2000), o Aventureiro tornou-se também um atrativo turístico.

O processo de se transformar em reserva biológica e paraíso para turistas, paradoxalmente em razão das restrições, marcou a história do Aventureiro e ganhou matéria especial da série de reportagens de O Globo de 13 de março de 2006,

Os caiçaras do Aventureiro, na Ilha Grande, se acostumaram a defender as terras nos tempos do presídio, quando eram frequentes as fugas de detentos para aquela praia. Hoje, livres dos criminosos, eles estão presos à legislação ambiental, que impede qualquer atividade de subsistência local.

O retrato do "paraíso proibido" foi bem revelado pela ameaça de expulsão dos moradores pelo governo do Estado do Rio de Janeiro e pela força tarefa, empreendida pela Prefeitura Municipal de Angra dos Reis durante o Carnaval de 2006, que proibiu a população de receber os turistas nos campings instalados nos quintais das casas. A repressão, por parte do poder público, resultou em uma situação precária dos moradores, tão dependentes da receita advinda do turismo no local.

A situação de "ilegalidade", por outra perspectiva, se contrapõe à "legalidade", tendo como referência o direito herdado pelos moradores, que comprovaram estar no lugar há pelo menos quatro gerações e dar ao Aventureiro uma posição na Ilha, chamada de paraíso turístico proibido e, por isso, atraente. Mesmo proibido, o turismo no Aventureiro é estimulado pela mídia e pelo poder público.

Do cais de Angra dos Reis até a Vila do Aventureiro, inicia-se uma viagem com cerca de duas horas e meia de duração. Da mesma forma que existe a possibilidade de não chegar à Vila, existe também a de turistas e moradores adiarem a saída do lugar. Por estar localizada na face oceânica da Ilha, em mar aberto, a vila sofre com a instabilidade do mar. Em período de "mar grosso", conforme expressão local, o transporte marítimo torna-se inviável. Segundo Ferreira (2010), o vento sudoeste, que representa a virada do tempo e influencia a maré, é o que determina as possibilidades e impossibilidades de mobilidade na Ilha Grande, principalmente no Aventureiro. Ser regido e orientado pela entrada do vento sudoeste marcou a realização das atividades referentes ao projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária", resultando em diversos cancelamentos e adiamentos de atividades.

A opção mais viável para chegar ou sair em período de "mar grosso" é a trilha que liga o Aventureiro a Provetá, voltada para o lado continental empreendendo uma caminhada de cerca de três horas com subidas e des-

cidas íngremes. O nome Aventureiro, conforme relatos, tem relação com as difíceis condições de comunicação com o continente e com a ausência de infraestrutura urbana. É necessário, dessa forma, aventurar-se para atravessar o mar e chegar ao paraíso (FERREIRA, 2004). Esse paraíso atrai visitantes jovens oriundos, principalmente, do Rio de Janeiro e de São Paulo, conhecidos como mochileiros, muitos deles surfistas, que costumam ir para a localidade em grupo ou casais – os "turistas aventureiros" da Ilha Grande (MENDONÇA; BRANDÃO, 2010).

A tranquilidade local, a natureza protegida, a beleza cênica (a paisagem) e a hospitalidade dos moradores podem representar, para os turistas, uma "visão do paraíso". No entanto, conforme a perspectiva da representação do paraíso para os "de dentro" e os "de fora" (DIEGUES, 1998), uma moradora falou sobre a especulação dos "de fora" sobre o paraíso Aventureiro ao retornar de barco da Vila. Ela revelou que só quem sabe se o Aventureiro é paraíso ou não são os moradores, que ficam isolados quando o mar vira, sem recursos, com precariedade de transporte e longe de serviços de saúde, inclusive em casos de emergência, o que se contrapõe ao olhar sobre um paraíso visto pelos "de fora", segundo interesses diversos: "Quando tinha o presídio, ninguém ia lá. Agora vê aquele lugar bonito, sem pousadas. Tem 'olho grande'!", conforme a fala da moradora Zuleica.

O Aventureiro, como o restante da Ilha, é muito relacionado à natureza. A paisagem é valorizada pelo turista urbano que, segundo Ferreira (2004, p. 53), foi favorecida pelo

processo de regeneração da floresta em meio às roças restantes, e pela proximidade de áreas montanhosas com o mar. Com as roças reduzidas, as que sobraram se misturam à mata em regeneração e às capoeiras do pousio. Tal mosaico de vegetação, de onde sobressaem coqueiros em profusão, bananeiras, amendoeiras e jaqueiras contando a história da população que lá está, e também daquela que já se foi, produz o aspecto exótico da paisagem e dá ao Aventureiro a denominação de paraíso pelos turistas.

A criação da RBPS ajudou na consolidação da imagem do Aventureiro como o paraíso idílico, lugar exótico, símbolo do natural, do primitivo, do

único, pedaço do paraíso perdido do "povo caiçara tradicional". Sua imagem é influenciada principalmente pela ausência de um processo de turistificação e de crescimento urbano, tal como a Vila do Abraão (conhecida como a capital da Ilha) e demais localidades, assim como pela ausência de energia elétrica e pela manutenção do padrão das casas originais. Essa visão foi exemplificada por um turista que, ao desembarcar no Aventureiro em 2008, deixou escapar a fala: "Cheguei ao paraíso!".

Em 1994, a implosão do Instituto Penal Cândido Mendes em Dois Rios e a consequente mudança funcional de sua área, transformada no Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - CEADS/UERJ, também representou um marco simbólico para o Aventureiro, mesmo estando dentro da RBPS. As potencialidades paisagísticas do Aventureiro, fortalecidas pela patrimonialização da natureza e sua sacralização (resultado da criação da reserva biológica), levaram à transformação do lugar voltando-o para o turismo, conforme a fala da moradora Zuleica (2010): "Depois que o presídio saiu, é que o pessoal 'começaram' a chegar. Se o presídio ainda tivesse no Aventureiro, aposto que o Aventureiro não estava assim.". A vila do Aventureiro se insere na trajetória do turismo da Ilha apenas após a implosão do presídio, pois, segundo Zanatta (2010), antes da sua desativação, o turismo não se apresentava como uma possibilidade a ser instalada no Aventureiro.

Influenciado pelo fim do presídio e pela presença da RBPS, o turismo ali se desenvolveu de forma diferenciada das demais enseadas da Ilha Grande, sem especulação imobiliária e crescimento urbano, sem transformação da paisagem ou mesmo a privatização de praias e trilhas, sem cheiro de esgoto e imigração. O modelo de turismo predominante na Ilha representa uma ameaça, já que concorre de forma desigual com os nativos, que possuem baixo recurso financeiro e pouco conhecimento, motivo de sua exclusão de atividades ligadas ao turismo, conforme a fala do morador Luís.

Em Aventureiro, a gente ainda consegue ter algum nativo fazendo isso daí e é o que estão querendo tirar da gente, botando as pessoas de fora para acabar com isso daí, a gente... o cara vem lá da cidade com mais dinheiro do que a gente; a gente ganha um dinheiro para sobreviver num ano; o

cara vem com um dinheiro para montar, para enriquecer mais ainda. A gente não tem como brigar, não tem como vencer, entendeu? Igual aconteceu no Abraão, aconteceu no outro lugar aí. E Aventureiro, graças a Deus, até agora não aconteceu, mas se a gente não tomar uma providência vai acontecer, um dia isso aí vai acontecer.

A forma de turistificação do Aventureiro é bem diferenciada dos demais lugares da Ilha. Em razão da Reserva Biológica, o modelo de turismo se baseia em uma cadeia produtiva caracterizada por empreendimentos domiciliares e familiares, que não possuem o aspecto físico de empreendimentos turísticos reconhecidos no mercado, pois, por serem contíguos às casas, continuam tendo aspecto residencial. A estrutura de campings nos quintais, aluguel de quartos, casas e bares anexos às casas dão o tom domiciliar aos empreendimentos pela discreta e, muitas vezes, imperceptível diferença entre o local de moradia e o empreendimento comercial. Além disso, alguns moradores oferecem sua estrutura domiciliar aos visitantes (quartos, banheiros, sala de estar, cozinha). Os dois ambientes, muitas vezes, se mesclam: o modo doméstico de receber (incluindo o modo de vida cotidiano na residência) e o modo comercial, na relação entre hóspede – o cliente – e anfitrião – o profissional (CAMARGO, 2003), baseado na troca monetária (LASHLEY, 2004). Esse processo diferencia o modelo de turismo local baseado em uma nova relação entre anfitriões – o "povo do Aventureiro" – e hóspedes – os "turistas aventureiros", e resulta em um relacionamento que, muitas vezes, cria laços de amizade entre esses atores, extrapolando as relações comerciais e materiais.

Com a queda da pesca assalariada, destaca-se algo que favoreceu o envolvimento do povo do Aventureiro com o turismo: a pouca necessidade de investimento financeiro para início e manutenção dos negócios (COSTA *et al*, 2009), devido ao perfil dos empreendimentos domiciliares. Zanatta (2010) destaca a forte marca da força das relações de parentesco e da divisão familiar do trabalho nos campings no Aventureiro, o que também se constata como estrutura multiplicada nos demais empreendimentos locais.

Em pesquisa de mestrado realizada em 2004, Ferreira (2004) detectou que 46% dos moradores estavam envolvidos com as atividades ligadas direta-

mente ao turismo. Em pesquisa realizada pela equipe da UFRRJ, no período de 2009 e 2010, foi também registrado que 75% dos moradores estão envolvidos direta ou indiretamente com atividades ligadas ao turismo. Assim, constata-se a apropriação, cada vez maior, pelos moradores do Aventureiro das atividades ligadas ao turismo, com o aumento de 29%, em cinco anos, do número de residentes envolvidos diretamente com o turismo. É importante ainda destacar que 65% dos empreendimentos ligados ao turismo são de posse e gestão de moradores nativos, perfil motivado pela presença da RBPS (MENDONÇA; BRANDÃO, 2010).

O resultado da pesquisa pode confirmar a opinião da moradora Neuseli em 2010:

A maioria dos moradores da Praia do Aventureiro vive do turismo. Apesar de que, lá nós ainda temos 11 roças, mas são rocinhas de subsistência, produtos de subsistência. Um pouquinho de mandioca, um pouquinho de milho. [...] São para consumo próprio mesmo. Então você me pergunta do que o Aventureiro vive hoje? É do turismo. Com exceção da Praia do Provetá, o restante da Ilha, toda...

Inserida na questão da "legalidade"-"ilegalidade", uma das atividades também consideradas ilegais é o transporte de passageiros em barcos, uma preocupação local. Os moradores são impedidos de utilizar suas embarcações para esse transporte entre Angra e o Aventureiro, pois estas não estão autorizadas a navegar em mar aberto, apesar de muitos moradores possuírem habilitação para pilotar os barcos. A regularização dos barcos demanda alto recurso financeiro, o que está fora das possibilidades dos moradores. Por essa razão, no período de maior fluxo (feriados prolongados e férias), a Fundação de Turismo de Angra dos Reis - TurisAngra oferece aos turistas a opção de transporte entre Angra e o Aventureiro por um grupo de barqueiros cadastrados e legalizados, embora não sejam moradores do lugar. Mas, mesmo diante do impedimento legal, nenhum morador que tenha barco deixa de realizar o transporte de turistas e moradores.

O turismo no Aventureiro se realiza praticamente nos períodos de feriado prolongado e tem fluxo um pouco mais intenso no período de férias,

principalmente no verão (dezembro, janeiro e fevereiro), época em que vários moradores trabalham temporariamente nos diversos negócios, caso não tenham seu próprio. Fatores como a localização do Aventureiro e as instabilidades da mar, agravados pela não oferta de transporte regular à vila, são alguns dos motivos que fazem com que a sazonalidade, fenômeno que marca a atividade turística, se apresente de forma mais aguçada no Aventureiro.

Em maior ou menor escala, a transformação local e as adaptações pelas quais passa o "povo do Aventureiro", pela "recente adaptação à tarefa de receber, transportar e alimentar os turistas e todo o ganho econômico daí recorrente.", são trazidas à reflexão por Costa (2008, p. 264). Esse ganho, segundo esse autor e ainda Wunder (2006), tem sido responsável pela acumulação monetária e de bens de consumo. Conforme Costa (p. 264), no Aventureiro, é presenciado um processo de adaptação progressiva das famílias às atividades ligadas ao turismo, "já que foram os turistas que "descobriram" o Aventureiro e que começaram a chegar cada vez em maior número, ano após ano..."

Mesmo com a forte sazonalidade da atividade e sendo o movimento de recursos financeiros do Aventureiro insignificante, se comparado com o Abraão e outras enseadas turísticas da Ilha, é importante perceber o quanto o turismo foi bastante representativo economicamente para uma população que vivia essencialmente da pequena agricultura e da pesca. Os que têm estudado o Aventureiro (FERREIRA, 2004; COSTA, 2006; WUNDER, 2006) indicam que as condições materiais, proporcionadas pelo turismo estão representadas pela aquisição de televisão com antena parabólica, aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos, geradores e embarcações.

Se é possível reconhecer a força do turismo no Aventureiro, é também possível ver o quanto o esquema cultural local se faz presente nesse processo, com destaque para os empreendimentos familiares e as relações de trabalho referidas também ao parentesco. Trata-se de uma gerência local, e em moldes locais, do turismo. Nesse sentido, trata-se de um modelo, identificado por Mendonça e Brandão (2010), como turismo de base comunitária que motivou a proposta do projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária".

No caso do Aventureiro, mais do que em qualquer outro contexto da Ilha Grande, evidencia-se a relação do turismo com o modelo de gestão ambiental da Ilha, por meio da presença da RBPS e do PEMA. Mesmo que estejam inseridos em um processo de pressão global, de propostas "ecológico-civilizadoras" (PRADO, 2003), os moradores continuam a se distinguir por seus modos específicos de viver, o que ilustra igualmente a indigenização a que se refere Sahlins (1997a; 1997b). O povo do Aventureiro encontra soluções, traduzidas em um modelo de turismo mediado pelos aspectos culturais locais.

A permanência dos moradores no lugar, após ameaça de expulsão, e a prática do turismo foram resultados de várias pressões da "comunidade" em atendimento à demanda local. Atendendo às pressões, o Ministério Público autorizou a prática do turismo como atividade econômica acatada pelo órgão gestor ambiental responsável pela Reserva Biológica da Praia do Sul - RBPS. Foi estabelecido, então, um limite na visitação, em comum acordo entre a Prefeitura Municipal de Angra dos Reis - PMAR, o Ministério Público Estadual, a Procuradoria Geral do Estado do Rio, a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente - FEEMA e a comunidade, representada pela Associação de Moradores e Amigos do Aventureiro – AMAV.

Assim, o Termo de Compromisso, assinado com validade a partir do dia 26 de dezembro de 2006, confirmou o limite já estabelecido para a área destinada ao camping de 560 pessoas por dia e um número de campings de, no máximo, 18. No entanto, apesar de considerar que poderia ser aumentado o número proposto, o povo do Aventureiro reconhece que o atual controle de visitantes contribuiu para melhor organização do turismo local e maior tranquilidade dos moradores e empreendedores, já que o lugar chegou a receber até 6000 turistas, conforme dados referentes ao Réveillon de 2005, citados na reportagem de O Globo de 13 de março de 2006, e uma média de 3000 pessoas nos períodos de maior fluxo, segundo informações locais. É importante enfatizar que, quanto à sonhada criação de um critério de capacidade de carga e de controle de fluxo de visitantes, conforme discussões nos diversos fóruns instituídos na Ilha Grande, o Aventureiro é o único local da Ilha que atendeu a tal modelo idealizado de turismo, mesmo que desprovido de consistência técnica.

Perante a situação de "ilegalidade", há cerca de três anos, o então Instituto Estadual de Florestas - IEF/RJ, transformado em diretoria do atual

Instituto Estadual do Ambiente - INEA, vem dialogando com a comunidade sobre a recategorização da área habitada através da instituição do Grupo de Trabalho Aventureiro - GT Aventureiro em 09/04/2008, por Resolução SEA nº 057 com o objetivo de:

Art. 1º - ...Tratar dos estudos, elaboração de propostas e realização de consultas públicas, objetivando a exclusão da comunidade do Aventureiro dos limites da Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul e, sendo o caso, a criação de uma nova unidade de conservação, que assegure a permanência da comunidade na área ocupada.

O Grupo de Trabalho apresentou, em seu relatório final, a proposta de recategorizar a Vila do Aventureiro para Reserva de Desenvolvimento Sustentável – RDS. No entanto, o poder público estadual apresentou, inicialmente, duas propostas de nova categoria: APA e RDS, o que incluiria a área de mar atualmente abrangida pelo PEMA.

Porém, quando o Estado retorna para mais um momento de negociação com a comunidade, ele apresenta apenas uma proposta, a RDS. A RDS é uma alternativa para que os moradores garantam o direito de uso das terras, mesmo que estas sejam de domínio público, com concessão de uso da área habitada para os moradores de forma vitalícia, a fim de que possam realizar atividades econômicas de baixo impacto. A proposta foi transformada em Projeto de Lei e hoje se encontra em tramitação na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Toda essa ação se traduz essencialmente na legalização das atividades ligadas de forma direta ou indireta ao turismo. Trata-se de um embate estabelecido desde a criação da Reserva Biológica, já que isso se deu por pressão de ambientalistas para evitar que a área fosse tomada pela especulação de grandes empreendimentos turísticos que se anunciavam. Atualmente, a questão é resolver como tirar os moradores do Aventureiro da ilegalidade em que foram colocados, ao mesmo tempo em que possam continuar realizando o modelo de turismo que inventaram ali a seu próprio modo.

De acordo com Mendonça e Fontoura (2009), a não unanimidade pela opção da nova categoria de unidade de conservação é percebida. Alguns

moradores preferem a APA, categoria menos restritiva, o que significaria, pela visão e compreensão deles, o direito à venda de sua terra para pessoas de fora. Na outra ponta, um grupo considera que a RDS os protege dos agentes externos e dá garantia de mantê-los no lugar, assim como as futuras gerações.

O interessante é constatar que, por mais que a criação da RBPS tenha resultado em conflitos e restrições diversas, ela, paradoxalmente, protegeu os moradores do Aventureiro. A retirada da comunidade de dentro dela pode ser sinônimo de perigo ao permitir a ocupação do lugar pelos "de fora". Nesse ambiente, posse, propriedade e liberdade para vender o imóvel, manutenção do lugar onde nasceram e vivem, direito de plantar e de realização de atividades ligadas ao turismo são itens de reivindicação dos moradores.

Na verdade, todo o processo de discussão sobre a recategorização da área habitada da RBPS está seguindo a Recomendação nº 10/06 feita pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (Inquérito Civil nº 581/06), datado de 29 de agosto de 2006:

Que celebrem o TERMO DE COMPROMISSO, a que alude o art. 39 do Decreto nº 4.320/02, que regulamentou o art. 42 da Lei nº 9.985/00, de caráter transitório, enquanto não se encerrar o processo de desafetação da área com a instituição de outra Unidade de Conservação nos moldes da Reserva de Desenvolvimento Sustentável, conforme reivindica a Comunidade, definindo as condições de permanência da Comunidade da Praia do Aventureiro, bem como indicando as áreas ocupadas, as limitações necessárias para assegurar a conservação da natureza e os deveres do órgão executor referentes ao processo indenizatório, assegurados o acesso das populações às suas fontes de subsistência e a conservação dos seus modos de vida, regulamentando o exercício das atividades desenvolvidas, tais como camping, pesca, artesanato, agricultura etc.

No caso do Aventureiro, a especificidade do turismo local, marcada especialmente por um modelo de empreendimento com divisão de trabalho familiar, caracteriza-se justamente pelo diálogo e/ou disputa, com o modelo de gestão ambiental.

Considerações finais

O turismo no Aventureiro, alternativa às diversas dificuldades enfrentadas pela comunidade desde a criação da Reserva Biológica em 1981, torna-se a cada dia uma atividade econômica muito importante. Durante a inserção no campo, foi possível visualizar vários problemas pelos quais "o povo do Aventureiro" passa frequentemente: a impossibilidade de saída da Ilha para compra de alimentos e demais recursos necessários, devido às condições do mar; a falta de energia elétrica; o baixo fluxo de visitantes durante os feriados prolongados e férias, resultado das constantes chegadas de frentes frias; a falta de um sistema de saneamento básico e a precária coleta de lixo; o sistema insuficiente de comunicação; os conflitos internos sobre o futuro do lugar; entre outros.

A experiência de campo leva a verificar fatores de exclusão e inclusão no lugar. O "povo do Aventureiro" foi historicamente excluído do processo de decisão sobre o lugar onde vivem com a criação da Reserva Biológica. A população, mesmo com restrições, se organiza e é chamada a ser incluída no processo de decisão sobre a nova categoria de unidade de conservação que será estabelecida no lugar – decisão esta que oferece à comunidade a oportunidade de ter grande parcela de responsabilidade sobre a gestão do lugar onde vivem, caso a categoria Reserva de Desenvolvimento Sustentável seja aprovada, oportunidade assegurada pelo disposto no Sistema Nacional de Unidade de Conservação – SNUC (BRASIL, 2000). A RDS deve ser gerida por um conselho deliberativo composto pelo órgão responsável por sua administração, além dos representantes de órgãos públicos, da sociedade civil e das populações residentes na área.

Conforme Mendonça e Brandão (2010), a inclusão passa também por ações de política pública, como o edital lançado pelo Ministério de Turismo, que, em 2009, contemplou 50 projetos de apoio a iniciativas de turismo de base comunitária. A partir do processo de implementação desses projetos, deve-se levar em conta uma das premissas do turismo de base comunitária – a construção coletiva do processo que represente e atenda às demandas reais da comunidade beneficiada. O processo de inclusão passa, certamente, por um modelo que se caracteriza pela voz e demanda dos atores locais, pois não há direito

maior de um indivíduo do que a oportunidade de escolher seu próprio destino. É necessário, dessa forma, restituir ao "povo do Aventureiro" o papel, não apenas de atores, mas sim de sujeitos de seu próprio mundo. A restituição de sujeitos de seu próprio mundo passa tanto pela nova categoria de unidade de conservação como pelo modelo de turismo que desejam para o Aventureiro.

Para Lindomar Fernandes (2006), presidente da Associação de Moradores da Prainha do Canto Verde (Beberibe - CE), referência nacional e internacional de projeto turístico de base comunitária, dois temas não podem estar desvinculados durante as discussões e implementações de projetos de desenvolvimento local: a posse da terra, o direito à moradia e o turismo comunitário. Por essa razão, acredito que o fortalecimento do turismo de base comunitária na Vila do Aventureiro depende extremamente da nova categoria de unidade de conservação a ser implantada – de uso sustentável –, que dará ao povo do Aventureiro a "legalidade", o direito de morar no local herdado sem a constante ameaça de expulsão e o de exercer as atividades econômicas sustentáveis de forma mais livre. É necessária, sobretudo, uma categoria que o proteja das ameaças que várias comunidades localizadas em ambientes de grande fator de atratividade passam como: a especulação imobiliária, a expulsão dos nativos do lugar, a transformação dos moradores apenas em empregados, excluindo-os da oportunidade de serem donos e gestores do próprio negócio. Para tanto, também é imprescindível o fortalecimento de sua associação de moradores, a AMAV, como forma legítima de representação da voz moradores.

Referências bibliográficas

ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. In *Revista de Antropologia* v. 43 n. 1. São Paulo: USP, 2000.

BARRETO, M. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003. p. 16-28.

BRASIL. 2000. Lei N º. 9.985, de 18 de julho de 2000, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Brasília: MMA, 2000.

COSTA, G. V. L. da; CATÃO, H.; PRADO, R. M. Praia do Aventureiro: um caso sui generis de gestão local do turismo In: BARTHOLO, Roberto; SAN-SOLO, Davis G.; BURSZTYN, I. (orgs). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 177-197.

COSTA, G. V. L. A população do Aventureiro e a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul: conflitos e disputas sob tutela ambiental. Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2004.

_____. O Aventureiro, Ilha Grande - RJ: Uma análise de mudança social. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2008. 325 p.

FERREIRA, H. C. Redefinindo Territórios: preservação e transformação no Aventureiro – Ilha Grande (RJ). Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/ICHS/CPDA, 2004. p. 111.

INGOLD, T. Jornada ao Longo de um Caminho de Vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação. In: *Religião e Sociedade*. 2005. vol. 25, n 1, p. 76–110.

MENDONÇA, T. C. M. Que paraíso é esse: a turismização da Ilha Grande. Tese de doutorado: Rio de Janeiro: UERJ/IFCH/PPCIS, 2010.

MENDONÇA, T. C. de M.; FONTOURA, L. M. Reserva biológica, reserva de desenvolvimento sustentável ou área de proteção ambiental? Turismo, restrições e possibilidades na vila do aventureiro. In: MEDEIROS, R; SILVA, P. H. da, IRVING, M. de A. P. *Áreas protegidas e inclusão social: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro, vol 4, n. 1, 2009. p. 235-237.

MENDONÇA, T. C. de M. Populações humanas, áreas protegidas e turismo na Vila do Aventureiro (Ilha Grande/Angra dos Reis): conflitos e soluções locais. III Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social. Teresópolis – RJ: 2007.

_____. Turismo de base comunitária: soluções locais em defesa do local herdado. Estudos de caso: Prainha do Canto Verde (Beberibe/CE) e Vila do Aventureiro (Ilha Grande, Angra dos Reis/RJ). In: X Encontro Nacional de Turismo de Base Comunitária. João Pessoa: UFPB, 2007. CD-ROOM.

NASH, D.. Tourism as an anthropological subject. *Current Anthropology* vol. 22, n.5, out. 1981.

PRADO, R.. De praias que viram morros e do valor da natureza. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG: 2005.

SAHLINS, M. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em via de extinção (parte I). Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ/Ed. Contracapa, 1997.

STEIL, C. O turismo como objeto de estudo no campo das ciências sociais. In: RIEDL, M.; ALMEIDA, J.; VIANNA, A. *Turismo rural: tendências e sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

VILAÇA, A.; MAIA, A. de A. O povo do Aventureiro In: PRADO, R. (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, 2006. p. 59-104.

WUNDER, S.. Modelos de Turismo, florestas e rendas locais. In: PRADO, R. (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, 2006. p. 133-190.

BRANDÃO, Túlio. MP quer resguardar caiçaras do Aventureiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno Rio, 13/03/2006, p. 14.

O "povo do Aventureiro": os "mais caiçaras" da Ilha Grande

Gabriele Cardoso Martins Lindalva Priscila Nunes Brandão Teresa Cristina de Miranda Mendonça

Introdução

Quem é o "povo do Aventureiro"? Conhecer um pouco mais sobre os moradores do Aventureiro se tornou elemento fundamental para a implementação do projeto de turismo de base comunitária no local. Logo, além do convívio de cerca de dois anos com os moradores, da participação nos eventos locais e das conversas informais e observações, para atender ao objetivo proposto, realizamos uma pesquisa mais formal orientada por um questionário semiestruturado respondido no período de 20 a 22 de novembro de 2009.

A inserção no projeto de intervenção permitiu conhecer uma "região" influenciada por dois temas que atualmente permeiam a história da Ilha Grande: o turismo e a questão ambiental. A palavra "região" é aqui apropriada, tendo como referência a perspectiva de Tim Ingold (2005, p. 1):

[...] os lugares não têm posições e sim histórias. Unidos pelos itinerários de seus habitantes, os lugares existem não no espaço, mas como nós, em uma matriz de movimento. Chamarei esta matriz de "região".

Inserimo-nos nessa "região" como "descobridores de caminho". Para Ingold (p. 2), tornar um "descobridor de caminhos" é transformá-lo em um habilidoso "ator-perceptor" em um dado contexto, que "sente seu caminho rumo a seu objetivo, ajusta continuamente seus movimentos em resposta ao monitoramento perceptivo contínuo do seu entorno. Para "descobrir caminhos", a metodologia utilizada foi: observação participante; dados coletados durante as oficinas e entrevistas estruturadas e semiestruturadas em 29 unidades familiares; e realização do inventário dos empreendimentos domiciliares. Como resultado, buscou-se conhecer cada vez mais "o povo do Aventureiro" e sua visão sobre o turismo, elementos considerados importantes para auxiliar projetos de intervenção e de planejamento turístico.

Durante o campo, pretendeu-se buscar o que se constitui como turismo na Vila do Aventureiro, com um olhar intenso sobre essa matriz em movimento. Assim, o "povo do Aventureiro" tenta se incluir, cada vez mais, nos benefícios advindos do turismo, uma nova lógica econômica que se insere no lugar e ocupa a posição de outras atividades como a pesca e a agricultura de subsistência.

A comunidade da Vila do Aventureiro está localizada na parte sul da Ilha Grande, voltada para o mar aberto com aproximadamente 800 m de praia. Conforme relatos, o nome Aventureiro parece ter relação com as difíceis condições de comunicação com o continente e com a ausência do conforto urbano. É necessário, dessa forma, aventurar-se para atravessar o mar e chegar ao paraíso (FERREIRA, 2004). Esse paraíso, com uma paisagem constituída de praias, floresta de declive e costões rochosos, atrai principalmente visitantes jovens, conhecidos como mochileiros, muitos deles surfistas que costumam ir para a localidade em grupo ou casais, oriundos principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A vila está estabelecida dentro da Reserva Biológica da Praia do Sul - RBPS e é influenciada pelo Parque Estadual Marinho do Aventureiro - PEMA. Mesmo que a população tenha tido que conviver, desde 1981, com uma situação de "ilegalidade" e sob a tutela do órgão ambiental (COSTA,

2004), ela tem sobrevivido com atividades ligadas direta e indiretamente ao turismo.

A Associação de Moradores e Amigos do Aventureiro – AMAV, criada em 2000 como consequência da ameaça e do temor da expulsão, é o principal núcleo representativo da comunidade. Devido à situação de "ilegalidade", por estarem situados na área de Reserva Biológica da Praia do Sul, os moradores, que nunca tiveram em suas mãos a gestão do território em que vivem, dependem até o momento das decisões do poder público estadual, com intervenções da sociedade civil e do Ministério Público. Inseridos em um contexto de conflito com o Estado e processo de recategorização, convivem com momentos de estruturação e desestruturação organizacional e mantêm um modelo de turismo entre repressões e restrições (MENDONÇA; FONTOURA, 2009). Nesse contexto, apresenta-se um modelo de turismo de base comunitária, pois, conforme Prado (2005, p. 14), "[...] é a única praia da Ilha que a comunidade local tomou inteiramente em suas mãos a condução do turismo que ali ocorre, totalmente a seu jeito."

O "povo do Aventureiro", reconhecido como o mais caiçara da Ilha Grande², vive na região há pelo menos quatro gerações, conforme relatos orais (COSTA *et al*, 2009). Historicamente, a trajetória do povo caiçara está ligada a todo um contexto de plantio para a subsistência baseada, essencialmente, na agricultura itinerante da mandioca, do milho, do feijão, da batata-doce, do arroz e da cana-de-açúcar, e associada à pesca, à caça, à extração vegetal (ADAMS, 2000). E na atual pesquisa registra-se os caiçaras da ilha no contexto da chegada do turismo. Na vila, encontram-se 96 moradores permanentes, no entanto, contabilizando os moradores temporários, a população chega a cerca de 104 pessoas, dentre elas 87 são nativos, os verdadeiros aventureiros da Ilha Grande. Por estar localizada na face oceânica da ilha, em mar aberto, a Vila do Aventureiro sofre com a instabilidade do mar. Em período de "mar grosso", conforme expressão local, o transporte marítimo torna-se inviável.

² É importante indicar que, no caso do Aventureiro, o termo "caiçara" é uma categoria atribuída aos moradores, conforme destaca Ferreira (2004), e não propriamente uma categoria nativa, pois, consoante detectado por Costa (2004), o que se ouvia de forma mais recorrente eram as categorias "filho ou filha do Aventureiro" ou "nascido ou nascida e criado no Aventureiro".

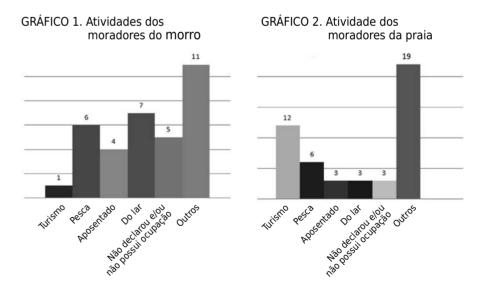
Do cais de Angra dos Reis até a Vila do Aventureiro, inicia-se uma viagem por mar de cerca de 2 horas e meia de duração. Da mesma forma que existe a possibilidade de não se chegar à Vila, existe também a possibilidade de turistas e moradores adiarem a saída do lugar. A opção mais viável para chegar ou sair em período de "mar grosso" é a trilha que liga o Aventureiro a Provetá, empreendendo uma caminhada com estimativa de três horas de subidas e descidas íngremes (MENDONCA; BRANDÃO, 2010).

É essa comunidade, tornada "ilegal" no local herdado após a criação da RBPS, que esta pesquisa busca descrever. Para tanto, são focados o número de habitantes nativos e não nativos, a renda média salarial do "Povo do Aventureiro", a ocupação das famílias, o envolvimento destas com o turismo e, até, as questões ligadas à visão de futuro dos jovens. Entendemos, acima de tudo, que a ilegalidade está na criação de uma Reserva Biológica sobre uma população já localizada historicamente no lugar.

Localização das moradias, renda e turismo

A compreensão acerca da ocupação atual das residências no Aventureiro demanda maior atenção. Constata-se, diante dos dados coletados, que hoje há um equilíbrio na distribuição das residências entre a parte plana e alta da vila: 51,72% dos moradores da Vila do Aventureiro residem na parte baixa da Vila e/ou na praia e 48,28% dos moradores residem na parte alta da comunidade e/ou no morro/sertão – a diferença entre as localizações das casas é dada por uma residência situada nas proximidades da praia. Destaca-se uma questão que se coloca à frente dessa nova dinâmica: a preferência de se estabelecer próximo à praia justifica-se pelo estabelecimento da RBPS, que, desde a sua instauração, tem coibido o crescimento da comunidade e, consequentemente, impedido a agricultura de subsistência itinerante a qual depende, fundamentalmente, da disponibilidade de terras. Atualmente, foi registrada a existência de cerca de quatro roças na comunidade com plantação de verduras, legumes e criação de galinhas.

Portanto, somada à nova perspectiva colocada pelo turismo, a implementação da REBIO – desde que tal segmento se firmou na Vila do Aventureiro a partir, principalmente, dos anos de 1990, influenciado pela implosão do Instituto Penal Cândido Mendes em 1994 – e como, por quais famílias e em que proporção essa atividade tem sido apropriada revelam diferenças dadas pela localização das residências. Desse modo, através, dos questionários realizados, verificou-se que das quatorze famílias residentes no morro, nenhuma possui no turismo o principal meio gerador de renda. No entanto, o turismo aparece, para treze das quatorze famílias do morro, como a atividade que em segundo lugar mais influencia a fonte de renda familiar. Quando tal representatividade é analisada na parte baixa da Vila e/ou na praia, a mesma assume uma realidade completamente distinta, já que das quinze famílias presentes nessa localidade, cinco delas têm no turismo e, somente nessa atividade a principal fonte de renda familiar. Desse modo, os gráficos abaixo (gráfico 1 e gráfico 2) permitem uma melhor visualização em relação à frequência das atividades exercidas tanto pelos que residem no morro quanto pelos que residem na praia.



Ao serem perguntadas sobre qual atividade representa a maior fonte de renda, em ordem crescente de importância, foram elencadas, pelas quatorze famílias que possuem suas casas localizadas no morro, a pesca, o turismo e outras atividades. Constatou-se que dez famílias possuem outras atividades

como principal fonte de renda, três famílias têm na pesca sua principal fonte econômica e apenas uma família declarou não possuir e/ou exercer nenhuma atividade. Todavia, os desdobramentos dessas investigações se deram do seguinte modo: de seis famílias que possuem renda fixa oriunda de outras atividades e que pontuaram tanto a pesca como o turismo como atividades importantes para o complemento da renda familiar, cinco delas deram ao turismo a segunda posição de importância no complemento da renda familiar e à pesca a terceira atividade mais representativa.

Das cinco famílias que têm no turismo a segunda principal fonte de renda, a média salarial varia de R\$ 451,00 a R\$ 900,00, sendo que, discriminadamente, três famílias declararam possuir média salarial de R\$ 451,00 a R\$ 675,00 e duas famílias declararam ter média salarial de R\$ 676,00 a R\$ 900,00. A única família, das seis descritas acima, que apontou ser a pesca a segunda atividade mais representativa e o turismo a terceira atividade mais importante para a renda familiar, possui uma média salarial que varia de R\$ 901,00 a 1350,00. Por conseguinte, quatro das dez famílias que vivem no morro e que declararam ter em outras atividades o principal meio de renda, elegeram somente o turismo como a segunda atividade mais importante, não elencando, portanto, a pesca e/ou uma terceira atividade.

Comparando as famílias residentes no morro com as que moram na praia, percebe-se então que, embora dezenove famílias exerçam mais de uma atividade em toda a Vila do Aventureiro, das quatorze famílias que têm suas casas localizadas no morro, quase todas – exceto uma família que declarou não exercer nenhuma atividade – exercem mais de uma atividade. Apenas cinco famílias localizadas na praia exercem duas funções e, embora as famílias do morro possuam mais de uma ocupação profissional, a média salarial dessas famílias é proporcionalmente menor do que a das famílias que residem na praia. Enquanto não há nenhuma família residente no morro que viva somente da atividade turística, há na praia quatro famílias que declararam ser o turismo a única fonte de renda familiar.

A diferença da renda média familiar – entre as treze famílias que habitam o morro e exercem, entre outras ocupações, atividades relacionadas ao turismo; as oito famílias que estão na praia e exercem mais de uma ocupação, entre elas o turismo; e as quatro famílias que vivem só do turismo – é dada,

principalmente, pela localização de fácil acesso que os moradores da praia apresentam e, consequentemente, ofertam para o recebimento de turistas. Isso ocorre, sobretudo porque os turistas têm privilegiado sua estada exatamente pela proximidade com os atrativos, pela comodidade e facilidade de deslocamento, entre outros aspectos, garantidos na proximidade para com a praia. Assim, a oferta desses elementos, propiciados e caracterizados por uma questão geográfica, é dada, essencialmente, pelos que residem na praia, o que gera nos moradores do morro sentimentos de desprestígio.

Tais "sentimentos" foram identificados por meio de conversas informais com alguns moradores. Nesse sentido, um morador declarou o seguinte sentimento: "Os turistas não ficam nas nossas casas porque moramos no morro". E por mais que as casas do morro ofereçam uma visualização de um ângulo privilegiado da Vila do Aventureiro, o que a praia não oferece em tal perspectiva, as características buscadas pelos turistas, são melhor proporcionadas pela praia. Assim, não há igualdade quanto ao recebimento de turistas e, consequentemente, não há acréscimo à renda familiar dos que vivem no morro.

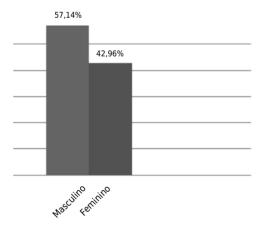
Existe, dessa forma, uma divisão bem clara do envolvimento dos empreendimentos familiares localizados na praia e no morro. Os campings e demais serviços localizados no morro são efetivamente utilizados nos feriados de maior fluxo, como o Réveillon e o Carnaval, período em que toda a capacidade dos campings da praia já está completa. Por essa razão, as famílias localizadas na praia são mais beneficiadas com os recursos oriundos do turismo e são, portanto, identificadas por Ferreira (2004) como uma espécie de "elite local", por estarem inseridas na maioria das atividades econômicas locais. Isso ocorre porque o morro implica aos que visitam o Aventureiro um deslocamento maior se comparado ao da praia. Os efeitos são sentidos pelos moradores do morro, os quais sempre reclamam que não recebem turistas e que, por isso, são discriminados (MENDONÇA, 2010).

Existe também uma diferença de inserção no turismo entre os empreendimentos familiares localizados na praia. Alguns moradores com acesso à internet e a outros meios de comunicação, com perfil mais empreendedor, começam a divulgar e comercializar seus negócios de forma mais independente, mantêm um contato mais direto com seus atuais e potenciais clientes e já organizam, até mesmo, "pacotes turísticos". Esse fato é constatado em campo, uma vez que, durante os feriados, alguns empreendimentos ficam lotados e outros ou sem nenhum turista ou com número bem reduzido (MENDONÇA, 2010).

Gênero e turismo

Ao se tratar da questão de gênero, conforme o gráfico 3, a população masculina encontra-se em maioria (57,14%) envolvida com o turismo no Aventureiro, embora se verifique a participação tanto de homens quanto mulheres em funções semelhantes. Não obstante haja mulheres que exerçam atividades culturalmente masculinas e vice-versa, os homens ainda são predominantes nas atividades pesqueiras, por exemplo. Em contrapartida, ainda são as mulheres que desempenham com maior afinco os papéis relacionados ao preparo de refeições, à produção da "farinha de mandioca caiçara" local e às atividades ligadas à roça (plantação, cultivo e extração).

GRÁFICO 3. Gênero



De acordo com Costa (2008, p.16), os chefes de família ficam em casa recebendo e organizando os turistas em seus terrenos com a ajuda de algum filho homem ou vizinho, a quem remunera, dependendo do movimento. A

maioria dos jovens do Aventureiro, de ambos os sexos, em época de grande movimento, trabalha nos campings e restaurantes, já que o sucesso do trabalho depende das famílias e da divisão das tarefas. Já percebido por Zanatta (2010) em sua pesquisa de mestrado, é relevante destacar a importância não apenas das relações de parentesco no sistema econômico local, caracterizado pela divisão familiar de trabalho, mas também a importância do papel das mulheres no turismo.

O fato de o turismo de camping no Aventureiro ter começado por iniciativa das mulheres é uma característica fundamental da trajetória do turismo no local. Além de terem sido as pioneiras no atendimento aos visitantes, elas também eram responsáveis pelos campings durante a constante ausência de seus maridos pescadores. Mesmo quando os homens deixaram a pesca e passaram a se dedicar ao turismo, as mulheres continuaram, e continuam, a participar de forma fundamental na organização e administração dos negócios. São elas que cozinham, fazem a limpeza, cuidam de tudo enquanto os homens vão a Angra ou se dedicam ao trabalho nos barcos. (ZANATTA, 2010, p. 36)

Desse modo, tendo em vista a perspectiva de gênero, verificou-se que dos trinta e um homens, com idade de 20 a 50 anos, sete deles disseram trabalhar diretamente com o turismo, sendo que três desses sete exercem outra atividade – um declarou ser pescador, outro servidor público e o terceiro possuir renda oriunda de aluguel de imóveis – e dois desses trinta e um homens não declararam a função exercida. Já das vinte e três mulheres desse mesmo perfil etário, cinco delas declararam lidar com o turismo, todavia duas dessas cinco mulheres disseram exercer outras atividades, como tarefas da roça e cozinha. Todos os treze homens que possuem de 51 a 75 anos estão inseridos em atividades ligadas ao turismo, pesca, serviço de pedreiro, carpinteiro, barqueiro e, ainda, possuem a renda da aposentadoria. Das cinco mulheres que estão nessa mesma faixa etária, nenhuma apontou exercer atividades ligadas ao turismo.

Por fim, dentre os sete rapazes moradores do Aventureiro menores de vinte anos, três são estudantes e lidam com o turismo, um trabalha com frete de barco, um não declarou o que fazia e dois disseram somente estudar. Das onze meninas menores de vinte anos, apenas uma disse ser estudante e trabalhar com o turismo, outra não elucidou o que faz e as demais nove afirmaram apenas estudar. Cabe desvelar que, quando a análise é feita pelo

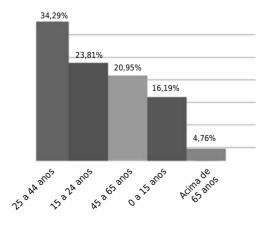
número de famílias que apontaram trabalhar com o turismo, de forma direta ou indireta, das vinte e nove famílias presentes na Vila do Aventureiro, vinte e seis dizem ter envolvimento com a atividade.

Das atividades exercidas pela comunidade e elencadas nas respostas dadas aos questionários, observa-se que: cinco homens e duas mulheres já são aposentados e treze homens, e nenhuma mulher, trabalham com a pesca. Apesar de nenhuma mulher ter a pesca como forma de trabalho, não foi observada a incidência de resposta por parte de homens que afirmassem trabalhar com serviços domésticos, trabalho exercido principalmente pelas mulheres. Sendo assim, três mulheres declararam ser domésticas e seis homens declararam trabalhar como auxiliares de serviços gerais. Cabe destacar que, sobretudo nos períodos de baixa temporada, as mulheres dedicam-se essencialmente às atividades domésticas.

Turismo e faixa etária

Com base ainda no questionário realizado com a população de jovens de 15 a 25 anos, a qual corresponde a um percentual de 23,81% do total de pessoas da Vila do Aventureiro, como destacado no gráfico 4, averiguou-se a vontade e/ou a propensão de atuar profissionalmente com a atividade turística, tanto direta como indiretamente.

GRÁFICO 4. Faixa etária



Dessa forma, a visão de futuro desses jovens é expressa da seguinte maneira: onze pessoas que já trabalham com o turismo, de alguma maneira, têm a pretensão de permanecer na atividade, mas consideram a possibilidade de trabalhar em outra atividade; e cinco pessoas querem trabalhar somente com o turismo no Aventureiro e, inclusive, se qualificar para o exercício do mesmo. Cabe ressaltar ainda que quatro dos jovens entre 15 e 25 anos entrevistados não querem atuar com o turismo; porém apenas um desses quatro disse não ter pretensão, em princípio, de se manter na comunidade, e os demais querem, mesmo atuando em outra área, permanecer no Aventureiro. A seguir estão destacadas falas de alguns jovens do Aventureiro sobre suas perspectivas futuras de vida:

"Eu tenho vontade de fazer algo que me permita ficar aqui mesmo, como biologia, mas não tenho nada definido. Eu gosto de trabalhar com turistas. Assim você conhece várias pessoas, faz amizade, e isso é mais difícil de acontecer em Angra dos Reis ou na cidade. Tem gente que chega aqui e quando me vê, me cumprimenta, conversa comigo, e eu às vezes, nem me recordo quem é". (Fábio, 23 anos)

"No momento eu estou pescando, mas tenho vontade de fazer algum curso técnico, só que não tenho nada definido. E quero continuar morando aqui, não tenho vontade de sair. Quero formar uma família, e ficar aqui a minha vida toda. Gostaria de trabalhar com turista, até porque já estou acostumado a lidar com turistas". (Josinei, 20 anos)

"Eu trabalho com o barco, desde cedo trabalhava com meu pai, por isso que não terminei os estudos, porque não tinha tempo para estudar. Eu já estou acostumado a trabalhar com os turistas. Adoro o Aventureiro, eu trabalharia em Angra ou em outra cidade se houver algo melhor, um trabalho melhor". (Rafael, 20 anos).

"Meu sonho é fazer biologia, pesquisar por aqui, pela ilha. Porque eu não quero sair da ilha. Eu não quero sair, aqui é bem mais calmo. Só quero sair para estudar mesmo." (Samara, 18 anos).

"Tenho vontade de estudar algo com o turismo em Angra, para poder trabalhar com o turismo no Aventureiro, porque gosto e já trabalho com isso". (Andriele, 18 anos).

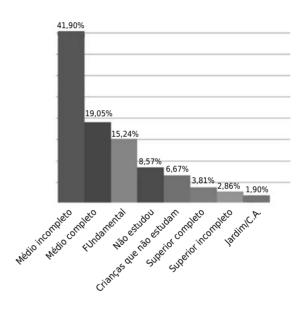
"Eu quero ser professora, trabalhar com alfabetização aqui no Aventureiro. Eu tenho vontade de sair para me formar, mas voltar para trabalhar aqui". (Débora, 15 anos).

Escolaridade e turismo

Destaca-se, aqui, o nível de escolaridade dos moradores (gráfico 5) e sua relação com as atividades ligadas ao turismo. Das quatro pessoas que possuem nível superior completo na Vila do Aventureiro, nenhuma delas é nativa. Dentre elas, duas têm acima de 60 anos e outras duas são maiores de 21 anos e a renda média salarial varia de R\$ 250,00 a R\$ 1351,00. Além disso, uma delas declarou exercer trabalhos ligados ao lar e, assim, a renda média salarial da família origina-se da atividade turística exercida por outro membro da família. Das duas pessoas que têm idade acima de 60 anos, a renda familiar provém, basicamente, da aposentadoria das mesmas, e varia com o exercício de atividades relacionadas ao turismo. Por fim, a quarta e única pessoa que declarou ter ensino superior completo, até o momento da aplicação do questionário, disse trabalhar, diretamente, com a atividade turística dentro da Vila do Aventureiro. Aqueles que apontaram possuir ensino superior incompleto (três pessoas, distribuídas em três famílias distintas) são igualmente não nativos e a renda média salarial varia de R\$ 451,00 até acima de R\$ 1351,00.

Desse modo, as famílias que possuem um membro com curso superior completo têm o seguinte perfil: uma tem sua renda gerada a partir de aluguel de imóveis, estabelecidos em outras partes do Estado do Rio de Janeiro, oscila com o exercício de atividades ligadas ao turismo; outra família tem sua renda proveniente do salário fixo de um membro, variável com o turismo e a pesca; e, por fim, há uma família que tem sua renda gerada pelo aluguel de caiaques, snorkel, aluguel de quarto e pesca, e que tem um membro que possui ensino superior incompleto e declarou trabalhar com o turismo.

GRÁFICO 5. Escolaridade



Já a população que declarou não ter estudo algum e/ou ser analfabeta, com idade acima de 40 anos, foi identificada pela análise dos questionários aplicados. A amostra desse perfil é dada pelo percentual de 8,57% de todas as 105 pessoas entrevistadas – moradores permanentes e temporários. No entanto, por mais que haja uma população de 8,57% de analfabetos, esta não demonstra incapacidade de desenvolver as atividades. Assim, o fato de não possuir formação não se mostra como entrave e/ou elemento impactante dentro da comunidade para realização, envolvimento e exercício da atividade turística, principalmente porque o turismo realizado no Aventureiro não exige qualificação e/ou formação em nível técnico e/ou superior em tal área ou áreas afins. As oito famílias, em que estão inseridos os nove indivíduos

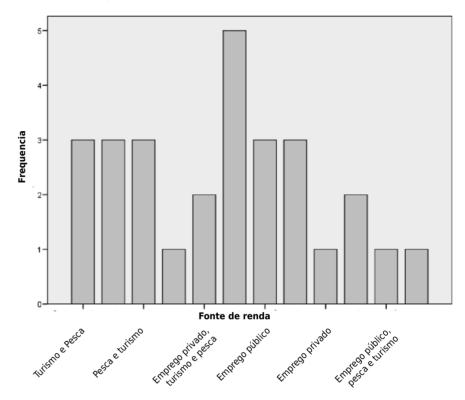
que afirmaram não possuir estudo algum, , unanimemente, envolvem-se com o turismo de alguma maneira, quer oferecendo alimentação, quer oferecendo camping e/ou outro tipo de serviço.

No Aventureiro, encontra-se a Escola Municipal Osório Manoel Correa – primeiro segmento do Ensino Fundamental – sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Angra dos Reis. Para cursar o segundo segmento do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, os jovens do Aventureiro devem ir à Vila de Provetá por meio de barco ou pela trilha que dura cerca de duas horas, caminho único e alternativo nos dias de mar revolto. Cabe ressaltar, entretanto, que, nos dias de muita chuva, a locomoção dos estudantes, mesmo pela trilha, é totalmente inviabilizada. Por conta da dificuldade enfrentada para se cursarem os demais níveis escolares em Provetá, os moradores do Aventureiro apontam para uma oferta alternativa de ensino na parte da noite, pois, desse modo, evitariam-se os transtornos referentes à difícil locomoção até Provetá, além de ser uma oportunidade para aqueles que trabalham durante o dia.

Atividades econômicas e ocupações profissionais

O gráfico 6 apresenta as principais fontes de renda dos moradores. A população que exerce algum tipo de trabalho é, representada por um percentual de 83, 81% da população total. Observa-se que das doze atividades e suas variações citadas como as que mais influenciam e/ou que possuem maior participação na renda das vinte e oito famílias da comunidade, verificou-se que dez atividades possuem ligação direta ou indireta com o turismo (pesca e turismo; aposentadoria, turismo e pesca; turismo e pesca; emprego público e turismo; emprego privado, turismo e pesca; turismo; aposentadoria e turismo; emprego privado e turismo; emprego público, pesca e turismo; aluguel de imóvel e turismo). Portanto, das vinte e oito famílias que responderam qual atividade representa a maior fonte de renda em ordem de importância, dezenove delas declararam ter no turismo uma atividade que ajuda a complementar a renda da família. As outras cinco famílias restantes apontaram ter o turismo como a única atividade provedora da renda familiar.

GRÁFICO 6. Principais fontes de renda



Desse modo, das seis famílias que possuem ocupações, em grau de importância de 1 a 3, dentre as atividades responsáveis pela maior participação na renda média familiar, o turismo é a segunda atividade mais importante e a pesca, a terceira atividade. De oito famílias que apontaram apenas o exercício de duas atividades, tendo o turismo como segunda atividade mais importante para o aumento da renda familiar, uma família possui um de seus membros trabalhando e/ou exercendo atividades com o turismo de camping. Cabe lembrar que, dentre essas oito famílias, uma não citou a pesca como uma atividade representativa, no entanto pelo menos um de seus membros realiza tal atividade. As demais famílias não deixaram claro que tipo de atividade exercem com o turismo.

Das cinco famílias que responderam ser, somente, o turismo a atividade que representa a maior fonte de renda familiar, verifica-se que três famílias

lidam com a pesca. As atividades relacionadas com o turismo são: camping, aluguel de quartos, passeios de barco, serviços de alimentação e transporte de passageiros. Apenas uma dessas cinco famílias não deixou claro o tipo de atividade que exerce com o turismo. Dos que elegeram ser o turismo a principal atividade para a família e em seguida a pesca, há um número de três famílias. Para elas, as atividades relacionadas ao turismo são dadas por meio de passeios turísticos, transporte de passageiros, aluguel de quarto, de caiaque e de snorkel.

Desse modo, apenas três famílias não apontaram o turismo nem a pesca como atividades que influenciam em suas rendas. Duas afirmaram ter suas rendas oriundas de trabalhos com carteira assinada e um de seus membros declarou ser pescador. Somente uma família não elencou atividade e/ou fonte de renda. Mas a única família que pontuou o exercício de outra atividade, a pesca e o turismo, não especificou as atividades exercidas com o turismo. Por fim, as três famílias que disseram ser a pesca a principal atividade e, em seguida, o turismo, também não deixaram claras as atividades que fazem com o turismo.

São treze as famílias que declararam trabalhar com a atividade pesqueira no Aventureiro. Entretanto, os pescadores do Aventureiro afirmam que hoje a atividade é voltada para suas famílias e para a atividade turística no local, ou seja, eles não pescam mais para venda em Angra dos Reis. Apenas dois pescadores são terceirizados e toda a sua produção é vendida para o dono do barco em que trabalham.

A relação dos moradores com a pesca é exemplificada nas falas abaixo:

"Eu vivia da pesca para venda em Angra dos Reis. Depois que o IBAMA proibiu a gente de pescar aqui na Praia e ainda criaram o Parque, tudo se acabou. Aí eu deixei a pesca e hoje pesco apenas para o bar da Neneca. Mas, eu não posso viver disso porque às vezes tem turistas e outras não. Como hoje que só vieram vocês. Você acha que atender quatro pessoas no bar sustenta uma família? Como é que eu vou fazer? Eu quero voltar a pescar, minha filha." – Sidney, morador.

"Não vale mais a pena a atividade da pesca, pois além de você correr o risco de ser pego e levarem tudo o que é seu, aqui não se tem lucro com a venda do peixe, porque é muito barato. Lá em Angra, eles triplicam o preço do peixe depois que sai do cais." — Zeca, morador. (O pescador Zeca vende a produção para o dono do barco em que trabalha. Apenas no verão pesca em barco próprio e vende para os bares da comunidade em forma de PF para os turistas).

"Hoje não sinto mais prazer em pescar e não queria ensinar meu filho também. Às vezes saio para pescar, mas apenas para alimentar minha família, mais nada. Meu filho mais velho também pesca para levar para casa, mas ele tem é que estudar, porque as pessoas não valorizam que a gente passe a noite lá fora pescando porque faz tempo que aqui na Praia do Sul não podemos mais pescar que o INEA proibiu e o IBAMA também". – Nezinho, morador.

Das vinte e nove famílias residentes no Aventureiro, vinte e oito informaram sua média salarial e ocupação e fonte de renda (gráficos 7 e 8) respectivamente. Observou-se, assim, que das duas famílias que declaram renda média de R\$ 250,00 a 450,00, a ocupação dos membros da mesma são: duas pessoas (mulheres) exercem atividades do lar; uma lida com a pesca; outra com o turismo; e, das três crianças que fazem parte dessa família, duas estudam e uma não está em idade de frequentar a escola. Cabe lembrar que as duas famílias unidas contabilizam um total de sete pessoas. Das oito famílias que possuem renda salarial que varia de R\$ 451,00 a 675,00, e são compostas por 27 membros em total, tem-se que: cinco pessoas (mulheres) exercem atividades do lar; quatro são pescadores; quatro são aposentados; um trabalha com o turismo de camping; dois trabalham com serviços de limpeza; um faz frete de barco; um é ajudante de carpinteiro; um trabalha com o turismo; quatro são estudantes; dois não estão em idade de estudar; três não deixaram claro o tipo de ocupação que possuem.

Das vinte e duas pessoas, divididas em cinco famílias, que afirmaram ter média salarial de R\$ 676,00 a R\$ 900,00, as ocupações são: um é funcionário

público; um faz serviço público e/turismo; dois são pescadores; duas mulheres são do lar; duas mulheres são domésticas; um é caseiro; um trabalha para a prefeitura; um é pedreiro; um é aposentado; seis são estudantes; um não está em idade de estudar; e dois não especificaram algum tipo de ocupação. Das sete famílias que possuem 23 membros ao todo, com renda de R\$ 901,00 a 1350,00, as ocupações são:: dois são pescadores; um é aposentado e trabalha com turismo; um trabalha na lavoura e com o turismo; uma mulher é do lar; uma mulher é doméstica e do lar; uma mulher é professora; um é zelador de escola; um é funcionário da prefeitura; um é barqueiro; um é estudante e/ atendente; um é atendente; um trabalha com aluguel e turismo; um trabalha com turismo; um é guarda do Parque; seis são estudantes; um não está em idade de estudar; e um não esclareceu sua ocupação atual.

Por fim, das vinte e sete pessoas pertencentes a seis famílias que possuem média salarial acima de R\$ 1351,00, as atividades e/ou ocupações são elencadas da seguinte maneira: um é pescador; um é pescador/pedreiro/carpinteiro e lida com o turismo por meio de barco; um lida com o turismo e com a pesca; um é agente comunitário de saúde; um é vigia florestal; um trabalha no serviço de limpeza pública; um é auxiliar de serviços gerais; um é professor; um é aposentado; um trabalha com aluguel; uma mulher é do lar; um trabalha no INEA; um cozinha e trabalha com a roça; três são estudantes; quatro trabalham com turismo; dois são estudantes e exercem funções no turismo; três não disseram a ocupação exercida.

Das vinte e oito famílias que apresentaram a renda média salarial e ocupação profissional, apenas duas delas não apontaram ter ligação, quer de maneira direta quer de maneira indireta, com a atividade turística. Vinte e seis famílias que afirmaram ter relação direta ou indireta com o turismo, mencionaram as comemorações de Ano Novo, Carnaval e Semana Santa como os eventos que melhor propiciam o envolvimento com a atividade turística no Aventureiro com o consequente acréscimo na renda média familiar.

GRÁFICO 7 Qual é a média salarial da família?

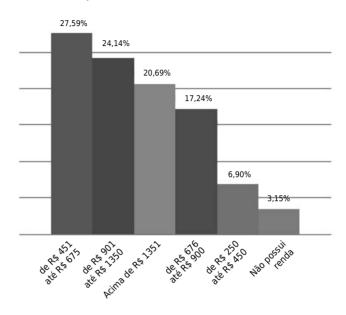
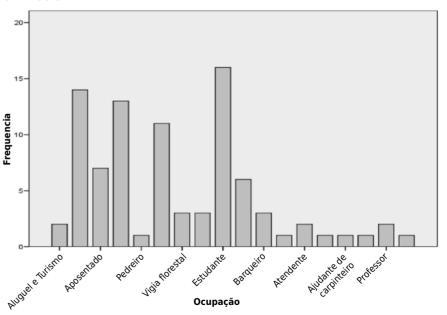


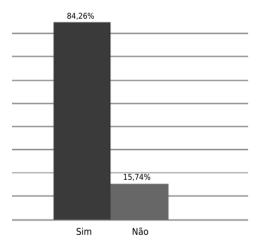
GRÁFICO 8



Origem dos moradores

A análise dos dados referentes à origem dos não nativos (gráfico 9) e às motivações de escolha do Aventureiro como residência fixa permite elucidar que, desde a criação da REBIO³ em 1981 – todo o contexto de conflitos, limitações e pressões, vivido pelo "Povo do Aventureiro", não implicou redução e/ou diminuição da população autóctone. Dentro do percentual de 84,76% dos que são nativos, encontra-se uma população de 44 pessoas que possuem de 0 a 29 anos. Isso significa que, portanto, houve acréscimo de pessoas nativas à Vila do Aventureiro, desde que foi proibida a presença humana, por meio da REBIO, há 29 anos.

GRÁFICO 9. Você nasceu na comunidade?



Do mesmo modo, a presença da REBIO freou o fluxo imigratório para a Vila, o que diferenciou o processo de migração do lugar comparativamente com as demais localidades da Ilha Grande. Registra-se, no entanto, a chegada de novos moradores não nativos após a criação da RBPS. Assim, dos

15,24% dos não nativos que vivem na comunidade atualmente, 14,28% se estabeleceram na Vila após a criação da RBPS. Assim, a motivação de 17,24%, dentre esses mesmos 14,28%, é o sentimento de paixão pelo local tranquilo e belo, , razão pela preferência do lugar.

Das dezoito pessoas não nativas que vivem no Aventureiro, quatorze pessoas declararam originar-se das demais localidades do Estado do Rio de Janeiro (inclusive Angra dos Reis e Ilha Grande). Apenas uma família provém do Estado de São Paulo e as demais não declararam a origem. Essas pessoas declararam estar no Aventureiro entre 4 a 16 anos.

Entre moradores temporários, representados por um percentual de 5,71%, destacam-se como atividade de ocupação as relacionadas à docência, pesca, carpintaria, obra, roça, cozinha e ao turismo e aluguel de imóveis, muitas delas consequentemente responsáveis pela principal fonte de renda. Cabe destacar a dinâmica existente entre os que estão na vila transitoriamente, pois exercem, durante sua estada temporária, atividades remuneradas relacionadas ao turismo.

Religião

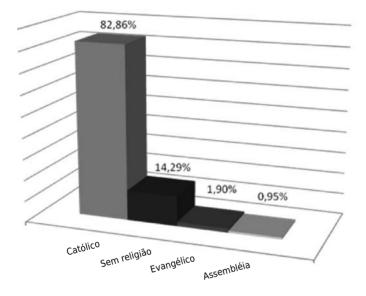
Apesar da proximidade com a Vila de Provetá, onde a Igreja Assembleia de Deus marca presença há mais de setenta anos (COSTA, 2008), a Vila do Aventureiro apresenta uma prática religiosa completamente oposta: 82,86% dos seus moradores se designam católicos; 14,29% dizem não possuir religião; 1,90% se diz evangélico; e um percentual de 0,95% se classifica como assembleiano (gráfico 10), ou seja, apenas um morador da Vila do Aventureiro faz parte da Igreja Assembleia de Deus, igreja sediada na Vila de Provetá.

Em uma comunidade caracterizada historicamente como católica, as celebrações das missas ocorrem aos domingos (geralmente às 20 horas), celebrada pela moradora Lucinea (conhecida como Lúcia). A moradora conta com a cooperação dos demais moradores (especialmente das mulheres) para leitura bíblica, organização no interior da igreja, distribuição dos folhetos das canções, entre outras atividades. Além da importante disposição dos

³ A REBIO dispõe, entre outros, acerca da desapropriação de áreas particulares, da expulsão de moradores, da proibição de visitações, exceto as de fim educacional. Essa categoria está exposta nos incisos primeiro e segundo do Art. 10, contido no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, 2000).

que organizam a missa, outro fator, com similar importância, refere-se à alegria com que a missa é conduzida e o entusiasmo com que as canções são entoadas. Entre tais canções, cabe destacar a de nome "A Viagem", pois possui trechos que estabelecem e/ou visualizam os sentimentos daqueles que escolhem a Vila para se "aventurar".

GRÁFICO 10. Religião



A VIAGEM

"Eu vim de longe pra encontrar o meu caminho,

Tinha um sorriso e o sorriso ainda valia.

Achei dificil a viagem até aqui, mas eu cheguei, mas eu cheguei.

Eu vim depressa, eu não vim de caminhão.

Eu vim a jato neste asfalto e nesse chão.

Achei dificil a viagem até aqui, mas eu cheguei, mas eu cheguei.

Eu vim por causa daquilo que não se vê.

Vim nu, descalço, sem dinheiro e o pior,

Achei difícil a viagem até aqui, mas eu cheguei, mas eu cheguei.

Eu tive ajuda de quem você não acredita.

Tive a esperança de chegar até aqui.

Vim caminhando, aqui estou, me decidi: Eu vou ficar, eu vou ficar".

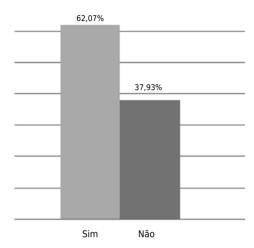
O fator religiosidade incide em comemorações de cunho religioso católico, como é o caso das comemorações da Festa de Santa Cruz: o "Povo do Aventureiro" se reúne todos os anos, no mês de janeiro, para homenagear a Santa Cruz e as Festas Juninas (ou Julinas). Cabe ressaltar que, muito embora as Festas Juninas (ou Julinas) já não tenham mais tanta relação com o aspecto religioso católico, tais comemorações, na Vila do Aventureiro, objetivam arrecadar dinheiro, assim como ocorre nas comemorações de Santa Cruz, para reverter parte para a Associação de Moradores da Praia do Aventureiro e parte para a Igreja Católica local.

As festas possuem destaque devido à existência de cooperação entre os moradores. Cada morador se incumbe de realizar alguma função/tarefa, como na preparação de algum prato que será vendido nas festividades. Um destaque para a Festa de Santa Cruz, chamada pelos turistas de Festa da Lua, é que, para os moradores, não é apenas mais uma comemoração, mas também a única época do ano em que a comunidade recebe um padre para realizar todos os batizados, comunhões e casamentos dos moradores.

Bens materiais e turismo

Uma das maiores reclamações dos moradores é a ausência de infraestrutura: energia, comunicação, saneamento básico, etc. No Aventureiro, não há energia elétrica e tal elemento é uma particularidade, principalmente do ponto de vista do turista, para muitos moradores é um motivo de insatisfação, sobretudo porque a energia existente no Aventureiro é à base de gerador a diesel (gráfico 11), o que tem um custo elevado para as famílias. Além disso, para os moradores, esse tipo de energia não representa uma alternativa "ecologicamente correta", já que produz poluição sonora, poluição do ar e está inserida em uma REBIO.

GRÁFICO 11. Possui gerador em casa?



Embora o uso do gerador suscite, por parte das famílias que o utilizam – tanto de maneira direta (gerador próprio) como de maneira indireta (energia utilizada de geradores de terceiros) – discussões pertinentes quanto aos seus impactos negativos, ele proporciona aquisição e uso de geladeiras, *freezers*, televisão, computadores, etc. Para além disso, os empreendimentos domiciliares que possuem gerador oferecem alguns diferenciais ao turista, proporcionados, por exemplo, por chuveiro elétrico, televisão, uso do *freezer* e da geladeira, conservação de alimentos e bebidas. Tal vantagem é sentida pelos moradores que tanto utilizam esses equipamentos de maneira pessoal, quanto profissional.

A média salarial dos que possuem gerador varia de R\$ 451,00 a acima de R\$ 1351,00. Das famílias que não possuem gerador, uma não possui renda e as demais declararam média salarial em torno de R\$ 250,00 a acima de R\$ 1351,00. Desse modo, das dezoito famílias que possuem gerador, seis delas têm renda de R\$ 451,00 a R\$ 675,00; quatro possuem média salarial de R\$ 676,00 a R\$ 900,00; três possuem renda de R\$ 901,00 a R\$ 1350,00; e cinco famílias têm , a renda salarial média acima de R\$ 1351,00. Das onze famílias que não possuem gerador – exceto a família que não declarou média salarial – duas têm renda média de R\$ 250,00 a R\$ 400,00; duas possuem renda de R\$ 451,00 a R\$ 675,00; uma possui renda de R\$ 676,00 a R\$ 900,00; quatro

possuem média salarial de R\$ 901,00 a R\$ 1350,00; e apenas uma família tem renda acima de R\$ 1351,00.

Observa-se, portanto, que a renda média salarial dos que possuem gerador é, proporcionalmente, maior à dos que não possuem. Cabe destacar ainda que, das famílias que possuem gerador, doze moram na praia e apenas seis vivem no morro; e das que não possuem gerador, três estão na praia e oito residem no morro.

Sistema de informação e comunicação

O cruzamento entre as informações sobre os equipamentos de TV – existência e quantidade dos mesmos no Aventureiro – e as informações acerca do principal meio de notícia/informação do "Povo do Aventureiro" é feito pela seguinte prerrogativa: por ser o Aventureiro uma comunidade isolada e/ou com relevante distância do continente, onde as informações são veiculadas com menor rapidez, a televisão, a partir do momento em que os geradores são ligados, por volta das seis da tarde, exerce, além de sua funcionalidade de entretenimento, o papel de um dos principais veículos responsáveis por levar informação à comunidade e também aos que nela fazem estada. Ao perguntar para as vinte e nove famílias do Aventureiro sobre qual seu principal meio de informação, foi possível observar, a partir das respostas dadas aos questionários, que, para vinte e duas famílias, a televisão e, somente ela, cumpre esse papel.

As demais famílias restantes apontaram ter não só na televisão, mas no telefone, rádio e internet o principal elemento de informação. Cabe elucidar que duas famílias não indicaram algum item como responsável por lhes fornecer informações. Portanto, a televisão, para a comunidade do Aventureiro, se traduz como um meio de entretenimento, veículo de informação e também como um diferencial para os empreendimentos domiciliares que dela dispõem.

GRÁFICO 12. Possui telefone fixo em casa?

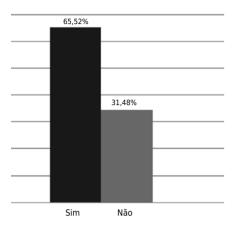
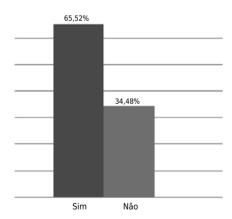


GRÁFICO 13. Possui telefone celular em casa?



As dificuldades de comunicação ocasionadas pela distância da Vila do Aventureiro com o continente fazem dos meios de comunicação instrumentos de grande necessidade, sobretudo os de relação direta com áreas externas à Vila, como o telefone (gráficos 12 e 13), por exemplo. Na ocorrência de acontecimentos com alto grau de emergência, é possível pelo telefone acionar órgãos competentes a prestarem socorro aos que no Aventureiro vivem e aos que ali estão em estada. Desse modo, já que existem apenas dez

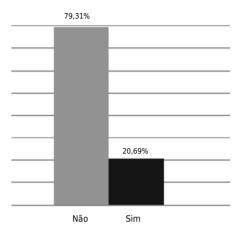
casas e/ou famílias que possuem linha telefônica, tais telefones tornam-se consequentemente públicos e/ou de acesso mais livre aos que necessitam da comunicação de emergência e/ou pedido de socorro.

É importante elucidar que, embora haja dez linhas telefônicas na Vila, as famílias sofrem quando com a questão do tempo interfere no seu funcionamento. Em épocas de tempestades de chuva, os telefones muitas vezes não funcionam. Assim, há uma moradora responsável por entrar em contato com a Defesa Civil e outros órgãos de Saúde Pública, a moradora Lúcia, que é a agente de saúde da localidade.

Acerca dos moradores da Vila do Aventureiro que possuem telefones fixos e celulares, destaca-se a relação proporcionalmente inversa entre aqueles que não possuem telefones fixos e os que possuem telefones celulares. Ou seja, enquanto 65,52% dos moradores não possuem telefones fixos, esse mesmo percentual possui telefones celulares. O fato que chama a atenção é que os telefones móveis (celular) não possuem sinal disponível para serem utilizados no Aventureiro. Todavia, os moradores do Aventureiro ao frequentarem lugares providos de sinal telefônico para celulares, não estão alheios a esse meio de comunicação.

O perfil das seis famílias que possuem computadores na Vila do Aventureiro é dado por quatro grupos familiares que residem na praia e dois que vivem no morro – é nesta localidade (gráfico 14), inclusive, que o acesso a internet é facilitado e/ou possível para uma família, através do sistema de internet discada. A renda média dessas famílias varia de R\$ 451,00 a acima de 1351,00. Na família que possui média salarial de R\$ 451,00 a R\$ 675,00, seus membros possuem ensino superior e médio completo. Nas duas famílias que possuem renda de R\$ 901,00 a 1350,00, os níveis de escolaridade são: ensino pré-escolar em andamento, ensino fundamental incompleto, ensino médio incompleto e superior incompleto. Nas três famílias que possuem renda média acima de R\$ 1351,00, a escolaridade é dada por: ensino fundamental completo, fundamental incompleto, fundamental em andamento, médio completo, superior completo e superior incompleto. Dessas mesmas seis famílias, em um total de vinte e duas pessoas, cinco têm membros não nativos e apenas uma família é composta somente por nativos. Desse modo, nove pessoas, distribuídas nas seis famílias que possuem computadores, não são nativas e treze pessoas são nativas.

GRÁFICO 14. Possui computador em casa?



Foi verificado ainda que todas as seis famílias, que possuem computadores, também possuem televisor (es), geladeira (s) e *freezer* (s). Além disso, quatro famílias possuem telefone fixo e celular; uma família possui apenas telefone fixo; e outra, apenas telefone celular.

Meio de transporte

Das doze famílias que possuem barco (gráficos 15 e 16), cabe destacar que apenas três residem no morro, de modo que a utilização dos barcos foi elencada da seguinte forma: as três famílias fazem uso do barco para pescar; no entanto, duas usam-no para fazer passeios turísticos e transportar passageiros de Angra dos Reis até o Aventureiro e uma utiliza-o para transporte pessoal, familiar ou de amigos, inclusive para lazer (gráfico 17). É importante destacar que essas três famílias não apontaram ser o turismo a sua principal fonte de renda, entretanto o exercício de atividades feitas por meio do barco, seja a pesca ou as demais atividades elencadas acima, exerce variação crescente na renda média familiar, significando, portanto, de acordo com essas famílias, ser a atividade turística o principal agente responsável por essa, sobretudo, porque a pesca pode ser melhor escoada e mais demandada em períodos de incidência turística na Vila do Aventureiro. Cabe elucidar ainda

que, das famílias do morro que especificaram o tipo de barco que possuem e a quantidade dos mesmos, apenas uma família declarou possuir uma traineira. Das nove famílias situadas na praia, sete delas possuem apenas um tipo de barco, uma possui dois tipos distintos e somente uma possui três barcos.

GRÁFICO 15. Algum membro da família possui barco?

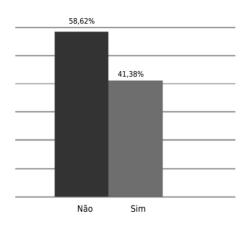


GRÁFICO 16. Qual o tipo do barco?

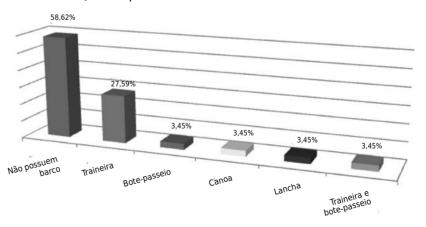
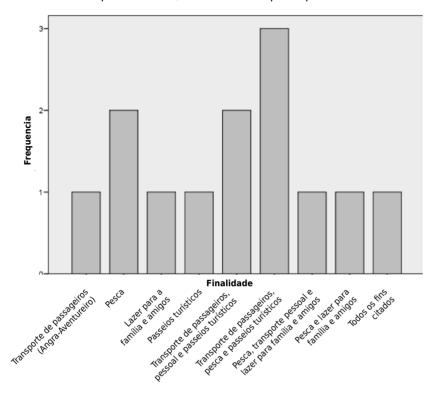


GRÁFICO 17. Se possui barco, ele é utilizado para que fim?



Portanto, das famílias residentes na praia, excetuando-se as quatro famílias que disseram não fazer uso do barco para fins relacionados com o turismo diretamente, cinco afirmaram ter sua renda familiar em variação nas temporadas turísticas, seja pelo aluguel de camping, seja pelos passeios com turistas e transporte de passageiros, seja pela pesca. Do mesmo modo, das quatro famílias que não elencaram atividades feitas com o barco para fins direto ou indireto (como é o caso da pesca) para o turismo, uma disse ter sua renda variável tanto com turismo, por meio de hospedagem, quanto pela pesca. Outra família afirmou ter sua renda variando com o turismo, no entanto não especificou como, cabendo destacar, portanto, que essa família, por meio do barco que possui, pesca.

Inserida na questão ligada à "legalidade" e à "ilegalidade", uma das atividades também consideradas ilegais é o transporte de barcos. Trata-se de

uma preocupação local, já que impede as embarcações dos moradores de transportar passageiros entre Angra e o Aventureiro, pois estas não estão autorizadas a navegar em mar aberto, apesar de muitos moradores possuírem habilitação para pilotar os barcos. A regularização dos barcos demanda alto recurso financeiro, o que está fora das possibilidades dos moradores. Por essa razão, no período de maior fluxo (feriados prolongados e férias), a TurisAngra oferece aos turistas a opção de transporte de um grupo de barqueiros cadastrados e legalizados, porém não moradores do lugar. Mesmo incluído nesse impedimento legal, nenhum morador que tenha barco deixa de realizar o transporte de turistas e moradores (MENDONÇA, 2010).

Futebol e "mulheres roubadas"

Ser destaque como um dos países que melhor "entendem" e/ou melhor demonstram suas habilidades e técnicas no futebol, faz despertar, além da atenção dos que apreciam este esporte, uma grande influência no imaginário e no cotidiano do povo brasileiro. O tradicional samba, os churrascos dos feriados e finais de semana, e outros acontecimentos que nos são comuns no Rio de Janeiro, por muitas vezes, se fazem no entorno da "clássica pelada de futebol". Dentro da Vila do Aventureiro, essa tradicional partida de futebol, parece ter quase que um lugar sagrado para sua realização, essencialmente, nas tardes de domingo. Constituindo-se como uma das principais práticas de lazer do Aventureiro, o futebol consegue espaço na pausa das atividades rotineiras do "Povo do Aventureiro". E o que merece destaque nas partidas da comunidade é que homens e mulheres se engajam no esporte com o mesmo comprometimento.

Os homens são os primeiros a começarem a partida. Eles formam seus times, revezando-se entre eles para que os times possam se diversificar e, horas mais tarde, as mulheres entram em "campo", geralmente quando os demais compromissos já estão prontos. Elas se dividem entre solteiras e casadas e iniciam suas partidas. Cabe lembrar ainda que, nas festividades de Dia das Mães, Dia dos Pais, Festa de Santa Cruz, Natal e outras, os times (masculino e feminino) de futebol do Aventureiro organizam seus torneios

com outras equipes, vindas geralmente de Provetá ou de outras localidades da Ilha. De acordo com o morador Fábio, os times masculinos que participam dos torneios de futebol na Vila do Aventureiro são: "Tá na Boca", "Fazenda", "Morro do Céu" e "Costeira". Já para enfrentar o time feminino, há o time do "Sapê" e o "Provetá".

Além das partidas de futebol, outra característica envolvendo homens e mulheres do Aventureiro refere-se à maneira como se dava a união dos casais da Vila. De acordo com relatos da moradora Lúcia, as mulheres eram "roubadas" pelos homens (seus futuros maridos) e, fugindo de casa, elas ficavam durante um tempo em estada na residência dos pais do rapaz até irem os dois – a mulher que fugiu e o homem que a roubou – até a família da moça revelar a união de ambos. Ainda segundo Lúcia, as mulheres eram roubadas e fugiam porque não podiam fazer festa de casamento, desse modo a fuga caracterizava quase uma obrigação ao matrimônio.3.

Considerações finais

A análise dos dados levantados, os questionários aplicados no ano de 2009 e a pesquisa até 2010, permitiu constatar que a comunidade da Vila do Aventureiro, apesar de sofrer com questões conflituosas, limitantes e de pressão advindas dos mais diversos aspectos – desde que nos anos 1980, sobretudo, a localidade passou a ser considerada como área de reserva biológica – não permitiu a expulsão dos que ali vivem. Apesar de todas as adversidades existentes na localidade, derivadas, principalmente, do isolamento e do afastamento do continente, o "Povo do Aventureiro" não se viu motivado em deixar suas raízes e seus laços de pertencimento.

Muito contrariamente à lógica das adversidades e à lógica imposta pelas regulamentações pertencentes ao que se estabelece para uma reserva biológica, a população que ali vive teve, após estabelecimento da reserva, o nascimento de quarenta e quatro pessoas na localidade e ainda teve a entrada e/ou estabelecimento de residências de não nativos. A partir da verificação dos dados coletados, pôde-se notar uma nova dinâmica da localização das residências, diferente do que se tinha com os caiçaras há alguns anos, quan-

do o plantio para subsistência tendia para uma preferência da fixação das residências nas áreas de morro. O que se percebe é um aumento das construções habitacionais ao longo da praia e não tanto mais no morro. Essa nova dinâmica trazida pelo turismo, sobretudo a partir dos anos 90, confere ao "povo do Aventureiro" uma nova realidade e/ou alternativa frente às atividades tradicionais, as quais já não podem mais ser exercidas, diante das limitações estabelecidas no Art. 10 - Inciso primeiro, segundo e terceiro - do Sistema Nacional de Unidade de Conservação sobre as Reservas Biológicas.

O turismo, enquanto atividade econômica principal de algumas famílias e complementar da renda de outras, ainda ocorre, de forma que caracteriza o modo de vida local, seus limites e imposições. As limitações são notórias desde o primeiro contato no translado até o Aventureiro: os barcos de posse dos moradores não são legalizados para navegar em mar aberto e aqueles que são de posse de barqueiros de Angra dos Reis (legalizados) são bastante desorganizados e não cumprem horários de saída e dia de retorno, o que muitas vezes prejudica a atividade no Aventureiro.

No entanto, entre situações de limite, situações de "ilegalidade" e de dificuldades, como as exposições frequentes a variações climáticas, o "povo do Aventureiro" – os caiçaras da Ilha Grande – dão a esse ambiente insular um diferencial se comparado aos demais destinos turísticos do país.

Referências bibliográficas

ADAMS, C. As Roças e o Manejo da Mata Atlântica pelos Caiçaras: Uma Revisão. *Revista Interciência – Revista de Ciencia y Tecnología de América*. Vol. 25. No. 003. Caracas - Venezuela, Maio/Junho de 2000, p. 143 – 150. ISSN. 0378-1844. Disponível em: <www. interciência.org/v25_03/adams.pdf.> Acesso em: 06 de Setembro de 2010.

COSTA, G. V. L. A população do Aventureiro e a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul: conflitos e disputas sob tutela ambiental. Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2004.

_____. O Aventureiro, Ilha Grande - RJ: Uma análise de mudança social. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2008. 325 p.

COSTA, G. V. L. da; CATÃO, H.; PRADO, R. M. Praia do Aventureiro: um caso sui generis de gestão local do turismo In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (orgs). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 177-197.

FERREIRA, H. C. Redefinindo Territórios: preservação e transformação no Aventureiro – Ilha Grande (RJ). Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/ICHS/CPDA, 2004. p. 111.

INGOLD, T. Jornada ao Longo de um Caminho de Vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação. In: *Religião e Sociedade*. 2005. vol. 25, n 1, p. 76–110.

MENDONÇA, T. C. de M.; FONTOURA, L. M. Reserva biológica, reserva de desenvolvimento sustentável ou área de proteção ambiental? Turismo, restrições e possibilidades na vila do aventureiro. In: MEDEIROS, R; SILVA, P. H. da, IRVING, M. de A. P. *Áreas protegidas e inclusão social: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro, vol 4, n. 1, 2009. p. 235-237.

MENDONÇA, T. C. de M. Que paraíso é esse: a turismização da Ilha Grande. Tese de doutorado: Rio de Janeiro: UERJ/IFCH/PPCIS, 2010.

MENDONÇA, T. C. de M.; BRANDÃO, L. P. N. O Povo do Aventureiro: turismo, recategorização e inclusão. In: XI Encontro de Turismo de Base – Turismo e Transdisciplinaridade: Novos Desafios. Niterói, UFF, 2010. p. 1140-1153.

PRADO, R. De praias que viram morros e do valor da natureza. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG: 2005.

ZANATTA, R. Abraão e Aventureiro: pensando o turismo de camping na Ilha Grande-RJ. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: UERJ/IFCH/PPCIS, 2010.

A oferta turística da Vila do Aventureiro e os empreendimentos domiciliares e familiares

Deiner Clark Tavares Júnior Pamela Figueiró Mendonça Teresa Cristina de Miranda Mendonça

Introdução

O terceiro capítulo intenciona apresenta o resultado do estudo da oferta turística do Aventureiro. Com a finalidade de obter informações sobre a cadeia produtiva do turismo local, foi realizada uma pesquisa inicial da oferta pela equipe do projeto "O povo do Aventureiro – fortalecimento do turismo de base comunitária" em novembro de 2009 e atualizada até o fim do projeto em dezembro de 2010. Nessa pesquisa, foi registrado o número de empreendimentos ligados de forma direta ou indireta ao turismo, desde a produção de vinagre de banana e farinha até negócios domiciliares ligados a meios de hospedagem e alimentos e bebidas.

Tal pesquisa buscou identificar o número de negócios existentes, os empreendedores locais, e o serviço ou os produtos ofertados. Este capítulo revela dados quantitativos e qualitativos da pesquisa, conforme relatório de análise dos dados coletados. Não apenas foram identificadas as atividades, mas também cada uma foi descrita, levando em consideração a característica do local, período de funcionamento, forma de pagamento, divulgação e dificuldades que os empreendedores locais passam para realizar e oferecer o produto ou serviço.

Vilaça e Maia (2006) registraram no Aventureiro, em 1984, uma comunidade que vivia da exploração de recursos naturais: pesca nas praias, caça eventual e agricultura doméstica, além da pesca embarcada. No entanto, com a implosão do Instituto Penal Cândido Mendes em 1994, uma nova atividade chega ao lugar, o turismo. Diretamente influenciado pela presença da Reserva Biológica da Praia do Sul, criada em 1981, e motivado pela implosão do referido Instituto Penal, o turismo se desenvolveu de forma diferenciada das demais enseadas da Ilha, sem especulação imobiliária, crescimento urbano, transformação da paisagem, privatização de praias e trilhas, cheiro de esgoto, imigração, todas as características de grande parte da Ilha Grande e de seu modelo de turismo predominante, o que representa uma ameaça pela concorrência desigual com os nativos que possuem baixo recurso financeiro e poucos conhecimentos na área, motivo de sua exclusão das atividades ligadas ao turismo (MENDONÇA, 2010).

Por essa razão, a Vila do Aventureiro, conforme Prado (2005, p. 14), "...é a única praia da Ilha que a comunidade local tomou inteiramente em suas mãos a condução do turismo que ali ocorre, totalmente a seu jeito." A iniciativa de turismo de base comunitária protagonizado pelo "povo do Aventureiro" representa a forma pela qual os moradores se apropriaram do turismo, regido por lógicas e imposições externas e o transformaram em favor de seus referenciais culturais. Dois elementos configuram o do turismo local: os empreendimentos domiciliares são, em quase sua totalidade, de propriedade e gestão das famílias; e a localização da Vila, situada dentro da Reserva Biológica da Praia do Sul (MENDONÇA, BRANDÃO, 2010). O turismo é caracterizado como de base comunitária, pois sua gestão se concentra nas mãos dos moradores, em sua maioria nativos, e com um trabalho de base familiar.

O turismo local se baseia em uma cadeia produtiva caracterizada por

empreendimentos domiciliares e familiares que não possuem o aspecto físico de um empreendimento turístico reconhecido no mercado, pois, por serem contíguos às casas, continuam tendo aspecto de residências. O sistema turístico local é caracterizado pela oferta de hospedagem em campings nos quintais das residências, aluguel de quartos e casas e empreendimentos familiares diversos como: bares, passeios de barco, transporte de barco entre Angra dos Reis e o Aventureiro, aluguel de caiaque, prancha de surfe e snorkel e produção e venda de artesanato, farinha, doces e salgados.

Em pesquisa de mestrado realizada em 2004, Ferreira descreve algumas atividades econômicas praticadas pelos moradores locais, tidas como as principais fontes de renda. Como resultado, detectou-se que cerca de 46% dos moradores estavam envolvidos com as atividades ligadas diretamente ao turismo (camping, transporte de barcos e bares) (tabela 1).

TABELA 1. Atividades econômicas praticadas - 2004

Atividades/Profissão	Moradores
Campings	15
Pesca	14
Agricultura	12
Bar	10
Funcionários Públicos	09
Barcos que trabalham com transporte	05

Fonte: Ferreira (2004)

Em pesquisa realizada em dezembro de 2009 pela equipe da UFRRJ, foram registrados 29 empreendimentos domiciliares. Ademais, 75% dos moradores estão envolvidos direta ou indiretamente com atividades ligadas ao turismo (tabela 2).

TABELA 2. Atividades econômicas praticadas - 2009

Atividades/Profissão	Moradores
Campings	20
Pesca	12
Alimentos e bebidas	15
Funcionários Públicos	11
Transporte	05
Outros serviços e equipamentos turísticos*	09

^{*} aluguel de prancha de surfe, equipamento de mergulho

Constata-se um aumento de 29%, em cinco anos, no número de moradores envolvidos diretamente com o turismo. É importante destacar que 65% dos empreendimentos ligados ao turismo são de posse e gestão de moradores nativos.

Destaca-se que, algo que favoreceu a inclusão do povo do Aventureiro no turismo, com a mudança da pesca assalariada, foi a pouca necessidade de investimento financeiro para início e manutenção dos negócios (COSTA *et al*, 2009), devido ao perfil dos empreendimentos domiciliares que apresentam um caráter doméstico e familiar. Por essa razão, Zanatta (2010) cita a forte marca da força das relações de parentesco, por exemplo com a divisão familiar do trabalho nos campings no Aventureiro, o que também é constatado como estrutura multiplicada nos demais tipos de negócios locais.

O inventário da oferta, dividido em quatro tópicos, permite entender características singulares de como acontece o turismo no local. Por essa razão, tendo como base as unidades familiares, buscou-se considerar qualquer tipo de produção local mesmo que esses moradores ainda não estejam inseridos de forma direta na cadeia produtiva do turismo.

No primeiro tópico, são ressaltados os atrativos naturais e culturais. Fazendo um resgate da importância de cada um, os atrativos de ambas as classificações têm participação intrínseca nesse elo entre comunidade e natureza, caracterizando a singularidade do que é hoje o Aventureiro. O segundo trata da infraestrutura turística disponível. Nesse item, encontra-se o detalhamen-

to dos negócios locais, que revela como funciona a cadeia econômico-produtiva. O terceiro tópico traz dados sobre a infraestutura básica, que, nesse caso, discorre sobre como é tratado o esgoto e a utilização da água, e o modo como lidam com a ausência do serviço de energia elétrica e com a precariedade do sistema de comunicação. O quarto mostra como é trabalhada a questão relativa à gestão local do turismo, diretamente ligada ao controle do fluxo de turistas e ao plano de carga criado em 2006.

Atrativos turísticos

No Aventureiro, a natureza é sem dúvida um dos maiores fatores de atratividade local, o que é comprovado na pesquisa realizada com os turistas. A areia da praia fina e branca e sua paisagem, reunindo o encontro do mar e a Mata Atlântica, revelam o que o lugar tem de especial. Por mais que a criação da Reserva Biológica da Praia do Sul - RBPS tenha resultado em conflitos e restrições diversas aos moradores, ela cumpriu o seu papel de proteger um dos maiores valores da Ilha, a natureza, e, paradoxalmente, protegeu os moradores do Aventureiro, ao não permitir a ocupação do lugar de forma irregular, sobretudo com a especulação imobiliária. A tranquilidade local, representada pelo isolamento físico da praia, pelo pequeno número de moradores, pela ausência de luz elétrica e de outros recursos tecnológicos e de comunicação que dariam um aspecto urbano ao lugar, são elementos que também diferenciam a vila.

Os atrativos naturais são: a Pedra da Espia, a Praia e a Pedra do Demo, o Coqueiro Deitado, a Trilha e o Mirante do Sundara. O nascer e o pôr-do-sol, observar as estrelas que nos saltam aos olhos na escuridão da vila, faz um diferencial na relação do homem com a natureza.

Os atrativos culturais – a Igreja de Santa Cruz, a Festa de Santa Cruz, a Festa Julina, a casa de farinha e a roça – apresentam um pouco sobre a história e a vida do "povo do Aventureiro". Tido como "os mais caiçaras" da Ilha, seu modo de vida e suas histórias que entretêm dão ao lugar um toque diferencial.

e caiaque, produção e venda de artesanatos.

Atrativos naturais

Coqueiro Deitado: Este é o coqueiro mais fotografado do mundo! O símbolo do Aventureiro e o cartão postal do lugar. Recebeu esse nome pelo seu curioso formato em "L". De acordo com os moradores, o coqueiro tinha o formato comum de todos os outros, mas houve um grande desmoronamento de terra que fez com que o coqueiro caísse sobre uma pedra. A expectativa comum a todos era a de que o coqueiro iria morrer, porém, de forma surpreendente, ele buscou forças e curvou suas folhas em direção ao sol, em seu processo natural de fotossíntese, criando um ângulo de 90 graus em seu caule. Assim, o coqueiro deitado tornou-se o mais diferente e curioso de todos os já vistos.

Toda a comunidade tem um orgulho muito grande do coqueiro deitado, a ponto de o jovem morador revelar a frase: "Se você visitou o Aventureiro e não viu o coqueiro, por favor, nem mencione a ninguém que você passou por aqui". O cuidado dos moradores com o coqueiro pode ser notado por ser o único atrativo com descrição de advertência em português e inglês: "Por favor, não suba"; "Please, don't climb".

"Não suba no coqueiro, ele pode quebrar, ele é nosso cartão postal. Se perdermos este, onde vamos arrumar outro?" Samara, Alessandra, Debora, Andrielle, Adriane, Vinícius, Marcos Vinicius e Giliarde

Pedra da Espia: Localizado bem no começo do Aventureiro, a uma certa distância do mar, é o ponto mais alto próximo da praia. A pedra era um importante ponto para o sucesso na execução da pesca coletiva. Em períodos específicos, um caiçara chamado pelo mesmo nome da pedra, subia na mesma para observar a movimentação dos cardumes e, no momento propício, anunciava aos pescadores a direção ideal para lançar as redes e realizar a pesca.

O local permite uma visão privilegiada do mar e de todo o Aventureiro. Acessível o ano inteiro, possui bom estado de conservação, porém não apresenta sinalização.

Praia do Aventureiro: Cercada por rica vegetação, a praia possui 600 metros de areia fina, mar calmo de águas transparentes em tom de verde claro, podendo-se ver o fundo do mar e as espécies marinhas. Somado à comunidade que vive no entorno da orla, é possível ter contato com toda a cultura caiçara da região. A exemplo disso são os ranchos de pesca espalhados pela praia, onde são guardados canoas, demais embarcações de pequeno porte e instrumentos de pesca, retratando uma importante atividade local, a pesca. O mar, colorido com os barcos dos moradores atracados, é uma cena pitoresca, onde se tem o visual das praias do Sul e do Leste e do Ilhote. Na praia do Aventureiro estão localizadas as residências dos moradores e toda a oferta de serviços turísticos

Praia do Demo: A praia recebe esse nome em virtude das aparições que algumas pessoas afirmam ter visto e ouvido. Há narrações diversas a respeito, como sobre um "boitatá" que estava em busca de sua cabeça ou sobre risadas de crianças. Há algum tempo, um homem chamado João Souza, que viveu no local, narrava inúmeras estranhas aparições que sumiam quando ele começava a rezar. Um padre chegou a mudar o nome da praia para Praia de Santo Antônio, porém, mesmo assim, a praia ficou popularmente conhecida como Praia do Demo (praia do demônio). Contudo, entre a comunidade, narra-se outra história sobre como a praia recebeu o nome de Praia do Demo. Essa história, entre muitas contadas pelos moradores, foi descrita durante uma oficina de Qualidade de Atendimento do Destino realizada em novembro de 2010. Os moradores que participaram dessa narração foram: Marcos Vinícius, Samara, Alessandra, Ana Paula, Edna, Márcia, Débora, Amanda, Ariane, Rafaela e Leonice.

Na praia do Aventureiro, na época em que Jesus passou pela Terra, era inverno. Durante o mês de agosto, o mar ficou agitadíssimo. Ninguém entrava e ninguém saía da citada praia.

Os pescadores ficavam dias sentados na Espia, estudando os mares, quando, de repente, olharam para a praia do lado esquerdo e viram sete homens saindo de uma enorme canoa, jogando rede, pegando peixes. Retornando à praia de origem, colocavam os peixes em sete balaios grandes, saíam cada um com um balaio na cabeça e sumiam na mata.

Os moradores da praia do Aventureiro ficaram intrigados.

- Quem são aqueles malucos que saem todos os dias no mar tão agitado? Perguntavam entre si.

Resolveram vigiar as criaturas estranhas.

Ao chegar lá, esconderam-se atrás de uma árvore, observando a distância passo a passo do grupo de sete.

Estes, como de costume, colocaram a rede no mar agitado, pegaram peixes, voltaram à praia, encheram os balaios, carregando-os na cabeça. Andando, sumiram na mata, não deixando pegadas na areia.

A turma do Aventureiro ficou arrepiada, assustada e correu para a igreja.

Todos rezaram a noite inteira. No dia seguinte, voltando ao local, avistaram uma mulher de branco montada em um burrinho. Foram ao encontro dela.

A mulher de branco aproximou-se do grupo dos sete, ergueu os braços segurando uma cruz e, com um toque de mágica, as criaturas estranhas explodiram. A mulher de branco era Nossa Senhora, exalando um forte cheiro de enxofre.

A praia ficou batizada como a Praia do Demo.

A praia é composta por areia fina e o mar com águas transparentes e agitadas, o qual, por sua vez, reflete ondas de médias a fortes, ideais para a prática do surfe. O local também pertence à Reserva Biológica, portanto é proibido para visitação, porém é constantemente visitada nos períodos de alta temporada.

Pedra do Demo: A pedra de mesmo nome que separa a praia do Demo da praia do Sul, também não escapa de histórias estranhas a seu respeito, como a de que dois marinheiros foram enterrados atrás dela, na época em que a ilha era constantemente visitada por piratas.

Atestam alguns moradores do Aventureiro que, como prova do fato, podem ser vistas as marcas dos pés de Nossa Senhora e das quatro patas do burrinho encravadas na Pedra do Demo. As pegadas podem ser vistas pelos visitantes ao caminharem sobre ela. O ponto não é permitido à visitação pelo órgão gestor ambiental. Além disso, a pedra possui grande inclinação para o mar e inúmeras línguas d'água, onde qualquer descuido pode gerar sérios acidentes. Esse trecho também é chamado de Picirica, por caracterizar, como em outros locais da Ilha, um trecho de pedra lisa, inclinada em direção ao mar.

Trilha e mirante do Sundara: Sundara era o nome de uma ave que habitava o lugar onde hoje é o mirante. Diz a história local que toda vez que essa ave sobrevoava uma casa, era indício de que alguém da casa iria sumir. Tomados de grande pavor, ninguém tinha coragem de avançar na mata fechada, a caminho de onde a ave vivia. No entanto, as gerações mais novas, interessadas em conhecer essa parte do Aventureiro, foram desbravando-a aos poucos, até que, por fim, o trecho da mata transformou-se em uma trilha e o local, bem acima do morro, foi batizado com o nome da ave.

A trilha tem a extensão de uns 600 metros e todo o percurso leva em torno de 20 minutos, contados os trajetos de ida e volta. Ela se encontra em bom estado de conservação, possui nível moderado de dificuldade e seu acesso é livre, embora não possua boa sinalização. Toda a trilha é marcada por vegetação abundante e fauna local. Do mirante, tem-se uma visão panorâmica e privilegiada das praias do Aventureiro, Demo, Sul e Leste; Costão, ponta da Parnaioca, Ilhote e Ilha Jorge Grego.

Atrativos culturais

Igreja de Santa Cruz: Há mais de uma versão sobre a história da igreja. Contudo, a mais comentada é sobre um homem chamado "Jisué", que tinha o hábito de brincar muito. Um dia, indo pescar, a canoa em que ele estava virou e ele começou a se afogar. Ao gritar por socorro, ninguém da praia deu-lhe atenção, pensando que era mais um dos momentos em que Jisué estava gritando sem motivo aparente. Dias depois, o corpo de Jisué estava encalhado na praia. O corpo foi enterrado a poucos metros de onde havia sido encontrado, onde foi colocada uma cruz. Com o tempo, algumas pessoas passaram a ter vontade de se reunir envolta da cruz para fazer orações

e pedidos. A iniciativa foi ganhando adeptos e alguns milagres começaram a acontecer, até que um dia a comunidade passou a se organizar com o objetivo de construir uma igreja no local. A primeira igreja era feita de sapê e, com o passar dos anos, foi sendo reformada até atingir a proporção que ela tem hoje. A cruz dentro da igreja está no mesmo lugar onde foi enterrado o pescador e assim justifica-se seu nome.

Atualmente, a igreja branquinha, que marca a paisagem da praia, é utilizada para atividades religiosas, eventos, oficinas e reuniões da comunidade. O coreto da Igreja se tornou o espaço social e cultural local. A fé católica, juntamente com os elementos da natureza, resumem o que é o Aventureiro, conforme a frase escrita pela moradora Nice: "A Fé e a Natureza – Praia do Aventureiro."

Festa de Santa Cruz: A festa é uma homenagem à "Santa Cruz", cruz protetora que deu o nome à igreja. A festa, único período de presença de um padre na vila, começa às seis da manhã com uma missa solene, realizam-se batizados, e, em seguida, ocorre uma procissão com Santa Cruz, São Pedro e São Sebastião. Com a missa finalizada, começa a queima de fogos que dura toda a procissão. De acordo com a tradição, o primeiro andor é o de Santa Cruz, carregado somente pelas moças; em seguida, é o de São Pedro, carregado pelos futuros pescadores; e, depois, o de São Sebastião, que pode ser carregado por qualquer pessoa, mas, principalmente, por aqueles que estejam pagando alguma promessa ou agradecendo alguma bênção recebida. Após a procissão por toda a praia, é feito um animado leilão e, em seguida, começa o forró sem hora para terminar. A festa é organizada pelo festeiro escolhido anualmente, o responsável pela ornamentação da festa, compra das prendas e acolhida do padre em sua casa. Além do festeiro, outros personagens fazem parte da organização da festa: o iluminador é responsável pela iluminação necessária; a juíza do altar, junto com outras mulheres, ornamenta a igreja; a zeladora é encarregada de fazer toda a limpeza da igreja durante o ano; a primeira e a segunda juíza e o primeiro e o segundo juiz fazem doações em dinheiro. Durante o leilão, são colocadas em oferta prendas, em sua maioria de gênero alimentício, e, com o valor arrecadado, é possível a realização da festa no próximo ano. Após o leilão, são escolhidos os próximos responsáveis pela organização da próxima festa.

O evento era realizado no dia 03 de maio, o dia da Santa Cruz, mas, como nesse período geralmente a maré dificulta a chegada e o deslocamento do padre, dos convidados e dos moradores, o festejo foi transferido para janeiro, fase do ano em que o mar e o tempo costumam estar mais estáveis. Com a transferência para o mês de verão, período de grande frequência de turistas, a festa recebeu por parte dos visitantes o nome de "Festa da Lua", já que ela se realiza no primeiro final de semana de lua cheia do ano. Em noite de lua cheia, a claridade impede os pescadores de pescar e, com o retorno para casa mais cedo, todas as pessoas acabam participando da festa.

Festa Julina: A festa costuma ocorrer no segundo final de semana de Julho. Todo o Aventureiro se organiza para fazer uma grande noite de festa, desde organização, preparação e finalização. A festa conta com inúmeros e fartos pratos típicos e quitutes saborosos preparados pelos moradores, além de brincadeiras como a pescaria e a boca do palhaço para as crianças. A grande surpresa é a apresentação da quadrilha, que reúne muita criatividade, entusiasmo e alegria, sem hora para terminar. A festa comunitária tem a presença dos turistas presentes na Vila. Todo o dinheiro recolhido é destinado para manutenção e realizações de futuras festividades da igreja de Santa Cruz.

Casa de Farinha: Responsável por um dos alimentos principais do prato do caiçara – a farinha de mandioca –, a casa de farinha é uma unidade abastecida por um tipiti onde, a mandioca, depois de descascada e ralada, é prensada para secar. Em seguida, é colocada em um tacho de metal que, por sua vez, ficará horas em um forno à lenha para torrar. Após torrado, está pronto. Muito apreciada por nativos e turistas, a farinha é principalmente produzida para consumo local, porém é fácil de encontrar nos restaurantes do Aventureiro e à venda por alguns moradores. Diante da nova realidade do local, apenas quatro casas de farinha encontram-se em funcionamento e se tornam um orgulho dos moradores, uma memória viva da vida caiçara. Comer um delicioso feijão ou uma moqueca merece a preciosa iguaria como acompanhamento.

Roças: Agricultura de subsistência faz parte da vida caiçara. Atualmente, a mandioca é o principal cultivo no Aventureiro, no entanto, também planta-

-se feijão, milho, guando, banana, cana- de -açúcar, verduras, temperos e legumes diversos. Desde a implantação da Reserva biológica, inúmeras roças foram extintas, ficando em operação apenas uma pequena quantidade de roças. Mesmo coibida, a presença das roças representam a resistência do "povo do Aventureiro". Atualmente, além das quatro pequenas roças, algumas casas ainda possuem criação de galinhas e peru.

Eventos: Alguns outros eventos também animam o lugar: o campeonato de futebol feminino e masculino que acontece anualmente e o "Cinema e Bola", evento que reúne oficinas culturais, de cinema, turismo e meio ambiente; sessão de cinema e campeonato de futebol. O forró tocado e cantado pelos moradores, muitas vezes com auxílio de um visitante, e os luaus são a forma de diversão em algumas noites e mais um momento de integração entre moradores e visitantes.

(*) Todos os deslocamentos, visitas e atividades devem obedecer aos limites e às regras estabelecidas pelo INEA, órgão gestor da RBPS.

Infraestrutura turística

O inventário da oferta a ser detalhado registrou os empreendimentos (negócios) domiciliares e empreendedores locais envolvidos diretamente ou não com o turismo:

- Meios de hospedagem: 18 campings, 2 casas e 12 quartos para aluguel, o que totaliza a capacidade dos campings para hospedar cerca de 560 pessoas e dos quartos e das casas para cerca de 38 pessoas.
- Serviços de alimentos e bebidas: 6 empreendimentos funcionando como bar e restaurantes e 2 apenas como bar. Além disso, 2 restaurantes prestam serviços exclusivamente aos hóspedes de seu camping. Existem 13 empreendimentos que oferecem doces e/ou salgados a seus clientes cerca de 6 moradores vendem os alimentos na praia em pontos fixos e/ou movimentando-se.
- Aluguel de equipamentos: 2 empreendimentos oferecem serviços de aluguel de pranchas de surfe, como também equipamentos de mergulho.

- Artesanatos e souvernirs podem ser encontrados em 11 empreendimentos no Aventureiro.
- 3 produtores de produtos típicos locais de farinha, 3 pães caseiros e 1 vinagre de banana.
- Transportes: 7 barcos realizam as operações de transportes e passeios.

Listagem dos empreendimentos

Campings

Número	Empreendedor
1	Nezinho
2	Neneca
3	Verte
4	Ruben
5	Ferreira
6	Mário
7	Valdomiro
8	Jorge
9	Adilson
10	Larissa
11	Clementino
12	Rozeno
13	Ita
14	José / Zeca
15	Ednaldo
16	Benedito
17	Luciano
18	Luís

Aluguel de casa ou quartos

Aluguel	Empreendedor
Casa	Neneca
Quarto	Ruben
Quarto	Ferreira
Quarto	Mário
Quarto	Larissa
Quarto	Luciano
Quarto	Luís

O modelo de hospedagem domiciliar do Aventureiro é uma oportunidade de inclusão dos moradores, muitos deles nativos, com baixo capital econômico para se inserirem na cadeia produtiva do turismo de forma mais lucrativa.

Bar/restaurante

Bar/Restaurante	Empreendedor
Bar/Restaurante	Neneca
Bar/Restaurante	Verte
Bar/Restaurante	Ruben
Bar/Restaurante	Ferreira
Restaurante	Larissa
Bar	Rozeno
Bar/Restaurante	Ita
Restaurante	José
Bar/Restaurante	Luís
Restaurante	Luciana
Bar	Digão e Fabiano

O cardápio dos bares/restaurantes tem como base o famoso "PF" (prato feito) composto por arroz, feijão, bife, carne assada, frango ou peixe, acom-

panhados por saladas ou batata frita. Peixe com banana, moqueca de lula, fruta-pão (muitas vezes substituindo a batata frita) e café de cana revelam uma culinária típica do Aventureiro. Há lanches diversificados que incluem pastéis, sanduíches, pizzas e bolos.

O visitante pode degustar também um dos itens que fazem parte de um café da manhã tipicamente caiçara do Aventureiro, conforme descrito pelos participantes da Oficina de Meios de Hospedagem: café de cana, biju de coco, bolo de aipim, angu de milho, batata doce, fruta pão, canjiquinha, bolinho de banana, banana cozida, aipim cozido, ova de peixe, milho, cará, inhame, cuscuz, bolo de fubá, bolo de banana, paçoca, chá de erva doce, frutas e sucos de frutas variadas locais.

Doces/salgados

Doces/Salgados	Empreendedor
Doces	Nezinho
Doces/Salgados	Neneca
Doces/Salgados	Verte
Doces/Salgados	Ruben
Doces/Salgados	Ferreira
Doces/Salgados	Luciana
Doces/Salgados	Amarildo
Doces/Salgados	Adilson
Doces/Salgados	Larissa
Doces/Salgados	Rozeno
Doces/Salgados	José
Doces	Zeca
Doces/Salgados	Luís
Doces	Vagner

Existem 14 empreendimentos que oferecem doces e/ou salgados aos seus clientes. Além disso, cerca de 6 moradores vendem os alimentos na praia em pontos fixos ou movimentando-se. Doces, tortas e bolos que tem a banana

como principal fonte de inspiração e bolinhos de peixe marcam a culinária local.

Artesanatos e souvernirs

Artesanatos e Souvernirs	Empreendedor
Artesanato	Nezinho
Artesanato	Neneca
Souvernirs	Ferreira
Souvernirs	Mário
Artesanato/Souvernirs	Jorge
Artesanato	Vagner
Artesanato/Souvernirs	Amarildo
Souvernirs	Ednaldo
Artesanato/Souvernirs	Luís
Artesanato/Souvernirs	Luciana
Artesanato/Souvernirs	Digão
Artesanato/Souvernirs	Tia Vera

Artesanatos/*Souvernirs* podem ser encontrados em 13 empreendimentos no Aventureiro. Estes têm como matéria-prima principal os recursos oriundos da natureza, como folhas de bananeira e madeira. A réplica de barcos e canoas é bem característica do lugar. Tapetes, colchas, quadros, bolsas, abajures, bijuterias e camisas, réplicas de casas são outros produtos que podem ser encontrados.

Equipamentos de mergulho e pranchas de surfe

Aluguel de pranchas e equipamentos de mergulho	Luís
Aluguel de equipamentos equipamentos de mergulho	Larissa

Apenas 2 empreendimentos oferecem tais serviços. No camping da Larissa, podem-se alugar pranchas e, no camping do Luís, podem-se alugar tanto

pranchas de surfe como também equipamentos de mergulho. Esse serviço atende bem aos jovens que chegam em busca da prática da atividade, o que facilita o deslocamento durante a longa viagem entre a origem do visitante e o Aventureiro.

Produtos típicos locais

Produtos	Empreendedor
Farinha	Neneca
Pão Caseiro	Luciana
Farinha	José
Farinha/Pão Caseiro	Zeca
Pão Caseiro	Luciano
Vinagre de banana	Dona Cida

Muitos dos produtos típicos locais têm como principal recurso a farinha de mandioca e a banana, que fazem parte da história e da vida caiçara.

Transporte Angra/Aventureiro/Angra e passeios de barco

Transporte/Passeio	Empreendedor	Barco
Transporte/Passeio	Verte	Amanda V
Transporte/Passeio	Ferreira	Aventureiro
Transporte/Passeio	Mário	Luzimar
Transporte/Passeio	Rozeno/Juninho	Novo Milênio
Transporte/Passeio	Zeca	Fernando Abreu
•		
Transporte/Passeio	Luís	Rei Mateus

Seis barcos realizam as operações de transportes e passeios na Vila do Aventureiro. Inserida na questão da "legalidade" - "ilegalidade" por que passam os moradores, uma das atividades também consideradas ilegais é o transporte de passageiros em barcos, uma preocupação local, já que im-

pede as embarcações dos moradores de transportar pessoas entre Angra e o Aventureiro. Tais embarcações não estão autorizadas a navegar em mar aberto, apesar de muitos moradores possuírem habilitação para pilotar os barcos. A regularização dos barcos demanda alto recurso financeiro, o que está fora das possibilidades dos moradores. Por essa razão, no período de maior fluxo (feriados prolongados e férias), a Turis Angra oferece aos turistas a opção de transporte entre Angra e o Aventureiro por um grupo de barqueiros cadastrados e legalizados, embora não sejam moradores do lugar. Mas, mesmo diante desse impedimento legal, nenhum morador que tenha barco deixa de realizar o transporte de moradores e turistas.

Os principais passeios de barco oferecidos têm como roteiro: Parnaioca, Dois Rios, Caxadaço e Lopes Mendes.

Detalhamento dos negócios domiciliares⁴

Negócio 01: Camping do Nezinho

CAMPING

O responsável pelo empreendimento é o senhor Nezinho, que, junto com sua família, administra um camping com capacidade para trinta pessoas. O mesmo é bem cuidado e limpo. Quanto ao atendimento, a família é muito atenciosa com os turistas que lá se hospedam. O camping possui gerador, oferece aluguel de barraca, três chuveiros frios, três sanitários e locais para cozinhar, lavar pratos e roupas.

DOCES/SALGADOS

A filha do senhor Nezinho, Ana Paula, costuma preparar bolos para vender na praia nos períodos de alta temporada e feriados longos. O trabalho é muito apreciado pelos turistas e a fatia custa dois reais.

ARTESANATOS/SOUVENIRS

O trabalho é elaborado pelo Max, filho do senhor Nezinho. Ele produz barcos com bastante minúcia, seguindo os mesmos detalhes dos barcos reais, de acordo com o tamanho decidido pelo cliente. O trabalho é feito sob encomenda.

O empreendimento não possui nenhuma forma de divulgação e contato, contando somente com a divulgação de boca em boca feita pelos turistas que se hospedaram no camping.

Contato: (24) 9242-6045

Negócio 02: Camping da Neneca, aluguel de casa e guartos e Bar Menino da Canoa

CAMPING

O empreendimento pertence a Rosângela do Espírito Santo, mais conhecida como Neneca, que conta com apoio de sua família na execução das tarefas. A capacidade do mesmo é de quarenta e cinco pessoas. No camping, há como serviço: gerador, um chuveiro frio e outro quente, quatro sanitários e locais apropriados para cozinhar, lavar pratos e roupas.

CASA/QUARTO

No estabelecimento, há também duas casas: uma, com capacidade para oito pessoas, tem dois quartos, uma cozinha e um banheiro; a outra, com capacidade para quatro pessoas, tem um quarto, uma cozinha e um banheiro. Para as duas casas, são oferecidos serviços de roupas de cama e banho e utensílios de cozinha. Nas duas casas, os chuveiros são frios e, em uma delas, há televisão.

BAR/RESTAURANTE

O empreendimento tem o nome de Menino da Canoa. O local é procurado por servir uma das refeições mais saborosas do Aventureiro, tendo como destaque o feijão, muito elogiado pelos turistas.

⁴ Todo inventário de oferta, aqui detalhado, se refere ao período de fevereiro de 2009 e dezembro de 2010.

Seu horário de funcionamento é de oito às vinte e duas horas, possui capacidade para vinte e oito pessoas e o serviço é para turistas em geral. Os horários em que as refeições começam a ser servidas são: café da manhã, de oito às dez; almoço, de meio dia às dezesseis horas; jantar, de dezoito às vinte e duas.

No cardápio, estão inclusos: arroz, feijão, peixe, frango, estrogonofe de lula, batata frita, salada, lula a dorê, refrigerante, água, suco, cerveja, sacolé, bolo, pão na chapa, queijo quente, café, chocolate em pó e leite. É importante destacar que alguns pratos não são servidos o ano inteiro.

ARTESANATOS/SOUVENIRS

Esse trabalho é elaborado pela filha de Neneca, Samara. O produto é um mosaico, uma distração para seus momentos de folga. O mosaico não é produzido com a finalidade de venda.

PRODUTOS TÍPICOS

No local, é produzida farinha artesanal. O produto não é vendido no empreendimento, mas é servido durante as refeições aos turistas. Por sua vez, além de a farinha agregar um sabor caiçara ao prato, os turistas apreciam muito o produto.

Contato: (24) 9849-6403

Negócio 03: Camping do Verte e da Zuleica e bar Bambuzal

CAMPING

O camping é administrado por Verte e sua esposa, Zuleica. Os mesmos são muito atenciosos em relação aos clientes e capazes de contar várias histórias sobre o lugar. O empreendimento possui gerador, tem capacidade para trinta pessoas e possui três chuveiros frios, dois sanitários e locais para cozinhar, lavar pratos e roupas.

BAR/RESTAURANTE

O estabelecimento possui o nome de Bambuzal. O horário de atendimento estende-se de sete às vinte e duas horas. Possui capacidade para cinquenta

e oito pessoas, e o serviço é para o público em geral. Destacam-se o peixe com banana e as receitas diversas de bolos com a fruta. Os horários das refeições são: café da manhã, das sete às dez e meia; almoço, das onze às dezesseis; jantar, das dezoito às vinte horas.

No cardápio estão inclusos: arroz, feijão, peixe, frango, batata-frita, refrigerante, água, suco, cerveja, sacolé, bolo, pão na chapa, queijo quente, pastel, café, chocolate em pó e leite. Alguns dos alimentos acima citados não são servidos o ano inteiro.

TRANSLADO/PASSEIO

O barco AMANDA V faz translado Angra dos Reis-Aventureiro e também passeios à Parnaioca e a Lopes Mendes. Cada passeio tem a duração de um dia e os horários são determinados da mesma maneira que o translado.

Contato: (24) 9829-3837

Negócio 04: Camping do Rubens e Bar Cantinho do Meu Bem

CAMPING

O estabelecimento pertence ao senhor Rubens, contudo é administrado por Hamilton e sua esposa Laís. O camping tem capacidade para quarenta e cinco pessoas e conta com os seguintes serviços: gerador, aluguel de barraca, três chuveiros frios e dois quentes, três sanitários e locais para cozinhar, lavar roupas e pratos.

CASA/QUARTO

Junto com o camping, o empreendimento também oferece dois quartos tipo suíte: um acomoda duas pessoas e outro até quatro pessoas. Os quartos têm serviço de roupa de cama e banho.

BAR/RESTAURANTE

O estabelecimento é muito apreciado pelo sabor e variedade dos alimentos servidos. O mesmo recebe até dezesseis pessoas e funciona das sete às vinte e duas horas. O atendimento é para turistas que se hospedam ou não

no camping. As refeições são servidas nos seguintes horários: café da manhã, de sete às dez horas; almoço, de meio dia às dezesseis; jantar, de dezoito às vinte e duas horas.

No empreendimento, é servido arroz, feijão, peixe, frango, carne, estrogonofe de lula, camarão ou frango, batata frita, salada, lula à dorê, bobó de camarão, isca de peixe e frango, refrigerante, água, suco natural em lata, água de coco, cerveja, sacolé, bolo, pão na chapa, queijo quente, café, chocolate em pó, Toddynho, frutas, leite. Alguns dos alimentos citados acima não são oferecidos o ano inteiro. Destacam-se os pastéis e as pizzas de frutos do mar.

Contato: email: hamilton.lais@gmail.com, o blog: www.campingdorubem4.wordpress.com, Tel: (24) 9942-6566

Negócio 05: Camping do Ferreira e Bar Recanto das Bromélias

CAMPING

O camping é dirigido pelo Ferreira. Com capacidade de até quarenta e cinco turistas, o estabelecimento tem como serviços: o gerador, dois chuveiros frios e dois quentes, seis sanitários, locais para cozinhar e lavar pratos e roupas.

CASA/QUARTO

Também são oferecidos quartos. No local, há disponíveis quatro quartos com capacidade para duas pessoas cada um. Fica ainda à disposição do cliente o serviço de roupas de cama e banho.

BAR/RESTAURANTE

O bar/restaurante é muito elogiado pelos turistas pelo conforto e sabor da comida. O mesmo atende turistas que se hospedam ou não no camping, e a capacidade do espaço é de até cem pessoas. O horário de atendimento começa às oito e finaliza às vinte e duas horas. Os horários das refeições são: café da manhã de oito às dez e meia, almoço de meio dia às dezesseis horas, jantar de dezesseis às vinte e duas horas.

No cardápio, consta a oferta de: arroz, feijão, peixe, frango, farofa, batata frita, salada, refrigerante, água, suco natural, cerveja, bolo, pão na chapa, queijo quente, café, chocolate em pó, frutas, leite. O turista tem a opção entre os serviços de self-service ou prato feito, lembrando que nem todos os alimentos descritos são vendidos o ano inteiro.

TRANSLADO/PASSEIO

O barco AVENTUREIRO III faz translado Angra dos Reis-Aventureiro. Os passeios trabalhados pelo Ferreira são para Parnaioca e Lopes Mendes.

ARTESANATO/SOUVENIRS

O proprietário realiza trabalhos artesanais que são vendidos em seu estabelecimento. As peças produzidas são cata-ventos e canoas.

Contato: email: campingdoferreira@gmail.com.

Negócio 06: Camping do Mário e aluguel de quartos

CAMPING

O camping é gerido pelo senhor Mário que, com sua família, atende aos turistas com muita simpatia e simplicidade, fazendo com que se sintam como membros da família. A capacidade do estabelecimento corresponde a um total de trinta pessoas, com serviços de aluguel de barraca, gerador, dois chuveiros frios, dois sanitários, locais para cozinhar, lavar pratos e roupas.

CASA/QUARTO

Há a opção de quartos para os turistas. São ofertados três quartos, cada um com capacidade para duas pessoas. Nos quartos, são disponibilizadas roupas de cama.

TRANSLADO/PASSEIO

O barco LUZIMAR faz translado Angra dos Reis-Aventureiro. Os passeios para Parnaioca e Lopes Mendes também são feitos pelo Mário.

ARTESANATOS/SOUVENIRS

No local também são produzidos e vendidos artesanatos. Os trabalhos variam entre cata-ventos e canoas. O empreendimento não possui forma de divulgação e contato próprio, contando somente com a divulgação de boca em boca feita pelos turistas.

Negócio 07: Camping do Valdomiro

CAMPING

O estabelecimento é administrado pelo senhor Valdomiro junto com sua família. O camping tem capacidade para trinta pessoas e oferece, como serviço, gerador, aluguel de barraca, três chuveiros frios e três sanitários.

Contato: (24) 3356-4618, e-mail: maraventureiro@gmail.com

Negócio 08: Camping de S. Jorge

Camping de S. Jorge é subdividido em quatro outros campings, administrados pelos familiares.

Camping de S. Jorge

O camping é administrado pela família do Sr. Jorge, com capacidade para até quinze pessoas. Oferece gerador, dois chuveiros frios e dois sanitários.

ARTESANATO/SOUVENIRS

O trabalho é realizado pelo filho do senhor Jorge, Vanderlei. O mesmo faz, com bastante precisão, barcos e canoas, além de porta-retratos.

Administrado pela Luciana

O camping tem capacidade para quinze pessoas. Oferece gerador, chuveiro frio, sanitário e locais para cozinhar, lavar roupas e pratos.

DOCES/SALGADOS

Além do serviço com o camping, Luciana prepara bolos, pizzas e pães caseiros, os quais são vendidos nos campings.

ARTESANATO/SOUVENIRS

Luciana produz e vende em seu camping: bolsas de palha e barcos artesanais. Ela produz também pufes, mas estes não ficam à venda.

BAR/RESTAURANTE

Luciana também administra um bar. O estabelecimento se chama Bar da Praia e funciona apenas durante as férias. No local, é vendido bolo, pão caseiro, pizza, bebidas variadas e seus trabalhos artesanais.

Administrado pelo Vagner

O camping comporta doze pessoas, apresenta serviços como gerador, dois chuveiros frios, dois sanitários, locais para cozinhar, lavar pratos e roupas.

ARTESANATO/SOUVENIRS

Wagner faz, sob encomenda, barcos e canoas muito similares aos reais e do tamanho que o cliente decidir.

DOCES/SALGADOS

Sua esposa, Cláudia, mas conhecida como Pepeca, faz bolos

Administrado pelo Amarildo

O camping tem capacidade para quinze hóspedes e oferece gerador, dois chuveiros frios e um quente e dois sanitários.

ARTESANATO/SOUVENIRS

Amarildo produz e vende peças artesanais como as luminárias; porta-re-

tratos; barcos e canoas. Sua esposa Tiriba faz trabalhos com crochê como as bolsas.

DOCES/SALGADOS

Também preparados por Tiriba, no camping, há a venda de bolos e salgados.

Contato: (24) 9956-4160, e-mail: benevidesdeise@gmail.com

Negócio 09: Camping do Adilson

CAMPING

O estabelecimento é cuidado pelo Adilson e por sua esposa. O estabelecimento tem capacidade para quinze turistas e oferece gerador, chuveiro frio, sanitário e locais para cozinhar, lavar pratos e roupas. Por estar localizado na parte alta da Vila, os turistas são presenteados pela bela paisagem do mar e da praia do Aventureiro.

DOCES/SALGADOS

No camping, são vendidos bolos e salgados.

Negócio 10: Camping, aluguel de quartos e equipamento de mergulho - Larissa

CAMPING

O negócio pertence a Larissa e Daniel. O camping tem capacidade para quinze pessoas eoferece gerador, dois chuveiros frios, dois sanitários, aluguel de barracas e locais para cozinhar, lavar pratos e roupas.

CASA/QUARTO

No camping, está também disponível um quarto para duas pessoas, para o qual há o serviço de roupa de cama.

BAR/RESTAURANTE

O serviço é prestado apenas para turistas que se hospedam no camping. O horário de funcionamento começa às sete e termina às vinte e duas horas. Os horários dos serviços oferecidos são: café da manhã, de sete às dez horas.

O cardápio contém: arroz, feijão, peixe, frango, batata frita, bolo, refrigerante, água, suco, cerveja, bolo, pão na chapa, queijo quente, café, chocolate em pó, leite. Destaca-se que nem todos os alimentos citados são ofertados o ano inteiro.

EQUIPAMENTOS DE MERGULHO E PRANCHAS DE SURFE

No empreendimento, são alugadas pranchas de surfe por hora e por dia. Contato: Orkut Larissa Ardaniotis, e-mail: laviagem@hotmail.com

Negócio 11: Camping do Valdomiro

CAMPING

O empreendimento é administrado pela dona Célia e por seu filho. Localiza-se bem ao lado da Igreja. Com capacidade para trinta pessoas, o mesmo possui gerador, chuveiro frio, sanitário e uma cozinha.

Contato: (24) 9834-2772

Negócio 12: Camping e Bar do Roseno

CAMPING

O estabelecimento pertence ao senhor Roseno. A capacidade do camping é de trinta pessoas. Oferece gerador, dois chuveiros frios, dois sanitários e locais para cozinhar, lavar pratos e roupas.

BAR/RESTAURANTE

O empreendimento é mais voltado para venda de lanches, como refrigerantes, cerveja, água e bebidas quentes, como também alguns doces, salgados e biscoitos.

TRANSPORTE/PASSEIO

O senhor Roseno possui um barco que fica aos cuidados de seu neto Rafael. O barco, chamado NOVO MILENIO, faz translado Angra dos Reis--Aventureiro e passeios para Parnaioca e Lopes Mendes.

Contato: (24) 9908-7929

Negócio 13 - Camping e Bar do Ita

CAMPING

O camping é gerido por um morador muito comunicativo e simpático, seu Ita. O estabelecimento tem capacidade para trinta pessoas e oferece gerador, dois chuveiros frios, dois sanitários, locais para cozinhar, lavar pratos e roupas.

BAR/RESTAURANTE

Ita possui um bar/restaurante para turistas em geral. Com capacidade para oito pessoas, o seu funcionamento começa às sete e termina às vinte e duas horas. No local, são oferecidas todas as refeições: café da manhã, de sete às dez horas; almoço, de meio dia às dezesseis horas; jantar, de dezoito às vinte e duas.

No cardápio, estão inclusos alimentos como: arroz, feijão, peixe, frango, batata frita, salada, fruta pão frita, refrigerante, água, suco, cerveja, pão na chapa, queijo quente, café, chocolate em pó, leite.

Contato: (24) 9908-7929

Negócio 14: Camping do Sr. José e do Zeca

CAMPING

O proprietário do empreendimento é o senhor José que, junto com sua família, mantém o camping bem preservado, limpo e com um atendimento bastante elogiado por todos que se hospedam no estabelecimento.

A capacidade do camping é de trinta pessoas e oferece gerador, dois chuveiros frios, dois sanitários, locais para cozinhar, lavar roupas e pratos.

BAR/RESTAURANTE

O serviço do estabelecimento é somente para as pessoas que se hospedam no camping. O funcionamento começa às sete e termina às vinte e duas horas. No local, são oferecidas todas as refeições.

PRODUTOS TÍPICOS

No empreendimento, é produzida e vendida a farinha artesanal.

O empreendimento não tem nenhuma forma de divulgação ou forma de contato próprio, contando somente com a divulgação de boca em boca feita pelos turistas.

Outra área do empreendimento é administrada pelo seu Zeca. Junto de sua família, seu Zeca mantém o camping bem preservado e limpo e, com uma simpatia eletrizante, cativa todos os clientes que se hospedam em seu estabelecimento.

A capacidade do camping é de quinze pessoas. Ele oferece gerador, chuveiro, sanitário e aluguel de barraca

DOCES/SALGADOS

No local, são feitos bolos, cuja fatia é vendida a dois reais.

PRODUTOS TÍPICOS

Também são produzidos, no estabelecimento, a farinha artesanal e o pão caseiro. Os produtos são vendidos no camping e na praia.

TRANSPORTE/PASSEIO

O Sr. José possui um barco chamado FERNANDA ABREU que é administrado por seu filho Edson e pelo Zeca. O barco tem capacidade para vinte pessoas. Os serviços prestados são o translado Angra dos Reis-Aventureiro e os passeios para Parnaioca e Lopes Mendes.

O que se destaca no empreendimento é a vista privilegiada para a praia do Aventureiro, os jardins bem cuidados e a diversidade de tipos de banana encontrada no lugar.

Contato: (24) 9833-2446

Negócio 15: Camping do Ednaldo

CAMPING

O proprietário do camping, Ednaldo, junto com sua família, mantém, além do estabelecimento bem cuidado, um atendimento personalizado. O camping comporta até quinze pessoas e oferece gerador, chuveiro frio, sanitário e locais para cozinhar, lavar pratos e roupas.

ARTESANATO/SOUVENIRS

O proprietário produz e vende chaveiros em forma de pranchas de surfe. Contato: (24) 9915-2337

Negócio 16: Camping do Benedito (Purungo)

CAMPING

O camping é administrado pelo senhor Benedito, mais conhecido como Purungo. Esse senhor é um dos caiçaras mais antigos do Aventureiro e, mesmo em idade avançada, mantém seu camping bem preservado e limpo.

O estabelecimento tem capacidade para até trinta pessoas e oferece gerador, dois chuveiros frios, dois sanitários e locais para cozinhar, lavar roupas e pratos.

Negócio 17: Camping do Luciano

CAMPING

Luciano e sua família, responsáveis pelo empreendimento, cuidam muito bem desse camping, de vista privilegiada para o mar. A capacidade é de trinta pessoas e oferece gerador, dois chuveiros frios, dois sanitários, locais para cozinhar, lavar roupas e pratos e aluguel de barracas.

CASA/QUARTO

O camping possui um quarto para até duas pessoas para o qual são disponibilizados os serviços acima citados e roupa de cama.

PRODUTOS TÍPICOS

A esposa de seu Luciano, Cleuzeli, faz pão caseiro.

Negócio 18: Camping e Bar do Luís e Aluguel de equipamento de mergulho e prancha de surfe

CAMPING

Nesse camping, administrado por Luís e Janete e toda a família do casal, com muita organização e profissionalismo, destacam-se a atenção e a preocupação com os clientes.

A capacidade do camping é de até quarenta e cinco pessoas. São oferecidos gerador, três chuveiros frios e um quente, três sanitários, locais para cozinhar, lavar pratos e roupas e aluguel de barracas.

CASA/QUARTO

O estabelecimento tem um quarto com capacidade para duas pessoas.

BAR/RESTAURANTE

Os serviços prestados no estabelecimento são para turistas em geral, funcionando de sete e meia às vinte e duas e meia. São oferecidas todas as refeições, cujos horários são: café da manhã, de sete e meia às dez e meia; almoço, de onze às dezesseis; jantar, de dezoito às vinte e duas e trinta.

No cardápio, estão inclusos: arroz, feijão, peixe, frango, batata frita, iscas de peixe, frango, calabresa, refrigerante, água, suco, guaraná natural, caipirinha, cerveja, sacolé, bolo, pão na chapa, queijo quente, pão com ovo, pastel, café, chocolate em pó e leite.

TRANSPORTE/PASSEIO

O proprietário possui duas embarcações: um barco chamado REI MA-THEUS e uma lancha com o nome de SANTINHA. A capacidade do barco é de até trinta pessoas, e da lancha de até sete pessoas. As duas embarcações realizam translado e passeios, e todas as atividades são feitas com horários combinados entre turista e comandante.

EOUIPAMENTOS DE MERGULHO E PRANCHAS DE SURFE

No camping é possível alugar: pranchas de surfe e máscara de mergulho.

ARTESANATO/SOUVERNIRS

No local, são produzidos e vendidos: cinzeiros; e barcos, idênticos aos reais, que, de acordo com o tamanho que o turista desejar.

Contato: (24) 9915-3404, (24) 9827-0914, www.campingdoluis.com.br

Negócio 19: Vinagre de banana da Dona Cida

PRODUTOS TÍPICOS

O produto, aqui destacado, é um vinagre artesanal feito por uma senhora chamada Horacilda, mas conhecida como dona Cida. Trata-se de um vinagre de banana, cuja produção, desde a obtenção de sua matéria-prima, é concebida artesanalmente.

A banana, sem nenhum aditivo químico, é colhida na pequena plantação da dona Cida. Depois, o processo de obtenção do vinagre é realizado em sua casa de forma completamente artesanal.

Como ela é a única que produz esse vinagre no Aventureiro, o produto é muito apreciado por nativos e turistas. O produto tem procura, porém só pode ser comprado por encomenda.

Negócio 20 - Bar Aventureiro e Artesanato

BAR

Na casa de Lúcia e Vovô, bem no início da Praia do Aventureiro, encontra-se o Bar Aventureiro, sob a responsabilidade de seus filhos Rodrigo (o Digão) e Fabiano. O estabelecimento é aberto apenas no período de grande fluxo de visitantes e oferece sanduíches, pastéis e bebidas diversas. Do bar, sentados em móveis artesanais de bambu, os visitantes tem vista direta e privilegiada para o coqueiro deitado.

ARTESANATO

Nesse local, encontra-se um dos principais artistas do Aventureiro, o Digão. Ele é muito versátil, pois, além de trabalhar na construção de barcos, a sua arte é variada - de artesão a design e produtor de móveis. Digão produz réplicas de barcos e canoas em diversos tamanhos e réplicas de casas em miniatura feitas com palitos de churrasco e móveis de madeira bambu, que podem ser encomendados para as casas.

Contato: (24) 9833-3140

Negócio 21 - Cantinho da Tia Vera

ARTESANATO/SOUVERNIRS

No espaço da simpática e falante Tia Vera, são disponibilizados artesanatos dos moradores; camisas, sacolinhas, bolsinhas feitas por ela, bijuterias e cosméticos, como perfumes, cremes e batom. O local se torna em muitos momentos o centro de venda dos artesãos locais.

Contato: (24) 9821-1070, email: pintadinha01@yahoo.com.br

Preço e forma de pagamento

O preço da diária dos quartos varia de R\$ 20,00 a 30,00. Os campings possuem diária entre R\$ 10,00 e R\$ 20,00. Os traslados de barco entre Angra e o Aventureiro não são oferecidos de forma regular e variam de R\$ 30,00 a R\$ 40,00 por pessoa. O passeio de barco – que inclui Lopes Mendes, dois Rios e Parnaioca – custam em média R\$ 30,00 por pessoa. Os preços são estabelecidos conforme o período de baixa e alta temporada e a única forma de pagamento aceita no Aventureiro para todos os serviços é o dinheiro em espécie. Lembramos que todos os preços apresentados neste trabalho tiveram validade até dezembro de 2010, podendo, dessa forma, ter sofrido alguma alteração.

Infraestrutura

O Aventureiro, a infraestrutura é bastante simples. O lugar não dispõe de serviço de rede elétrica e, por isso, tanto a iluminação quanto o funcionamento de aparelhos elétricos ocorrem através de geradores. Além de o serviço de telefonia pública também ser inexistente, o uso de celulares é complicado, pois são poucos os lugares em que é possível obter sinal e a probabilidade disso acontecer é muito escassa. Atualmente apenas 4 casas possuem um sistema de telefonia via satélite.

O serviço de água ocorre por meio do acesso direto de canos das nascentes até as casas. O esgoto funciona com os sumidouros, ou seja, toda a rede é despejada no solo. O lixo de toda a comunidade é armazenado em um local próximo ao cais, de onde posteriormente é retirado por um barco da prefeitura para ser levado para Angra a fim de receber o destino adequado. Porém o recolhimento não é feito de forma regular

Como não há nenhum serviço médico (posto de saúde ou hospital), em caso de emergência, uma equipe de resgate da Defesa Civil é solicitada por rádio ou telefone. O atendimento é realizado por lancha ou por helicóptero, isso dependendo da gravidade do acidente e das condições do mar. Para os casos corriqueiros e menos graves, o atendimento é feito por Lúcia, a agente de saúde comunitária que dispõe de alguns medicamentos e materiais de primeiros socorros. O Aventureiro não oferece comércio local, ou seja, para comprar itens como os de higiene pessoal e alimentação, é necessário ir a Provetá (caminhada de cerca de duas horas e meia) ou mesmo a Angra dos Reis.

O acesso ocorre por meio de barco cujo tempo de viagem, saindo de Angra dos Reis, dura em média duas horas e meia. Quando o mar não está em boas condições de navegação, a alternativa é desembarcar em Provetá e empreender uma caminhada de aproximadamente duas horas e trinta minutos por trilha ao Aventureiro. A trilha Provetá-Aventureiro possui cerca de sete quilômetros de extensão e, durante o percurso, possui excelentes visões das praias: Provetá, do Sul, Leste, Demo e Aventureiro. Embora esteja em bom estado de conservação, a trilha é muito íngreme e, por isso, recebeu como nível a categoria pesada. Pode ser percorrida em qualquer

período do ano, porém aconselha-se evitar o período de chuvas devido à inclinação do terreno. Para fazer o trajeto, não há sinalização nem serviço de guia turístico.

Não existem transportes regulares ou em horário pré-estabelecido entre Angra dos Reis e o Aventureiro. Durante o período de férias e feriados prolongados, por meio do contato com a TurisAngra, é possível localizar barcos e horários para o translado. De forma mais usual, o turista pode pegar barco de algum morador que esteja retornando de Angra para a vila ou agendar com aqueles que têm telefone de contato. Assim, os horários de chegada e partida dos barcos são definidos entre o turista e o dono do barco. A alternativa mais regular de transporte marítimo é o barco que parte do cais de Angra para Provetá todas as segundas, quartas e sextas às 14 horas com viagem de cerca de 2 horas.

No Aventureiro está presente a Escola Municipal Osório Manuel Corrêa. Nela, é feito o trabalho de alfabetização de crianças que moram na vila e que possuem até sete anos. Após completos os sete anos, as crianças deslocam-se até Provetá para dar continuidade aos estudos.

Antes, a escola não tinha um lugar fixo e, assim, as aulas ocorriam nas casas das mulheres que desempenhavam a função de professora. A partir da década de 1980, a prefeitura teve iniciativa de construir uma escola no local, mas não existia um espaço físico. Depois que uma família doou o terreno, todos da comunidade começaram a se mobilizar para receber o material cedido pela prefeitura e construíram a atual escola. Inicialmente, foi nomeada de Escola Municipal de Conde de Lins Cordeiro, mas, como se tratava do nome de alguém que não tinha nenhuma ligação com o Aventureiro, o nome foi trocado. O morador Antônio Osório buscou recursos para tirar esse nome e colocar o de seu pai, que, segundo ele, na época era o homem mais antigo do Aventureiro e quem tinha iniciado o trabalho de alfabetização na região. Com isso, foi possível transferir o nome da escola para o nome que ela possui hoje, Escola Municipal Osório Manoel Corrêa.

Gestão e organização do turismo

Dentro de uma incompatibilidade entre a Lei e as práticas reais, como resultado de várias pressões e em atendimento à demanda local, o Ministério Público autoriza a prática do turismo como atividade econômica acatada pelo órgão gestor ambiental responsável, a Rebio – Sul. Foi implementado, então, o plano de carga em comum acordo com a Prefeitura de Angra dos Reis, Ministério Público Estadual, Procuradoria Geral do Estado do Rio, Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente e comunidade de Aventureiro, representada pela associação de moradores. O Termo de Compromisso, assinado com a validade a partir do dia 26 de dezembro de 2006, delineia um acordo de capacidade de carga para a área destinada ao camping de 560 pessoas por dia em 18 campings no máximo. Embora não se tenham informações sobre como chegaram ao número sugerido como capacidade de carga, constata-se, conforme relato dos moradores, que o atual controle de visitantes contribuiu para a melhor organização do turismo local e para a tranquilidade dos moradores e empreendedores.

Para que essa capacidade de carga não seja ultrapassada, há um controle, por parte da TurisAngra e AMAV, exigido no período de maior fluxo (verão, feriado de Reveillon, Carnaval e demais feriados prolongados). Os visitantes são cadastrados no centro de visitantes da TurisAngra localizado na Avenida Ayrton Sena, 580, Praia do Anil. Para que sua entrada seja liberada, é importante que, ao chegar a Angra dos Reis, o turista passe primeiramente na TurisAngra onde, ao apresentar a carteira de identidade, terá de informar quando será o dia de partida ao Aventureiro, o camping em que ficará e por quantos dias. Após fornecidas essas informações, o turista receberá uma autorização para a sua entrada no Aventureiro.

Para obter maiores informações, a TurisAngra dispõe dos seguintes contatos: telefone (24) 33697704; fax (24) 33677855; site www.angra.rj.gov.br e email cit@angra.rj.gov.br. O horário de funcionamento é de oito às vinte horas, todos os dias.

Caso o turista saia de outro ponto da Ilha Grande direto ao Aventureiro, a autorização pode ser retirada na AMAV. O procedimento para receber a autorização é o mesmo que o realizado na TurisAngra. O controle se estabe-

lece efetivamente pelo contato permanente entre AMAV e TurisAngra com a troca de informações sobre o número de turistas que desembarcaram na Vila.

É importante destacar que, se o turista obtiver outra alternativa para chegar ao Aventureiro sem a autorização, principalmente nos períodos de maior fluxo, ele correrá o risco de retornar a Angra dos Reis ou a outro destino na Ilha, caso a capacidade já esteja completa.

No Aventureiro, não existe cooperativa ou associação de turismo. A AMAV, criada em 2000, principal núcleo representativo que surgiu em consequência da ameaça e temor da expulsão do lugar onde nasceram e vivem, assume de forma indireta a gestão do turismo e tem como principal papel o controle do fluxo de visitantes e a organização dos traslados de barcos. No controle do território, está presente a chamada Casa da FEEMA (atual sede do INEA) e seus funcionários responsáveis por fiscalizações referentes à RBPS.

Contato da AMAV (gestão 2011): email: aventureirailhagrande@gmail. com, tel.: (24) 9956-4160, blog: http://aventureiro-ilhagrande.blogspot.com,

Reflexões finais

O que se destaca no turismo da Vila do Aventureiro, principalmente comparativamente às demais vilas da Ilha Grande, é que é o único lugar onde o desejado controle de fluxo de visitantes é uma realidade e onde o tipo domiciliar de hospedagem e restaurante, características do turismo de base comunitária, é potencializado. Nenhum desses elementos é visto com bons olhos pelo poder público e por diversos empreendedores da Ilha Grande. Conforme Mendonça (2010), essa iniciativa, já repelida pelo governo do estado no final da década de 1970, conforme reportagem do Jornal O Globo de 29 de junho de 1978, era considerado como empreendimento ilegal "pulverizado nos fundos dos quintais" e atrairia visitantes de baixa renda. Esse discurso ainda se mantém na Ilha Grande.

No entanto, acima de tudo, é importante destacar que empreendimentos como o do Aventureiro se tornam uma oportunidade, em nível nacional, para pessoas com baixo recurso econômico se inserirem em uma atividade econômica tão elitizada. Os moradores são verdadeiros profissionais na

CAPÍTULO 4

gestão de um negócio essencialmente sazonal, pois no Aventureiro o turismo ocorre essencialmente no verão, no Carnaval e no Ano Novo, assim como nos demais feriados prolongados. Todos os períodos dependem das condições climáticas e das condições do mar. Muitos dos empreendedores "aventureiros", que cada vez mais descobrem o valor do "paraíso proibido", reconhecem a importância de se manter no local herdado e de continuar garantindo a oportunidade de serem donos e gestores de seus negócios.

Referências bibliográficas

COSTA, G. V. L.; FERREIRA, H. C. H.; PRADO, R. Praia do Aventureiro: um caso sui generis de gestão local do turismo. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.; BURSZTYN, I. (orgs.). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Letra e Imagem, 2009, p. 177-197.

FERREIRA, H. C. H. Redefinindo Territórios: preservação e transformação no Aventureiro – Ilha Grande (RJ). Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/ICHS/CPDA, 2004.

MENDONÇA, T. C. M. Que paraíso é esse: a turismização da Ilha Grande. Tese de doutorado: Rio de Janeiro: UERJ/IFCH/PPCIS, 2010.

MENDONÇA, T. C. M.; BRANDÃO, L. P. N. O Povo do Aventureiro: turismo, recategorização e inclusão. In: XI Encontro de Turismo de Base – Turismo e Transdisciplinaridade: novos desafios. Niterói, UFF, 2010. p. 1140-1153. Janeiro, 29 jun. 1978.

PRADO, R. De praias que viram morros e do valor da natureza. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG: 2005.

VILAÇA, A.; MAIA, A. de A. O povo do Aventureiro In: PRADO, R. (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, 2006. p. 59-104.

ZANATTA, R. Abraão e Aventureiro: pensando o turismo de camping na Ilha Grande-RJ. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: UERJ/IFCH/PPCIS, 2010.

O "turista aventureiro": perfil da demanda turística

Leandro Martins Fontoura Claudia Rodrigues Rosa Larissa Borges de Sá Marlen Maria Cabral Ramalho

Introdução

O quarto capítulo objetiva traçar o perfil do turista que frequenta a praia do Aventureiro. Com base em pesquisas realizadas, sistematicamente, em 2009 e 2010, foi possível conhecer quem é o turista que visita o local. Para tanto, foi traçado o seu perfil socioeconômico e foi desenhada a cadeia produtiva do turismo local, tendo em vista a demanda de informações sobre o destino Aventureiro, a experiência de viagem e estadia do turista na região e as suas expectativas e perspectivas de retorno ao destino.

As informações coletadas no processo de pesquisa foram direcionadas a partir de entrevistas e questionários (de perguntas abertas e fechadas). Foram abordados, entre outros quesitos, idade, gênero, média salarial e profissão dos turistas pesquisados no Aventureiro nesse período.

Um aspecto importante, no que tange à metodologia adotada na pesquisa, é a seleção da amostra. Frequentemente, não é viável estudar toda

a população, neste caso, de turistas. Por isso, uma amostra é selecionada e submetida a um tratamento estatístico. Para realizar a pesquisa no Aventureiro, foi possível entrevistar o universo de turistas em um número próximo da totalidade, principalmente, nos eventos Carnaval e Semana Santa, quando o fluxo de turistas é mais intenso. Isso tende a aumentar a confiabilidade da pesquisa, na medida em que torna os dados mais fidedignos e próximos da realidade.

Contextualizando o turismo no Aventureiro

A Vila do Aventureiro possui registros de sua comunidade há cerca de 150 anos. Historicamente, a população caiçara local praticava a agricultura rotativa e este era a sua principal atividade econômica. No decorrer do século XX, houve uma significativa mudança na orientação da economia local.O sustento das famílias cresceu rumo à pesca, envolvendo outro espaço para além do terrestre, o mar. Nesse contexto, a divisão do trabalho na Vila tendia a ser específica, por gênero: os homens pescavam enquanto as mulheres trabalhavam, principalmente, na agricultura.

A partir da década de 1990, a agricultura havia sido reduzida e quase ninguém mais tirava o sustento familiar exclusivamente da agricultura. A pesca de sardinha havia mostrado sinais de declínio no manancial de peixes, motivada por técnicas predatórias e competição de barcos maiores. A partir do cenário exposto, o turismo entra como alternativa de renda na comunidade, alterando o equilíbrio da atividade econômica, social e ambiental. Em princípio, essa prática era tratada de forma bastante incipiente, conduzida sem planejamento e com uma administração basicamente intuitiva.

Com relação ao turismo no Aventureiro, é importante considerar que, até 1994, a Ilha Grande possuía um presídio, visto como impedimento ao desenvolvimento da atividade. Aliado a isso, a praia do Aventureiro encontrase dentro de uma unidade de conservação de proteção integral, a Reserva Biológica Praia do Sul, extremamente restritiva com relação à presença de visitantes e moradores. Percebe-se assim que, o desenvolvimento do turismo no Aventureiro foi permeado por diversos contratempos e condições muito

particulares que moldaram o atual estágio dessa atividade e o modo de vida da comunidade local.

Até o início da década de 1990, os turistas, vindos de Angra dos Reis, chegavam ao Aventureiro em barcos de pescadores e permaneciam em suas próprias barracas, erguidas nos quintais das casas de moradores ou em espaços planos e desocupados na Vila (WUNDER, 2003). Entretanto, percebe-se que o fluxo de visitantes da Vila do Aventureiro aumentou de forma significativa a partir de 1994, quando foi implodido o Instituto Penal Candido Mendes, localizado na Praia de Dois Rios. Esse fato determinou o aumento do turismo em toda a Ilha Grande (FERREIRA, 2004).

Com a intensificação da prática do turismo no Aventureiro, principalmente em períodos de feriados prolongados, como o Ano Novo e o Carnaval, gerou-se uma grande quantidade de pessoas na praia, alcançando a marca de 1.500 visitantes nos campings da localidade (COSTA, 2008). No ano de 2006, durante o Carnaval, a prefeitura de Angra dos Reis promoveu, em conjunto com a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA) e a Polícia Militar, a operação Angra Legal, que retirou todos os turistas que estavam em campings considerados ilegais na Ilha Grande, inclusive na Praia do Aventureiro. Posteriormente, foi implementado o plano de capacidade de carga para o Aventureiro. Segundo o termo de compromisso, com validade a partir do dia 26 de dezembro de 2006, a capacidade de carga para a área seria de 560 pessoas por dia, em um máximo de 18 campings.

Conforme Costa (2008), três elementos diferenciam o turismo do Aventureiro das demais praias da ilha: a inexistência da intensa especulação imobiliária (proporcionada pela instalação da ReBio); o perfil do turista, no caso os "mochileiros", o que não demanda grandes investimentos dos empreendimentos turísticos; e o turismo de base comunitária, pois sua gestão se concentrar nas mãos da própria população local, caracterizando-se por um trabalho de base familiar.

Para Mendonça (2007), a existência da Reserva Biológica tem bastante influência no estabelecimento das características locais, pois o turismo na Vila se estabeleceu de forma diferenciada dos modelos das outras localidades da Ilha. Na Vila, é a própria população nativa que organiza as atividades relacionadas com o turismo, partindo de sua experiência de vida. O cam-

ping é o principal tipo de hospedagem conhecido, gerenciado em locais prédeterminados, nos próprios quintais das casas dos moradores. Além disso, há quartos para aluguel dentro das casas dos moradores. Igualmente, há fatores que dificultam o acesso a essa região, por exemplo, em razão da localidade estar voltada para a face oceânica da Ilha Grande, e pelas variações meteorológicas influenciarem diretamente nas condições do mar. E, como o transporte também é realizado por meio de embarcações, esse fator pode determinar a quantidade de turistas presentes no Aventureiro.

Logo, a existência de uma Reserva Biológica, o fator hospedagem e a dificuldade de acesso, aliados à exuberante paisagem da Praia do Aventureiro, delineiam um perfil diferenciado de turista, com motivações e percepções especiais que podem influenciar na escolha do destino Aventureiro como opção de sua viagem.

Percepção dos Turistas na Vila do Aventureiro

Para discutir a percepção dos turistas, adotou-se as reflexões de Tuan (1980), que aborda questões de percepção, atitudes e valores humanos e sociais acerca do meio ambiente. Este autor introduz o termo *topofilia* para designar o "elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico". Outros autores como Albuquerque e Albuquerque (2005), mencionam que muitos pesquisadores enfatizam a importância de estudos sobre percepção ambiental para o delineamento de estratégias de conservação dos recursos naturais. A investigação sobre a percepção a respeito das relações entre homem e ambiente contribui para o uso menos impactante dos recursos naturais, o que pode permitir o estabelecimento de relações harmônicas entre o ser humano e o ambiente (SANTOS, 1996).

Nesta perspectiva, as investigações sobre percepção relativas às relações socioambientais e à identificação dos valores atribuídos à paisagem natural e cultural são relevantes nos estudos e análises de viagens que são orientadas para as áreas naturais protegidas, segundo Guimarães (1998).

Para Sammarco (2005), "a percepção sempre se relaciona com a ação, pelo que tem de envolvente, participativa e relacionada com a motivação e o

significado." Os anseios e as perspectivas dos visitantes de áreas naturais protegidas, apesar de se diferenciarem em uma escala maior, podem ser agrupados em um conjunto particular, orientador das atividades a serem desempenhadas em local adequado e com melhor aproveitamento das oportunidades de recreação, estabelecendo diretrizes de uso e consequente minimização de impactos negativos sobre a biodiversidade local.

Sendo assim, refletindo sobre as percepções dos turistas na Vila do Aventureiro, foi possível identificar algumas perspectivas e processos cognitivos relativos as práticas de turismo associadas às áreas naturais, por meio da aplicação de 142 questionários no ano de 2009 e de 69 questionários no ano de 2010. A pesquisa de demanda turística no Aventureiro, por envolver uma viagem a um destino natural protegido, adotou o termo ecoturismo, a fim de tentar identificar questões voltadas para a percepção ambiental do turista com o local e comunidade visitada, em termos de valores e conduta. Nesse sentido, a questão abordada foi: "Você se considera um ecoturista? Por quê?" As respostas foram agrupadas em categorias, com o objetivo de organizar e facilitar a análise das respostas qualitativas dos turistas. Foram identificadas oito categorias de análise, a saber: contato com a natureza, preservação ambiental, sustentabilidade, lixo, esportes/aventuras, cultura local, ambiente/ tranquilidade e outros.

É importante salientar que os entrevistados ficaram divididos entre "preservação" e "contato com a natureza". No caso da segunda categoria, o interesse principal era estar em um local que proporcionasse interação com a natureza, não necessariamente com intenções de preservação. Na categoria "lixo", os respondentes revelaram ser ecoturistas porque não jogam lixo nas ruas ou porque recolhem o próprio lixo quando saem da praia. Com relação à categoria "esportes/aventuras", a relação com o turismo se deu por meio da prática de esportes ao ar livre ou por interesse em atividades aventureiras.

A categoria "sustentabilidade" referiu-se a uma consideração pessoal relativa às atitudes sustentáveis e a categoria "cultura local" relacionou-se à apreciação ou interação com os autóctones.

No ano de 2009, os dados revelam que 73,23% dos entrevistados se consideram ecoturistas. Dentro desse universo, sobressaem as categorias: "preservação da natureza" com 31,81%; "contato com a natureza" com 26,39%;

O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária

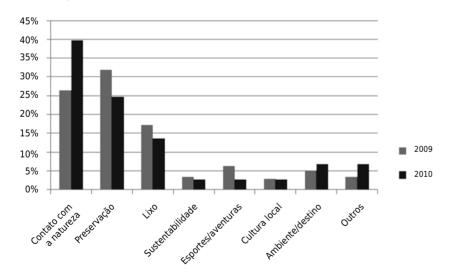
"lixo" com 17,21%; "esportes/aventuras" com 6,25%; "sustentabilidade" com 3,40%; e "cultura local" com 2,84%.

A mesma pesquisa foi aplicada no Carnaval de 2010, entre os dias 13 e 16 de fevereiro, com o objetivo de avaliar as mudanças no perfil de demanda em um mesmo período, em anos distintos e contínuos, e analisar a percepção do turista quanto à oferta turística. Foram entrevistadas 69 pessoas, número inferior ao Carnaval de 2009 em razão das fortes chuvas e acidentes naturais ocorridos na região da Ilha Grande e Angra dos Reis no início do ano de 2010.

Para 2010, os dados revelam que 65,21% dos entrevistados consideram-se ecoturistas. Dentro desse universo sobressaem as categorias: "preservação da natureza" com 24,65%; "contato com a natureza" com 39,72%; "lixo" com 13,69%; "esportes/aventuras" com 2,73%; "sustentabilidade" com 2,73%; e "cultura local" com 2,73%.

O gráfico 01, a seguir, revela as principais motivações para que o turista se considere ecoturista e compara as respostas entre os turistas nos anos de 2009 e 2010.

GRÁFICO 1. Justificativas do Ecoturista

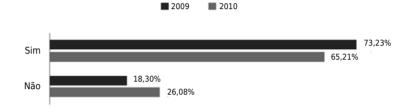


Apesar de a maioria dos turistas entrevistados em 2009 e em 2010 se considerar ecoturistas, percebe-se que, 18,30% em 2009 e 26,08% em 2010 não

se auto-definem ecoturistas. Entretanto, estes escolheram a Vila do Aventureiro no período de Carnaval, como um destino tipicamente ecoturístico (Gráfico 02).

GRÁFICO 2. Ecoturistas na Vila do Aventureiro

Você se considera um ecoturista?



O resultado demonstrado no gráfico 02 interroga os motivos que acarretaram um aumento significativo de pessoas as quais não se consideravam ecoturistas em um destino, frequentemente, designado por uma prática de turismo dirigido às áreas naturais protegidas.

Embora a análise tenha sido realizada no prazo de um ano, considerado relativamente curto para que haja uma alteração importante no perfil dos visitantes, dados quantitativos mostram que, em 2009, apenas 6,34% dos entrevistados estavam viajando com a família, ao passo que em 2010 esse número aumentou para 21,73%. É possível que eventos específicos tenham interferido na análise, já que as pesquisas foram feitas no Carnaval, mas o delineamento de uma mudança do perfil dos turistas em função da evolução do destino parece ser a explicação mais aproximada para a diminuição das pessoas que se consideram ecoturistas na Vila do Aventureiro.

Com relação à percepção dos turistas no que tange ao termo ecoturismo, a pesquisa mostrou que grande parte dos entrevistados associa o termo à natureza. Entretanto, a maneira como a natureza é abordada variou bastante, orbitando na maioria das vezes entre a preservação (ou conservação) e um contato com áreas naturais preservadas.

Outra observação interessante com relação à percepção dos ecoturistas está na questão do lixo. Nas pesquisas realizadas em 2009 e 2010, registrouse um percentual considerável de turistas (entre 10% e 20%) que se auto-de-

O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária

nominavam ecoturistas porque recolhiam o lixo que eles próprios levavam para as áreas naturais e não o jogavam nas ruas das cidades.

Com relação à sustentabilidade, pode-se verificar uma divergência entre a importância do tema para os turistas e para os pesquisadores. Menos de 5% dos turistas entrevistados se consideram ecoturistas por suas ações sustentáveis ou por procurar destinos com sustentabilidade.

Outra característica considerada basilar para a definição conceitual do ecoturismo seria a participação e integração da comunidade e a cultura local no desenvolvimento da atividade turística. Entretanto, menos de 3% das entrevistas associaram o termo ecoturismo à participação ou valorização da cultura local no contexto turístico. Isso denota que os turistas ainda não conseguem associar a comunidade como parte do ambiente, orientando a sua visita quase exclusivamente ao contato com natureza intocada.

Perfil dos turistas da praia do Aventureiro

A pesquisa de demanda gera resultados de grande importância para o fomento da atividade turística em um destino, já que fornece informações necessárias para o aprimoramento de serviços oferecidos pela cadeia produtiva local e para o direcionamento de serviços considerados potenciais.

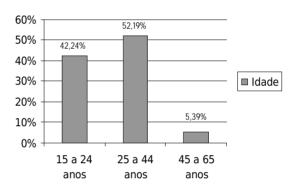
Dessa maneira, a presente pesquisa buscou traçar o perfil do turista do Aventureiro, por meio da aplicação de questionários divididos em três níveis. O primeiro nível revela o perfil socioeconômico, com categorias como sexo, idade, profissão, média salarial, entre outras. O segundo refere-se à questão motivacional e a descrição da viagem, E, por último, foram respondidas questões sobre a expectativa em relação à viagem: classificação de equipamentos utilizados, como o serviço de alimentos e bebidas e de hospedagem, e sugestões e críticas sobre a Vila do Aventureiro.

Perfil socioeconômico

A análise de dados proporcionou o desenho do perfil socioeconômico do turista do Aventureiro. Desse modo, a pesquisa, iniciada no Carnaval de 2009, mostra que os números de homens e de mulheres que visitaram a localidade são estatisticamente iguais, sendo 50,51% são do sexo feminino e 49,19% do sexo masculino.

O gráfico 3 salienta que a maioria dos entrevistados possui idade entre 25 e 44 anos, mas também é relevante o número de visitantes com idade entre 15 e 24 anos. Com esses números, pode-se identificar um perfil de jovens adultos como os maiores frequentadores da localidade.

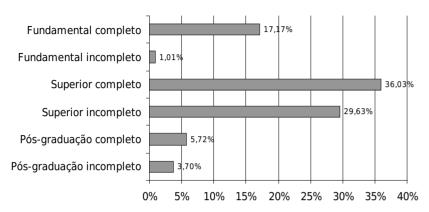
GRÁFICO 03. Idade dos entrevistados



O nível de escolaridade dos entrevistados – dividido em três segmentos: fundamental, superior e pós-graduação – pode ser visualizado no gráfico 04. Segundo o gráfico abaixo, as maiores incidências de respostas foram para o nível superior completo e superior incompleto.

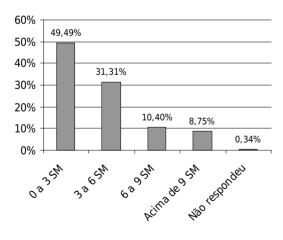
Portanto, a maioria dos visitantes cursou ou encontra-se cursando a graduação. Esse dado pode caracterizar que o público frequentador da praia do Aventureiro apresenta um bom nível de instrução e possivelmente tenda a ser um público mais consciente de seus direitos e deveres. Logo, o grau de escolaridade dos turistas entrevistados "poderia demonstrar" que os mesmos estão mais engajados com a noção de sustentabilidade, procurando localidades que têm a prática do ecoturismo ou modalidades afins.

GRÁFICO 04. Nível de escolaridade dos turistas



A figura abaixo (gráfico 5) representa a média salarial dos turistas. A metade dos respondentes ganha até três salários e a minoria recebe acima de 9 salários. Sendo assim, é possível delimitar que, sendo a minoria dos turistas pertencentes à classe alta, a maioria dos visitantes tem renda baixa, o que pode caracterizar a busca de um turismo alternativo, sem luxo e com a utilização do camping como meio de hospedagem.

GRÁFICO 05. Média Salarial

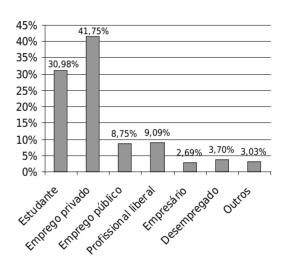


Verificou-se ainda o estado civil dos turistas do Aventureiro, com as seguintes opções de respostas: solteiro, casado e divorciado. Cerca de 82,83%

dos entrevistados responderam que são solteiros e a minoria (2,69%), divorciados. Além disso, um percentual de 14,48% são casais que visitam a localidade. Esses dados estatísticos podem reafirmar o perfil do turista do local, no caso jovens e solteiros.

Com relação à profissão dos entrevistados, as opções de resposta eram: estudante, emprego privado, emprego público, profissional liberal, empresário, desempregado e outros. As duas maiores incidências de resposta foram: emprego privado, com 41,75% de respostas, e estudantes, com 30,98%, como pode ser observado no gráfico abaixo (Gráfico 6).

GRÁFICO 06. Ocupação profissional dos entrevistados



Por conseguinte, ao relatar os dados estatísticos referentes ao questionário, foi possível traçar o perfil socioeconômico dos turistas que visitam a praia do Aventureiro. Os turistas: são **adultos com idade entre 25 e 44 anos;** em sua maioria, são **solteiros** que possuem **emprego privado;** procedem em grande parte de regiões litorâneas e próximas a localidades como **Rio de Janeiro** e **São Paulo;**possuem **nível superior**, ou seja, já cursaram ou estão em curso em universidades; possuem uma média salarial considerada baixa, o que pode se relacionar com a fato de a maioria ser estudante universitário ou recém-graduado.

O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária

Motivação do turista e perfil da viagem

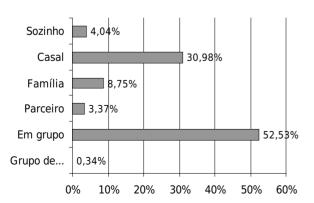
Segundo dados da pesquisa, mais da metade dos entrevistados (56,23%) visitavam pela primeira vez o local. Porém, o número de pessoas que já havia visitado por mais vezes também é relevante e gira em torno de 43,77% dos entrevistados. Com esses dados, podemos observar dois fatores principais: primeiro, a grande maioria dos turistas pode estar em busca de algo inovador; segundo, os visitantes voltaram ao Aventureiro porque "aprovaram" o local.

Na compilação geral, a maioria dos entrevistados visita a localidade em feriados e Carnaval ou em período de férias. Grande parte dos entrevistados tomou conhecimento da Praia do Aventureiro por meio de amigos e parentes, o que mostra que a propaganda informal tem influenciado bastante o fluxo turístico do Aventureiro.

Observa-se que 89,90% dos entrevistados chegaram ao Aventureiro por meio de embarcação. Atualmente, a principal forma de acesso ao local, apesar da dificuldade de encontrar embarcações para realizar a travessia. É importante salientar também que apenas 10,10% dos entrevistados utilizaram as trilhas como modo de acesso à praia, meio ainda pouco explorado pela oferta turística do Aventureiro.

A figura a seguir (gráfico 7) reproduz a forma de acompanhamento dos turistas em sua viagem ao Aventureiro. Destaca-se que os turistas viajam principalmente em grupos (52,53%) e, em segundo lugar, de casais (30,98%). A parcela que viaja em família, 8,75% dos entrevistados, também é significativa.

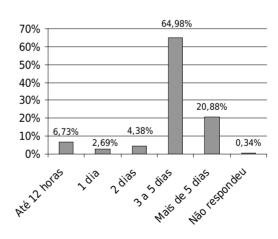
GRÁFICO 07. Forma de viagem



De acordo com os dados analisados, boa parte do público de turistas se hospedou em campings (80,47%), e outra parte se hospedou em quartos de aluguel (6,73%). Esse fato ocorre porque o camping é a principal oferta de meio de hospedagem do local e é grande representante da cadeia produtiva na localidade. Ademais, o turista está em busca de contato direto com a natureza proporcionado pelo camping.

Na figura abaixo (gráfico 8), analisa-se a permanência de turistas na localidade. A maioria dos turistas permaneceu no local de 3 a 5 dias, e, em segundo lugar, por mais de 5 dias. Isso se deve ao fato de os turistas viajarem no período em que possuem maior disponibilidade de tempo, como feriados e Carnaval. Pode-se considerar ainda uma importante incidência: turistas que permaneceram no local até 12 horas (6,73%), o que remete aos visitantes hospedados em outra praia da Ilha Grande que foram conhecer a Praia do Aventureiro, ou aos que estão apenas visitando a praia por embarcação.

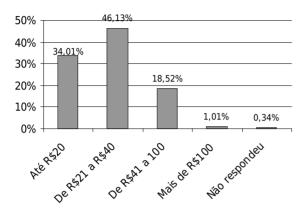
GRÁFICO 08. Média de permanência no local



Subsequentemente, foi analisado o principal motivo da visita ao Aventureiro. As respostas foram divididas em natureza/clima, tranquilidade, esporte, curiosidade, visita a amigos, estudo/pesquisa e negócio/trabalho. Desse modo, observa-se que natureza/clima e tranquilidade foram as principais motivações de viagem dos entrevistados.

Analisando o gráfico 9, a maior parte dos entrevistados teve um gasto médio, sem contar o gasto com a hospedagem, de R\$21,00 a R\$40,00 (46,13%), de até R\$20,00 (34,01%) e de R\$41,00 a R\$100,00 (18,52%). Isso pode caracterizar um turismo mais econômico, que atrai um público específico, como os jovens universitários.

GRÁFICO 09. Gasto médio na viagem



Durante a pesquisa, também foi examinada a motivação do visitante no momento de escolha do destino. Verificou-se que tranquilidade e paz (34,85%) e belezas naturais do Aventureiro, destacando-se a praia (26,52%) e a floresta (10,61%), foram os principais fatores motivacionais da visita.

Nesse sentido, a partir dos dados estatísticos apresentados, pode-se descrever o perfil da viagem e a motivação dos turistas do público amostral. Destaca-se que um pouco mais que a metade dos turistas viajava pela primeira vez ao Aventureiro (56,25%), no período de feriados, Carnaval ou férias, quando tiveram maior disponibilidade. Tomaram conhecimento da localidade por meio de amigos e parentes e chegaram ao local de barco (89,90%). Outros dados referentes ao perfil motivacional e ao perfil da viagem apontam que os turistas entrevistados estavam acompanhados em grupo de amigos (52,53%), hospedaram-se nos campings (80,47%) e permaneceram na Vila entre 3 a 5 dias (64,98%). Além disso, já conheciam outras praias da Ilha Grande antes da visita ao Aventureiro. Possuem um gasto

médio de R\$21,00 a R\$40,00 (43,13%) e o principal motivo da viagem à Vila é a busca por **tranquilidade** e **beleza natural** do local, destacando-se a natureza em conjunto e o clima.

Avaliação da experiência dos e pelos visitantes

Nesta categoria, foram analisados vários aspectos da localidade, como atrativos, serviços e infraestrutura, e as respostas classificaram cada um desses itens como ótimo, bom, regular, ruim e péssimo. Somente os itens hospitalidade dos moradores, atrativos turísticos e qualidade ambiental foram considerados ótimos pelo público amostral. Entretanto, no Carnaval de 2010 foram incluídas novas perguntas ao questionário, possibilitando aos itens qualidade da água e qualidade da floresta a classificação "ótimo". Já os quesitos serviços médicos, sistema de comunicação e qualidade do atendimento no cais em Angra dos Reis foram classificados como "ruim" e "péssimo". Os outros itens dessa categoria ficaram com diferentes classificações dentro do possível espectro de variações.

Considerações Finais

Dentro do contexto de Reserva Biológica em que a Vila do Aventureiro se encontra, acredita-se que o perfil de demanda é **diferenciado e mais consciente em relação ao encontrado nas demais praias da Ilha Grande**, por diversas razões: o turismo é praticado dentro de uma unidade de conservação; há a limitação de 560 visitantes por dia; há divulgação do destino em pequena escala;é pouca a oferta de transportes, com irregularidade de horários; o perfil socioeconômico enquadra-se no perfil de "mochileiros", universitários e jovens, típicos do perfil alocêntrico do ecoturismo.

Com relação aos entrevistados que responderam acerca de ser ou não ecoturista, destaca-se que 70,03% responderam positivamente e que 23,23% não se consideram ecoturistas, também justificando a sua resposta. As justificativas para essa auto-denominação foram subdividas em sete categorias de

análise: preservação da natureza, contato com a natureza, esportes/aventuras, sustentabilidade, cultura local e tranquilidade. A tabela seguinte reflete as justificativas dos entrevistados que responderam positivamente.

Categoria 1	Preservação da natureza	49,10%
Categoria 2	Contato com a natureza	28,27%
Categoria 3	Esportes e Aventuras	6,33%
Categoria 4	Sustentabilidade	5,05%
Categoria 5	Cultura local	2,38%
Categoria 6	Tranquilidade	4,76%

Dos 297 turistas entrevistados, um total de 23,23% não se considera ecoturista, entretanto escolheu a Vila do Aventureiro em períodos de Carnaval, Semana Santa e feriados, um destino tipicamente ecoturístico.

Esses turistas se justificaram afirmando prejudicar a natureza, não gostar de natureza, não ter conhecimento do tema, considerar o termo um rótulo, não ter o hábito de viajar para destinos naturais e tranquilos, gostar de conforto e urbanização.

Ao analisar as categorias subdivididas pela pesquisa, nota-se que as características naturais e a paisagem da localidade são destacadas como pontos fortes, indutores do desenvolvimento do turismo na região. A natureza é apresentada como a principal admiração dos turistas, motivação da viagem e potencialmente apta à prática de ecoturismo. A tranquilidade também é considerada uma das maiores características positivas do local.

Como a localidade é favorável à prática de diversos esportes, este também foi citado como aspecto positivo da localidade. A gama de oportunidades para realização de esportes é extensa e propicia ao turista a oportunidade de conhecer e apreciar a localidade. Existem locais que alugam materiais para atividades esportivas, porém esse serviço ainda não é ofertado de maneira ampla nos empreendimentos.

A infraestrutura do Aventureiro recebeu considerações favoráveis e contrárias na opinião dos pesquisados. Alguns alegam que a simplicidade e o clima rústico do local beneficiam as características da região, formando um

cenário peculiar e atrativo. Outros são contrários a essa opinião, porque enfatizam que as acomodações poderiam ser melhores, com os meios de hospedagem em melhores condições, como: banheiros limpos, melhoria no atendimento e melhoria na organização de maneira geral.

O item segurança foi citado por parte dos turistas como positivo, mesmo não havendo a figura física de policiamento, o que valoriza a confiança que moradores e frequentadores transmitem, confiança esta diretamente relacionada com a tranquilidade do local. Entretanto, a inexistência de posto de saúde foi citada como ponto fraco, já que em caso de eventuais acidentes não há como medicar e atender a turistas e moradores.

A limpeza também foi citada com caráter ambíguo. Grande parte dos turistas pesquisados considerou a praia limpa e apreciou a organização da comunidade em relação a esse aspecto. Mas outras pessoas responderam que se preocupam com a coleta de lixo, principalmente em períodos de alta temporada, quando a quantidade de lixo produzido é maior. Como a coleta só é realizada por barco especializado a cada 15 dias, há preocupação com o armazenamento do lixo e a difusão de doenças nesse tempo em que os resíduos ficam acumulados.

Por outro lado, houve categorias avaliadas exclusivamente de maneira negativa, como é o caso do credenciamento realizado pela TurisAngra. Grande parte dos entrevistados alega que o órgão pode ser considerado uma ameaça ao desenvolvimento do turismo no Aventureiro. Outras questões citadas são a falta de acesso às informações necessárias e a inconsistência de informações nos meios de comunicação, como na internet.

O transporte também foi uma categoria de relevância, porque é um problema bastante enfatizado pelos turistas entrevistados. Alguns pontos fracos evidenciados nesse quesito foram: a falta de organização dos horários, o valor elevado, as péssimas condições das embarcações, a longa espera pelo meio de transporte e a negligência de atendimento na demanda por informações.

A categoria alimentos e bebidas também foi analisada pelos turistas com grande relevância no aspecto negativo. Um ponto fraco citado pelos entrevistados é a falta de opções no cardápio, já que, enquanto é oferecida sempre a mesma refeição para os visitantes, as comidas típicas não são ofertadas ao

turista. A relação com a tradição de uma comunidade caiçara poderia ser incorporada no cardápio, agregando valor ao serviço prestado e valorizando a cultura local.

Os entrevistados demonstraram também grande preocupação com o armazenamento dos alimentos, visto que não há energia elétrica constante na localidade, há apenas a obtida através de geradores.

As instalações onde são servidas as refeições são enfatizadas como ponto fraco, pois são apontadas as más condições das mesmas. Como definido na pesquisa, os visitantes possuem renda baixa e consideram altos os preços dos alimentos e bebidas servidos na região, sugerindo que aceitem vale-refeição para facilitar o consumo.

A categoria turismo e passeios, também, teve resposta negativa. A principal reclamação advinda dos turistas pesquisados é a falta de organização de passeios a locais próximos ao Aventureiro.

Entende-se que a Reserva Biológica proíbe o uso público de determinadas localidades, entretanto há sugestões para a liberação da visitação controlada, feita com consciência ambiental e sem que haja degradação das praias e florestal. Foi mencionado ainda que não é passada a informação, anteriormente à viagem, de restrição às Praias do Sul e do Leste.

O questionamento sobre ser ou não um ecoturista objetivou observar a percepção de ecoturismo na Praia do Aventureiro. Destaca-se que o destino é tipicamente favorável às atividades ecoturísticas e possui características particulares em razão da existência da Reserva Biológica.

As concepções dos turistas sobre ecoturismo podem gerar informações capazes de direcionar estratégias de planejamento de áreas naturais protegidas e orientar o entendimento desses atores com relação às referências teóricas difundidas no meio acadêmico.

A investigação da percepção nas relações homem-ambiente contribui para a utilização menos impactante dos recursos ambientais, possibilitando o estabelecimento de relações mais harmônicas entre o ser humano e o ambiente (SANTOS, 1996).

Segundo Marinho (2007), refletir sobre a complexidade ambiental permite a compreensão do surgimento de novos atores sociais que se mobilizem para a apropriação da natureza, para um processo educativo compromissado com

a sustentabilidade e com a participação. Tal processo apoia-se em uma lógica voltada ao diálogo e à interdependência de diferentes saberes e , igualmente, é questionador de valores e premissas norteadoras das práticas sociais vigentes.

O resultado da análise dos dados coletados em campo proporcionou o levantamento de aspectos que favorecem e valorizam o Aventureiro, sua paisagem, e a atividade desenvolvida na região, como também evidenciam a necessidade de infraestrutura turística e de apoio à sua reparação e aperfeiçoamento.

Foram analisados pontos fortes e fracos que condizem com o ambiente interno e seus atores sociais, a comunidade, a associação, representantes do governo estadual e os turistas que visitam a localidade. Assim como foram analisadas as oportunidades e as ameaças percebidas no Aventureiro, representantes da interpretação de dados externos, que muitas vezes ultrapassam a capacidade de intervenção da comunidade.

Os resultados da pesquisa podem indicar lacunas e, principalmente, qualidades e possibilidades para que, a partir de iniciativas de planejamento responsável, os turistas possam vivenciar uma experiência única ao visitar a localidade. Isso foi possível, na tentativa de uma compreensão profunda, analisando holisticamente seus anseios, necessidades, percepções e características.

Ademais, o delineamento do perfil do turista "Aventureiro" buscou subsidiar o fomento do desenvolvimento do turismo na Vila pelo "povo do Aventureiro", que protagoniza a realização das atividades que podem lhes gerar renda, trabalho, cultura, autoestima e melhoria da qualidade de vida.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, C. A. & ALBUQUERQUE, U. P. Local perceptions towards biological conservation in the community of Vila Velha, Pernambuco, Brazil. *Interciência*, v.30, n.8. 2005.

COSTA, G. V. O Aventureiro, Ilha Grande – RJ: uma análise da mudança social. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação

em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, H. C. H. Redefinindo Territórios: preservação e transformação no Aventureiro – Ilha Grande (RJ). Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/ICHS/CPDA, 2004.

_____. Território Caiçara: memória e identidade na demarcação do espaço social. In: Seminário Memória e Contemporaneidade, Campinas: 2005.

FONTOURA, L. M.; ROSA, C. R. Ecoturismo, Percepção Ambiental e Planejamento do Turismo na Praia do Aventureiro, Ilha Grande. VII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. São Paulo – SP, 2010.

FONTOURA, L. M.; ROSA, C. R. Ecoturismo e "O povo do Aventureiro": evolução e caracterização da demanda. XI Encontro de Turismo de Base Local – Turismo e transdisciplinaridade: novos desafios. Niterói, UFF, 2010.

GUIMARÃES, S. T. L. Ecoturismo: percepção, valores e conservação da paisagem. *Cadernos de Geografia*. PUC - Belo Horizonte, MG. 1998.

LINDBERG, K.; HAWKINS, D. E. Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão. 4ª Ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

MARINHO, A., Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. *Licere*, Belo Horizonte, v.10, n.1, 2007.

MENDONÇA, T. C. M. Populações humanas, áreas protegidas e turismo na Vila do Aventureiro (Ilha Grande/Angra dos Reis): conflitos e soluções locais. III Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social. Teresópolis – RJ: 2007.

MENDONÇA, T. M.; BRANDÃO, L. O Povo do Aventureiro: turismo, recategorização e inclusão. XI Encontro de Turismo de Base Local – Turismo e transdisciplinaridade: novos desafios. Niterói, UFF, 2010.

PIRES, P. S. Dimensões do ecoturismo. São Paulo: Editora Senac, 2002.

PRADO, R. De praias que viram morros e do valor da natureza. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG: 2005.

RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e Ambiente: reflexões e propostas*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAMMARCO, Y, M. Percepções Sócio-Ambientais em unidades de Conservação – Estudo das relações Ser Humano/Natureza como contribuição ao processo de educação Ambiental e Planejamento Ambiental da Reserva Biológica da Serra Geral. Programa de pós Graduação em engenharia Ambiental, UFSC – dissertação de Mestrado, 259 p. 2005.

SANTOS, J. E.; JESUS, T. P.; HENKE-OLIVEIRA, C.; BALLESTER, M.V.R. Caracterização perceptiva da Estação Ecológica de Jataí (Luiz Antônio, SP) por diferentes grupos sócio-culturais de interação. In: 7º Seminário Regional de Ecologia. São Carlos, SP UFSCar, 1996.

TUAN, Y. F. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Diefel. 1980.

VILAÇA, A.; MAIA, A. de A. O povo do Aventureiro In: PRADO, R. (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, 2006

WUNDER, S. Modelos de Turismo, florestas e rendas locais. In: PRADO, Rosane (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, 2006b. p. 133-190.

O projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária"

Alexandre Guilherme de Oliveira e Silva Leandro Martins Fontoura Teresa Cristina de Miranda Mendonça

A proposta

O projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária" surgiu motivado pelo CODIG, com sua intensa atuação nos diversos temas socioambientais da Ilha Grande, em parceria com a AMAV, dentro da perspectiva da sustentabilidade ambiental, social, cultural e econômica. Inspirado, principalmente, pelo resultado das demandas locais coletadas em pesquisa de campo realizada em maio e junho de 2008, o presente projeto representou a continuidade do trabalho já iniciado com a comunidade. Sua relevância baseou-se também na realidade local em que quase a totalidade da população sobrevive da renda advinda do turismo.

O resultado da pesquisa feita com os moradores no período de maio e junho de 2008, apresentado à comunidade em 12 de julho de 2008, revelou um conjunto de demandas locais que se ajustou com bastante propriedade ao

projeto proposto. As demandas, além das de natureza estrutural, se resumiram na necessidade de capacitação dos moradores para lidar com as atuais e novas atividades de natureza turística, principalmente as que se implantarão a partir da transformação da praia em uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável. Seguem as referidas atividades:

- Práticas cooperativas;
- Artesanato;
- Organização de micro-negócios;
- Gerenciamento de pequenos negócios;
- Turismo de base comunitária;
- Cidadania;
- Legislação;
- Condução de visitantes;
- Meio ambiente;
- Hospitalidade;
- Organização e controle de atividades ligadas ao turismo.

Convidada a partilhar das demandas locais, a UFRRJ, já atuante em projetos de pesquisa e extensão na Ilha Grande e membro do Conselho do Parque Estadual da Ilha Grande e do Núcleo Gestor para Elaboração da Lei de Diretrizes Territoriais para a Ilha Grande, se incorporou aos demais atores para desenvolvimento e implementação do projeto, abaixo descrito.

Quais foram os objetivos do projeto?

Objetivo Geral

O projeto objetivou mobilizar e integrar a comunidade para a qualificação dos moradores e o aperfeiçoamento dos empreendimentos locais por meio de ações que visem ao fortalecimento do associativismo e/ou cooperativismo da Vila do Aventureiro e que busquem a melhoria da qualidade de vida dos moradores, a manutenção das ações de conservação do meio ambiente e a valorização de seu patrimônio cultural.

Objetivos específicos

- Identificar novas oportunidades de atividades (trabalho) ligadas direta ou indiretamente ao turismo;
- Qualificar a mão-de-obra ligada direta ou indiretamente ao turismo;
- Fornecer ferramentas para o melhor gerenciamento (administração) dos empreendimentos locais auxiliando no aumento de receita e renda para a população;
- Fortalecer o projeto de turismo do Aventureiro, que se diferencia do atual modelo presente na Ilha Grande;
- Orientar e apoiar ações de organização e coordenação do turismo (associativismo/cooperativismo);
- Incentivar a valorização da cultura local, criando um modelo em que a cultura caiçara e os modos de vida da Vila do Aventureiro sejam grandes atrativos.

Quais foram as atividades propostas pelo projeto?

Sensibilização, mobilização e planejamento

Esta etapa se deu a partir dos encontros nos fóruns comunitários e nas unidades familiares. Foram realizadas reuniões com membros da equipe e moradores da Vila do Aventureiro com a finalidade de apresentar as propostas de atividades, avaliá-las e readequar o planejamento previsto de acordo com o resultado das necessidades locais e com a avaliação dos moradores.

Gestão (organização) de empreendimentos (negócios) solidários produtivos

Compreendeu a realização de transferência de conhecimentos básicos para a gestão dos pequenos empreendimentos locais (empreendimentos comunitários e domiciliares) e para a capacitação para a gestão sustentável dos negócios (organização, marketing, operações e finanças), considerando a inter-relação e gestão ambiental.

Capacitação técnica

Compreendeu a realização de oficinas de capacitação de moradores/empreendedores locais, voltadas para as atividades operacionais do turismo e estabelecidas conforme o levantamento das necessidades realizado em uma pesquisa com a comunidade. Alguns treinamentos foram delineados para avaliação:

- Meios de hospedagem: camping e suítes/quartos para aluguel (técnicas operacionais e qualidade no atendimento);
- Alimentos e bebidas (higiene e segurança dos alimentos, estrutura organizacional e funcionamento de cozinha, armazenamento, compra e rotulagem de alimentos, custos, elaboração de cardápios, atendimento)
- Condutor de visitantes (manejo de trilha, primeiros socorros, operação de GPS e bússola);
- Transportes (logística da atividade, habilidades e competências);
- Legislação ambiental (fundamentos legais, Sistema Nacional de Unidade de Conservação, Lei de Crimes Ambientais, competências institucionais e fiscalização e monitoramento);
- Fundamentos de informática para o morador com o objetivo de capacitação no gerenciamento da página na rede mundial de computadores
 Internet (curso a ser realizado em Angra dos Reis);
- Incentivo à formalização de cooperativismo/associativismo e fortalecimento da organização do turismo de base comunitária da Vila do Aventureiro

Compreendeu as etapas de organização e fortalecimento do turismo com a escolha do modelo local de gestão do turismo de base comunitária e inserção do Aventureiro na rede regional, nacional e internacional de turismo comunitário.

Avaliação do projeto

Compreendeu atividades de avaliação de todo o projeto juntamente com os moradores participantes e a equipe de trabalho.

Como os moradores da Vila do Aventureiro foram envolvidos nas atividades do projeto?

Moradores e membros da Associação de Moradores e Amigos da Vila do Aventureiro – AMAV foram os principais parceiros do projeto em todas as suas etapas, as quais envolveram as discussões, o planejamento, a execução e, por fim, a avaliação das atividades. O convite e a sensibilização dos moradores ocorriam diretamente nas visitas às unidades familiares, em reuniões com membros da AMAV e durante os diversos encontros coletivos.

O que se esperava obter de resultados com o projeto?

- Maior qualificação dos moradores;
- Aperfeiçoamento dos empreendimentos locais (qualidade de atendimento e melhores resultados administrativos e financeiros);
- Melhor organização e coordenação do turismo;
- Maior integração com outros destinos turísticos da Costa Verde, do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil;
- Aumento dos resultados econômicos e financeiros dos empreendimentos e famílias locais;
- Maior independência econômica dos moradores;
- Fortalecimento do associativismo/cooperativismo;
- Redução dos efeitos da sazonalidade (dos períodos que apresentam baixo número de turistas);
- Incentivar a permanência dos moradores no lugar evitando um fluxo emigratório.

Quais eram os produtos previstos a serem desenvolvidos?

- Manuais técnicos operacionais das atividades econômicas ligadas ao turismo;
- Manual de turismo comunitário da Vila do Aventureiro (com histórico, descrição das características locais do turismo, forma de organização e funcionamento);
- Registro de filmagem e fotográfico de todas as atividades realizadas;
- Documentário etnográfico do Povo do Aventureiro;
- Criação de página na rede mundial de computadores (Internet) administrada pelos moradores.

Histórico do projeto

Período	Atividades Realizadas	Etapa do Projeto
21 a 24/02/09	Pesquisa de demanda Carnaval 2009	Sensibilização, Mobilização, Planejamento
04/04/09	Fórum I: apresentação do projeto à comunidade, apresentação da equipe, apresentação do concurso da logomarca e planejamento de ações e atividades	Sensibilização, mobilização e planejamento
09 a 12/04/09	Divulgação do projeto e levantamento de necessidades de capacitação junto às unidades familiares, pesquisa de demanda da Semana Santa 2009 e levantamento parcial da oferta turística	Sensibilização, mobilização e planejamento
16 a 18/05/09	Oficina de criatividade e criação da logomarca para o projeto	Sensibilização, mobilização e planejamento
11 a 14/06/2009	Fórum II – oficina de planejamento: divulgação do calendário de oficinas, atividades do projeto e recolhimento de proposta de logomarca para concurso	Sensibilização, mobilização e planejamento

Período	Atividades Realizadas	Etapa do Projeto
27 e 28/07/09	Oficina de empreendedorismo e cadeia produtiva do turismo - módulo I	Capacitação técnica
07 e 08/08/09	Oficina de hospitalidade comunitária I: A visão dos visitantes e dos moradores sobre o turismo no Aventureiro, apresentação do novo calendário, resultado do concurso da logo e premiação	Sensibilização, mobilização e planejamento
13 a 16/08/09	Oficina de alimentos e bebidas - módulo I e II	Capacitação técnica
28/08/09	Premiação da equipe vencedora do concurso de logomarca: visita ao Maracanã, Trem do Corcovado e Cristo Redentor	Sensibilização, mobilização e planejamento
29 a 31/08/09	Oficina de meios de hospedagem - módulo I	Capacitação técnica
11 a 13/09/09	Oficina de empreendedorismo e cadeia produtiva do turismo – módulo II e III	Capacitação técnica
24 e 25/10/09	Oficina de organização de roteiros e passeios	Capacitação técnica
07 e 08/11/09	Oficina de meios de hospedagem – módulo II e III	Capacitação técnica
14 e 15/11/09	Oficina de hospitalidade comunitária II: gincana "Caça ao Tesouro", jogos de cooperação, simulação e avaliação do projeto	Avaliação
20 a 22/11/09	Pesquisa de oferta do turismo da Vila do Aventureiro	Sensibilização, mobilização e planejamento
20 a 22/11/09	Pesquisa do perfil socioeconômico da comunidade	Sensibilização, mobilização e planejamento
23 a 25/01/10	Entrega de declarações e camisas aos moradores participantes das oficinas	Sensibilização, mobilização e avaliação
13 a 16/02/10	Pesquisa de demanda Carnaval 2010	Sensibilização, mobilização e planejamento
19 a 21/02/10	Assistência técnica: meios de hospedagem	Gestão de empreendimentos

Período	Atividades Realizadas	Etapa do Projeto
12 a 14 /03/10	Assistência técnica: gestão de negócios e comunicação I	Gestão de empreendimentos
26 /03/10	Visita de moradores da Vila do Aventureiro à UFRRJ, campus Seropédica	Sensibilização, mobilização e planejamento
21 a 23 /04/10	Assistência técnica: gestão de negócios e comunicação II	Gestão de empreendimentos
22/04/10	Reunião com a Associação de Moradores e Amigos do Aventureiro	Planejamento e avaliação
26 e 27/06/10	Oficina de alimentos e bebidas - módulo III	Capacitação técnica
03 e 04/07/10	Oficina de planejamento de atividades III e Inglês Instrumental - módulo I	Capacitação técnica
31/07/10 e 1/08/10	Festa Julina: (registro do evento)	Sensibilização, mobilização e avaliação
21 e 22/08/10	Oficina de Inglês Instrumental - módulo II	Capacitação técnica
28 e 29/08/10	Oficina de Espanhol Instrumental	Capacitação técnica
25 e 26/09/2010	Visita de apoio às famílias e apresentação de filmes de motivação	Sensibilização, mobilização e planejamento
16 e 17/10/2010	Oficina de meio ambiente e legislação ambiental	Capacitação técnica
23 e 24/10/2010	Oficina de cooperativismo e economia solidária – módulo l	Incentivo à formalização de cooperativismo/ associativismo e fortalecimento da organização do turismo de base comunitária
06 a 08/11/2010	Oficina de cooperação e qualidade do destino Aventureiro	Capacitação técnica Incentivo à formalização de cooperativismo/ associativismo e fortalecimento da organização do turismo de base comunitária

Período	Atividades Realizadas	Etapa do Projeto
20 e 21/11/2010	Oficina de cooperativismo e economia solidária – módulo II	Incentivo à formalização de cooperativismo/ associativismo e fortalecimento da organização do turismo de base comunitária
27 e 28/11/2010	Gincana cooperativa II	Sensibilização, mobilização e avaliação
11 a 13 /12/2010	Seremos turistas: visita de membros da UFRRJ e convidados para conhecer o turismo na Vila do Aventureiro, II Feira Caiçara, entrega de produtos e avaliação final	Avaliação Incentivo à formalização de cooperativismo/ associativismo e fortalecimento da organização do turismo de base comunitária
15/12/2010	Visita dos moradores ao Cristo Redentor	Confraternização
22 a 26/01/2011	Visita aos empreendimentos domiciliares: apresentação dos planos de marketing e avaliação do projeto Entrega dos banners e resultado das oficinas	Gestão de empreendimentos e avaliação

Resultado do projeto e produtos - uma síntese

- Foram 37 atividades realizadas referentes a 34 idas ao Aventureiro para realização de oficinas e atividades diversas e 3 atividades fora da Vila do Aventureiro.
- Cerca de 77 moradores (fixos ou temporários) participaram das atividades, o que representa 74% do total de moradores e 80% dos moradores fixos;
- Cerca de 250 certificados foram emitidos;
- Cerca de 63 pessoas receberam certificados. O que representa cerca de 60% do total de moradores e 65% dos moradores fixos;
- Cerca de 50 pessoas envolveram-se direta e indiretamente com o projeto;
- A Revista Virtual do Destino Turístico Aventureiro foi desenvolvida e disponibilizada virtualmente e com impressões distribuídas às famílias;

- Editaram-se 10 filmes resultantes do projeto:
 - 1. Raízes Caiçaras, a história do Aventureiro 44'31"
 - 2. O que o Aventureiro tem de especial? 04'25"
 - 3. Tour Generación a oferta turística do Aventureiro 14'16"
 - 4. Aventureiro, um lugar de histórias 1 18'43"
 - 5. Aventureiro, um lugar de histórias: moças roubadas 17'30"
 - 6. Aventureiro, um lugar de histórias: a fuga do presídio 12'48"
 - 7. Aventureiro, um lugar de histórias: outras histórias 16'57"
 - 8. Aventureiro, um lugar de histórias:histórias pessoais 36'38"
 - Projeto "O Povo do Aventureiro e Fortalecimento do Turismo de Base Comunitária: oferta turística e projeto de marketing" – 15'20"
 - 10. Projeto "O Povo do Aventureiro e Fortalecimento do Turismo de Base Comunitária: avaliação" 27'05"
- Produziram-se 05 banners, resultado das atividades dos moradores com objetivo de criar um instrumento de comunicação entre moradores e visitantes:
 - Bem vindos ao Aventureiro;
 - 2. Aventureiro: natureza e ecologia;
 - 3. Aventureiro: cultura e tradição;
 - 4. Aventureiro: os 5 sentidos em 4 direções roteiros dos sentidos;
 - 5. Projetos "O Povo do Aventureiro e Fortalecimento do Turismo de Base Comunitária" e Revista Destinos bem-vindos ao Aventureiro.
- Clipping de vídeos de divulgação dos campings foi disponibilizado para acesso no Youtube;
- 22 Planos de marketing para os empreendedores locais e para AMAV
- Blog desenvolvido por um membro do CODIG: http://aventureiro-ilhagrande.blogspot.com/
- O mapa da oferta turística do turismo comunitário do Aventureiro
- Camisas, bolsas e squeezes
- Diagnóstico do turismo do Aventureiro
- Inserção do destino Aventureiro no Guia da Rede de Turismo Comunitário da America Latina (a RedTurs)
- Arquivo digital e audiovisual do projeto.

A produção dos filmes, do mapa, da revista, assim como deste livro e demais documentos, elaborados em conjunto com os moradores, teve como ob-

jetivo registrar a história local, a vida do lugar, sua cadeia produtiva. Estes registros não tiveram como objetivo, apenas ser fonte de informação e divulgação do Aventureiro como uma estratégia de comunicação com o mercado e divulgação de um destino turístico, mas acima de tudo ser uma forma de materializar para o "povo do Aventureiro" tudo que nos foi revelado, com o objetivo de garantir para as gerações futuras o registro histórico do lugar e de fácil acesso a todos. Acreditamos que um povo que conhece a sua história e a valoriza é capaz de vencer diversos obstáculos antes considerados invencíveis. A história de um povo, registrada e valorizada pode se tornar uma ferramenta poderosa para conquistas diversas. Este mundo "Aventureiro", que nos foi revelado através das imagens e textos contidos nos diversos produtos, agora será revelado para o mundo.

Equipe Aventureira

Coordenação

Leandro Martins Fontoura – UFRRJ/DAT Teresa Cristina de Miranda Mendonça – UFRRJ/DAT

Discentes

Claudia Rodrigues Rosa

Deiner Clark Tavares Júnior

Lindalva Priscila Nunes Brandão

Gabriele Cardoso Martins

Larissa Borges de Sá

Lorena Almeida Alves da Silva

Marlen Maria Cabral Ramalho

Pamela Figueiró Mendonça

Natassia de Melo Gomes

Vinícius de Macedo da Costa

João Vinícius Mattos da Costa

Gustavo Paixão

Thays Lima Gottgtroy de Carvalho

Sara Sumie Muranaka

Nília Martins Quinzi

Laís Sodré da Silva Santos

Paolla de Souza Lopes

Leonardo Fernandes de Lima

Felipe Queiroz

Colaboradores

Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues - UFRRJ/DAT

Denise Carvalho Takenaka - UFRRJ/DAT

Diana Costa de Castro – UFRRJ/DAT

Edilaine Albertino de Moraes - UFJF/DEPTUR

Francisco Coelho Mendes - UFRRJ/DAT

Heitor Nei Mathias da Silva-COPPE/UFRJ/ITCP

Helena Catão Henriques Ferreira - UFF/Departamento de Turismo

Janaína Nascimento Simões de Souza - UFRRJ/DAT

José Carlos de Miranda

Luciana Maia Porte - UFRRJ/DAT

Luciana Thaís Villa González – UFRRJ/DAT

Maria Angélica Maciel da Costa – UFRRJ/DAT

Maria Norma de Menezes – UFRJ/EBA/BAV/NCD – Puri Design

Sandro Campos Neves – UFRRJ/DAT

Teresa Cristina Viveiros Catramby – UFRRJ/DAT

CODIG

Alexandre Guilherme de Oliveira e Silva

Neuseli Cardoso

Renato Marques da Motta

Técnico-operacionais

Alberto López Mejía – Cinegrafista, produtor dos vídeos

João Henrique de Castro de Oliveira - UFRRJ/ASCOM

Marcos Lins - Riocom Desing

Moradores participantes das oficinas

- 1. Adriane Santos da Cruz
- 2. Alessandra Tenório Corrêa
- 3. Amarildo da Cruz
- 4. Ana Paula da Silva
- 5. Andrielle Santos da Cruz
- 6. Benedito Catarino
- 7. Carlos Vitor do Espírito Santo Tenório
- 8. Cleuzeli do Espírito Santo de Sousa
- 9. Cleuzeni do Espírito Santo Corrêa
- 10. Cleuzeni Santos da Cruz
- 11. Daniel Rocha Tessari
- 12. Débora Tenório Corrêa
- 13. Edna Mara da Silva
- 14. Eduardo do Espírito Santo Tenório
- 15. Ester Santos da Cruz
- 16. Fabiano dos Santos de Sousa
- 17. Giliarde da Cruz
- 18. Glauce Haremi Ikawa Santos
- 19. Janete do Espírito Santo Tenório
- 20. Joel do Espírito Santo Tenório
- 21. Josilene Santos da Conceição
- 22. Josimar Conceição dos Santos
- 23. Josinei Conceição dos Santos
- 24. Larissa Ardaniotis
- 25. Luana Santos de Souza Cruz
- 26. Luciana Santos de Souza
- 27. Lucinea dos Santos de Sousa
- 28. Manoel da Silva
- 29. Márcia Regina da Silva
- 30. Marcos Vinícius do Espírito Santo Tenório
- 31. Mateus do Espírito Santo Tenório
- 32. Neuseli Cardoso dos Santos

- 33. Rodrigo Santos de Souza
- 34. Rosângela do Espírito Santo
- 35. Samara do Espírito Santo Corrêa
- 36. Sebastiana Tenório dos Santos
- 37. Sueli Roseno da Silva
- 38. Vera Lúcia O. dos Santos
- 39. Vinícius da Silva Cruz
- 40. Zuleica Cardoso Corrêa

Território, turismo e visão de futuro na Vila do Aventureiro

A primeira etapa do processo de planejamento e organização de atividades produtivas é a identificação da realidade existente na localidade (situação interna atual) e do mercado/ambiente onde ela está inserida (situação externa atual). Esse processo se define na elaboração de um diagnóstico inicial que pode utilizar diversas ferramentas de coleta de dados (pesquisas de oferta e demanda), assim como a análise da percepção dos envolvidos com o processo, no caso da Vila do Aventureiro, mais especificamente de seus moradores.

Esse diagnóstico traz quatro grupos de informações que podem auxiliar na escolha e formulação de estratégias de ação de construção de um futuro almejado. Da análise interna, são destacados os Pontos Fortes e os Pontos Fracos da situação interna do empreendimento. Da análise externa, o mercado, destacam-se as Oportunidades vislumbradas e as Ameaças detectadas. De posse desses quatro grupos de informações, constrói-se a ferramenta conhecida como Matriz Swot que, com o cruzamento das informações, indica os principais pontos a serem tratados.

Para que se possa fazer uma análise e definição mais assertiva das estratégias de ação, devem-se estabelecer as realidades almejadas. Para tanto, vários exercícios podem ajudar a selecionar e construir a Visão do Futuro desejado, isto é, descrever a situação futura almejada a partir da utilização do maior nível de detalhes possível.

Para facilitar esse processo, iniciou-se a projeção do Futuro com objetivos pessoais, passando, num segundo momento, à construção da realidade cole-

tiva futura desejada. No caso da Vila do Aventureiro, no decorrer da oficina de empreendedorismo e de cooperativismo, os moradores foram reunidos de acordo com suas similaridades e, a partir daí, foram construindo o cenário desejado para cada empreendimento e para a vila como um todo.

Seguem os resultados coletivos do exercício:

Análise interna

Pontos Fortes (em ordem decrescente): força de vontade, união, inteligência, criatividade, hospitalidade, coragem, transporte, organização, beleza do local, ser caiçara.

Pontos Fracos (em ordem decrescente): falta de luz elétrica, transporte, união, proibição para construir, tempo ruim, esgoto, água, vontade, amizade, organização.

Análise externa

Oportunidades: posto de saúde, trabalho, luz, reforma da igreja, escolaridade, respeito, saneamento, novos conhecimentos (trabalho da UFRRJ), universidade, transporte.

Ameaças: Reserva Biológica, poderosos, ricos, desrespeito, drogas, INEA e FEEMA.

Ao final do processo, a formulação coletiva da missão e da visão dos empreendimentos da Vila do Aventureiro refletem a projeção final desejada (visão de futuro).

Missão do turismo na Vila do Aventureiro

Os empreendimentos do Aventureiro têm como missão oferecer tranquilidade e aumentar a qualidade de vida do visitante, para que este experimente uma vivência de amizade e segurança, em sintonia com o meio ambiente natural e cultural local, e aumente seus conhecimentos e a sensação de bem-estar. Com suas belezas naturais e comida local, a hospedagem e o atendimento no Aventureiro oferecerão lazer, passeios e paz.

Visão do turismo do Aventureiro

Queremos que o visitante nos reconheça como educados e alegres em um lugar lindo, tranquilo, limpo, organizado, onde as pessoas são unidas, amigas, simpáticas, honestas e preservam o lugar – um lugar onde, além de se oferecerem ótima culinária, artesanato e hospitalidade, o turista absorve conhecimentos e, satisfeito, divulga o Aventureiro.

As estratégias de ação foram construídas no decorrer da oficina de cooperativismo como resultado das diversas atividades realizadas de acordo com a aquisição e a adequação dos procedimentos técnico-operacionais e com as reflexões propostas.

Resumo

O projeto baseou-se essencialmente em atividades referentes à qualificação dos moradores e dos empreendimentos locais, assim como em um trabalho de sensibilização e mobilização dos moradores relacionados com a importância: de compreensão e valorização do turismo de base comunitária; do fortalecimento comunitário; e do patrimônio histórico-cultural, natural e do local herdado. Mesmo tendo a forte atuação do projeto em atividades ligadas ao aperfeiçoamento dos empreendimentos, resultando em planos de marketing, as atividades foram orientadas por valores e princípios que, indo além dos ligados a melhorias gradativas dos negócios, visam à inclusão na participação dos benefícios do mercado de turismo, à geração de renda, à criatividade e à inovação, como:

- Respeito à cultura local e estímulo ao resgate da tradição cultural;
- O turismo pensado como uma atividade cooperativa ligada à economia solidária;

- Valorização do fortalecimento e organização comunitária;
- Cuidado com a natureza, por meio da preservação e da valorização do meio ambiente;
- Foco nas relações equilibradas entre moradores e turistas;
- Atenção às necessidades dos moradores e sua participação na tomada de decisão;
- Processo de co-criação e co-participação.

Atividades, como a troca de experiência com a comunidade do Quilombo do Campinho (Paraty) e o curso de monitores de trilhas, o que requerem grande disponibilidade de tempo dos participantes, ficaram inviabilizadas pela grande quantidade de cancelamentos motivada pelo mal tempo e condições do mar (74% das causas de cancelamentos e adiamentos).

A impossibilidade de aprofundamento nas questões referentes ao cooperativismo e associativismo, e efetivamente na criação de um modelo de planejamento e gestão do turismo de base comunitária, teve como principal motivador a categoria Unidade de Conservação, onde está localizada a Vila do Aventureiro, uma reserva biológica. A incerteza sobre o futuro do território, se realmente se tornará uma nova categoria de UC de uso sustentável e qual categoria seria esta, dificulta a proposta concreta de um modelo de gestão local do turismo, apesar do delineamento claro da visão de muitos moradores.

Com moradores inseguros sobre seu futuro, todo o projeto foi desenvolvido em um território de conflitos internos e externos, onde, o turismo do ponto de vista legal, é proibido, e onde existem divergências locais sobre o desejo da nova categoria. Entendemos que, antes de pensar e delinear coletivamente um modelo local de gestão do turismo, existe a necessidade do enfrentamento e do encontro de soluções fundamentais para organização e ordenamento do território. Passa-se pela necessidade de tirar a população da "ilegalidade" e dar-lhe a segurança de se manter no lugar herdado e tomar decisões sobre ele.

Em um ambiente de ansiedade, conflitos, desconfiança da comunidade com o poder público, principalmente com os representantes da Secretaria do Estado e Meio Ambiente – SEA, destaca-se na execução de todas as tarefas a confiança depositada pelos moradores na equipe do projeto. Isto é constado pela frequência e participação nas atividades, pela forma que nos receberam em suas casas, pelo carinho demonstrado e pela afirmativa de que a UFRRJ

foi uma das poucas instituições que cumpriu com o prometido. Diferentemente de diversas propostas feitas à comunidade, esta tornou-se realidade.

Porém, inseridos em um lugar de "isolamento" físico, restrições, proibições, conflitos e incertezas, o maior legado do projeto está no resultado referente: ao processo de motivação dos moradores e de valorização do patrimônio natural e cultural; à importância do fortalecimento comunitário; à qualificação básica de elementos fundamentais para desenvolvimento das atividades econômicas locais; ao despertar da grande oportunidade de ter em suas mãos um paraíso cobiçado por muitos e que, mesmo que proibido, pertence ao "povo do Aventureiro".

Fotos e Imagens

Janaína Nascimento Simões de Souza Teresa Cristina de Miranda Mendonça

Nesta seção, imagens constituídas de fotos e criação de moradores (desenhos, mapas, frases) são utilizadas para ilustrar os capítulos apresentados anteriormente. As imagens, sejam as fotos tiradas pela equipe da UFRRJ, ou todas as produzidas pelos moradores nas diversas atividades realizadas, nos dizem muito sobre este lugar chamado Aventureiro e do "povo do Aventureiro".

Parte do material apresentado, a seguir, foi resultado da Oficina de Criatividade, coordenada pela professora Janaina Nascimento Simões de Souza, que abordava sobre a representação da identidade local, que resultou em um concurso de identidade visual para se encontrar a melhor representação gráfica do "povo do Aventureiro", assim como melhor frase que os expressasse. Com a metodologia de aprendizagem pela ação, foram utilizadas atividades vivenciais. Vale ressaltar que tais atividades estimulam emoções, além da alegria e do prazer de estar em um grupo.

Simmel (2006) defende que a identidade do indivíduo e de um povo vem pelo diferencial. O diferencial se dá pelas representações de semelhança e diferença. Nas relações entre os indivíduos a diferença frente ao outro é

muito mais importante que a semelhança entre eles.⁵ Diferentes formas de manifestação sobre o que é ser "Povo do Aventureiro" foram desenvolvidas pelos moradores, como desenhos, frases, pinturas, arte em argila, colagem de figuras, palavras e mosaico. Todas expressavam o conceito do que significa viver naquela parte da ilha.

A Vila do Aventureiro

"Dormi Acordei sonhando com o resplandecer do sol e o cântico do curió! Não vive prisioneiro, não existe lugar no mundo mas lindo que o Aventureiro."

Cleuzeli , Luciana, Lucia, Rosangela, Manoel, Celia, Alessandro, Sebastiana, Fábio e Lucia



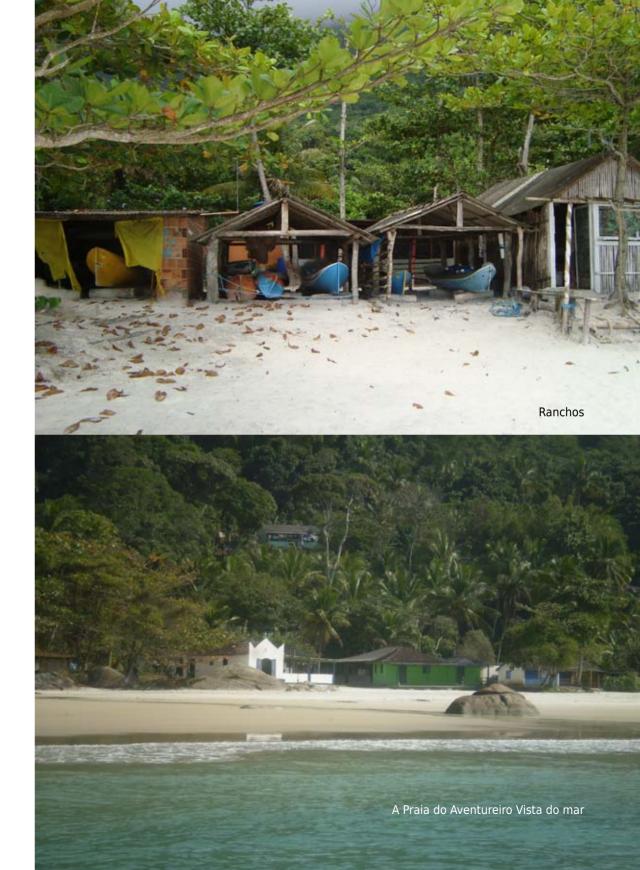
⁵ SIMMEL, Georg. Questões Fundamentais da Sociologia. Rio de Janeiro, Jorge Sahar, 2006.







Reserva Biológica da Praia do sul, o "paraíso proibido"



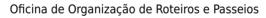


O projeto

As atividades desenvolvidas no projeto tiveram o objetivo de integrar-se a comunidade a fim de gerar aproximação entre os participantes, através de atividades lúdico-pedagógicas para estimular a criação, o sentimento de equipe, o resgate a valorização da criatividade.

"O Aventureiro não é um lugar apenas para pessoas 'aventureiras', mas também para pessoas apaixonadas. Apaixonadas pelo silêncio e pela natureza, por 'estórias' e 'histórias' de lutas e resistências. 'Estórias' que nos entretêm e 'histórias' que nos engajam."

Teresa Mendonça, coordenadora do projeto











A música que registra a memória e revela histórias

Entrega de certificados



Mapas da oferta turística construídos pelos moradores

A participação é uma forma verdadeira de fazer com que as partes se responsabilizem pelo todo, assim como compartilham do sucesso do mesmo.

"Dormi Acordei sonhando com o resplandecer do sol e o cântico do curió! Não vive prisioneiro, não existe lugar no mundo mas lindo que o aventureiro."

> Cleuzeli , Luciana, Lucia, Rosangela, Manoel, Celia, Alessandro, Sebastiana, Fábio e Lucia







O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária

A oferta turística

As belezas naturais da praia, ainda bem preservadas, são indiscutíveis na avaliação dos turistas sobre o Aventureiro, porém a comunidade, a oportunidade de passar dias vivendo seu modo de vida, a ausência de empreendedores externos com a oferta de acomodações e serviços domiciliares se constituem nos pontos centrais de destaque local. Todos são, portanto, essenciais e o diferenciam e o qualificam e geram naturalmente um olhar comparativo com outros destinos da Ilha Grande. A forma de relacionamento entre os membros da comunidade e seus visitantes, também aparece como fator de destaque. Relacionamento que parece criar um laço de amizade muito forte entre estes atores o que extrapola as relações comerciais.

Aventureiro, Aventura, Aventurado: um povo sofrido e amado"

Cleuzeli , Luciana, Lucia, Rosangela, Manoel,
Célia, Alessandro, Sebastiana, Fábio e Lucia







O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária



Bares e restaurantes



Camping

Venda de camisas







Casa e quartos para alugar

Passeio de barco





O coqueiro deitado

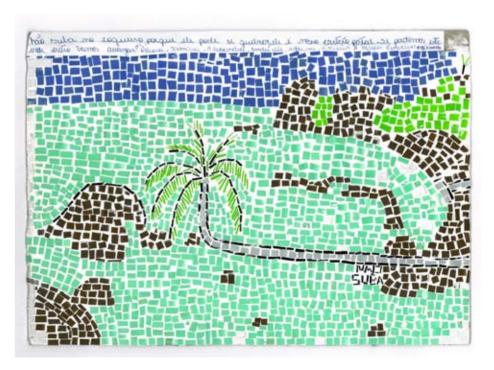
O coqueiro deitado é um ícone de resistência, resiliência e adaptação. Possuindo muita semelhança com o autoconceito que a população tem de si.

"Não suba no coqueiro, ele pode quebrar, ele é nosso cartão postal. Se perdermos este, onde vamos arrumar outro?"

Samara, Alessandra, Debora, Andrielle, Adriane, Vinícius, Marcos Vinicius e Giliarde

"Se vier ao Aventureiro e não passar pelo coqueiro, quando voltar para casa, não comente nada, você não foi ao Aventureiro."

Josiney





A natureza

O meio natural é parte do significado do conceito do que "é ser um caiçara morador do Aventureiro."

"Harmonize-se – Praia do Aventureiro."

Eliane

"Não deixe a Natureza ir embora"

Eduardo, Carlos Vitor, Mateus e Joel

"Preservar para Respirar."

Robertinho (Grupo Jararaca)









Pedra da Espia







Tradição e cultura

A tradição é a ratificação da identidade. É a afirmação do "quem somos nós". As gerações aprendem muito sobre seus grupos através das manifestações tradicionais culturais.

"Povo do Aventureiro: Tradição e Cultura!"

Daniel, Josinei, Josilene, Josimar, Carine, Larissa, Vanda, Luana e Fabiano

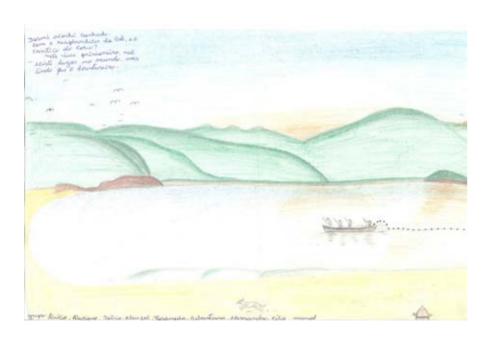
"O Peixinho do mar come limo para o seu sustento e o caiçara faz sua casinha de sapê para não ficar ao relento"

Samara, Alessandra, Debora, Andrielle, Adriane, Vinícius, Marcos Vinicius e Giliarde















Produção de farinha

Festa Julina





A fé

A religiosidade dá a devida assistência e amparo, para uma comunidade periférica. A fé é o motivo que gera socialização, festividade e desenvolvimento.

"O Aventureiro é um Lugar Perfeito para Morar, onde não tem espinho para caminhar".

Grupo Jararaca

"A Fé e a Natureza – Praia do Aventureiro."









Procissão de Santa cruz



Nice

Amor pelo esporte

O Aventureiro possui uma vocação natural para o esporte, pois seus atributos oportunizam e favorecem atividades como surfe, natação, remo, caminhada, futebol. Os moradores são praticantes de esportes, desta forma o local não tem como função ser uma área de lazer apenas para o visitante.

"Paraíso do Sol e do Surf"

Daniel, Josinei, Josilene, Josimar, Carine, Larissa, Vanda, Luana e Fabiano







O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária Fotos e Imagens

Associação de Moradores

A Associação de Moradores e Amigos do Aventureiro – AMAV criada em 2000, seu principal núcleo representativo, surgiu em consequencia da ameaça e temor de expulsão do lugar onde nasceram e vivem. A luta da AMAV com os moradores da vila chega a uma nova etapa com a proposta de recategorização da área habitada.





Atual diretoria da AMAV (início 2010)

Diretoria até 2010



O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária Fotos e Imagens

Roteiros dos sentidos

"Para a compreensão do que significa ser 'Povo do Aventureiro', a percepção é o instrumento mais adequado. Para percebermos o mundo, utilizamos os sentidos humanos. O ambiente, a cultura, as pessoa são percebidas através dos sentidos, e são compreendidas pela interpretação que fazemos de cada sentimento e entendimento resultante do contato com o outro. O Aventureiro é um turbilhão de estímulos sensoriais."

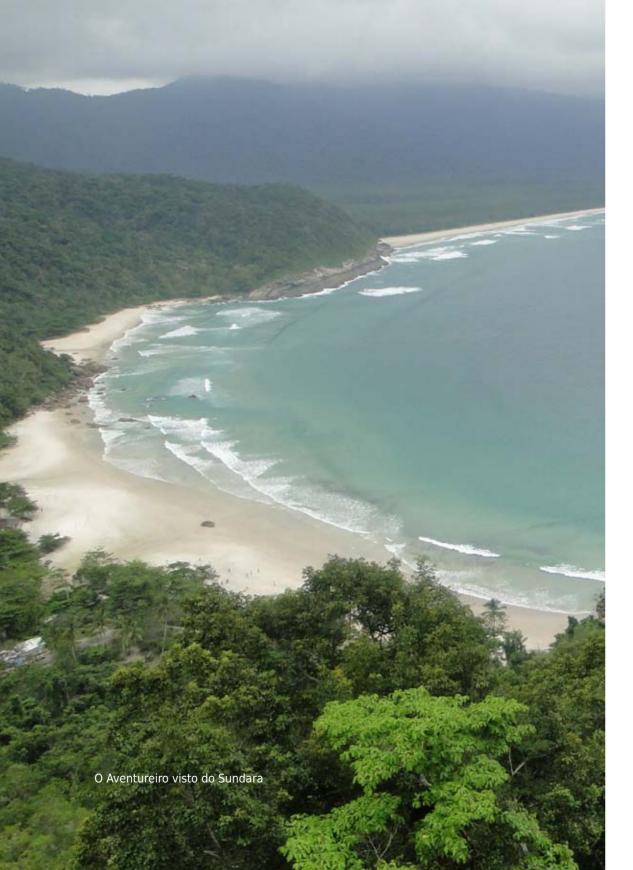
Janaína N. S. de Souza, professora da equipe UFRRJ











Carta do "povo do Aventureiro"

Carta aventureiro

Praia do Aventureiro, Ilha Grande, 21/11/2010

Aos professores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) do projeto "O Povo do Aventureiro" fortalecimento do Turismo de Base Comunitária.

Nós, nativos da Praia do Aventureiro, Ilha Grande, alunos participantes ativos neste projeto vimos através destas linhas, expressar nosso orgulho em sermos parceiros nesta jornada pioneira desta universidade, em aprender/fazendo, fazendo/aprendendo, nas inúmeras oficinas tais como:

- A Criação da Logomarca do Projeto
- Gincana: Caça ao Tesouro
- Feira Caiçara
- Visita da Comunidade à Universidade
- Oficinas: Inglês e Espanhol
- Cooperativismo e Solidariedade
- Legislação Ambiental, entre outras, ministradas aqui em nossa comunidade tradicional, onde através desta maravilhosa troca de conhecimentos, a qual nos levou a cada etapa do curso a uma reflexão profunda do

que somos, da onde estamos da força que temos, partindo do cooperativismo e da solidariedade.

Em todas as oficinas pudemos:

Resgatar, valorizar, registrar e divulgar nossa cultura, nossas raízes, nossa identidade:

Caiçara sim, com muito prazer!

A equipe dos universitários chegou aqui na hora certa em nossa vila pois, nós, estamos neste momento passando por um processo de recategorização em termos de legislação ambiental , trata-se de um procedimento difícil, complicado e de um grande desgaste emocional.

Estes jovens professores, significam para nós um bálsamo, porque somente através do conhecimento podemos transformar as falas dos silenciados em lei.

Pedimos a esta Instituição Educacional que permaneça aqui entre nós por mais tempo que abra uma sala de aula permanente e presencial aqui na nossa praia, para que possamos aprender e ensinar mais, que a chegada do vento sudoeste seja motivo para nos manter juntos.

Queremos dizer:

Muito obrigado por vocês professores terem escolhido os "aventureiro". Que todos nós: alunos e professores sejamos abençoados por Deus!

Atenciosamente,

Alunos caiçaras da Praia do Aventureiro

1. Marcos Vinícius do E. S. Corrêa	11. Guilherme da Silva Cruz
2. Neuseli Cardoso dos Santos	12. Cláudia Corrêa da Silva
3. Fábio dos Santos de Sousa	13. José Maria dos Santos
4. Cleuzeli do Espírito Santo Corrêa	14. Sebastiana Tenório dos Santos
5. Samara do Espírito Santo Corrêa	15. Flávio da Cruz
6. Debora Tenório Corrêa	16. Vinícius da Silva Cruz
7. Rosângela do Espírito Santo	17. Anderson Santos da Cruz
8. Luana Santos de Souza Cruz	18. Ana Paula da Silva
9. Leticia Santos de Souza Cruz	19. Zuleica Cardoso Correa
10. Luciana Santos de Souza	20. Lucinea dos Santos de Souza

Braia do Crientineiro Ilhabrande, 21/11/2010 tico prote da Universidade Indiral fivral definde juniora (U.F.R. E. I) da projeta il Hora da Cheritariano Indicemento de Invientablese Esmentaria.

mente presenta nemas absorbes dellas linhas, depressor mosos aspello em primero monos absorbes dellas linhas, depressor mosos aspello em primero della promodo primero della frontinadata l'universidade em appentary los mos dellas logernares de proporto efecto de projeta especiales de projeta. Tiesta da Camunidade - Penistaridade.

Chiena si Inglis/ Laganhal

Chapinaticiamo e Usalidariedade. ministradas aquina messa
Cambridade Uraficianal ande atravioleda morarieldos luços de
Cambridade Uraficianal ande atravioleda morarieldos luços de
Cambridade Uraficianal ande atravioleda morarieldos luços de
Cambridade Uraficianal ande atravioleda de curso a uma sellecta por
da que samo da dade lucamos e da força que timos, portindo de coquida
ed de salidariedade. Em tados as aticinas pudemos. Dientgar nessa cultura messas tarzos, nessa isentidade. accara sim, com muito projer mais temps que abra una sola de auto permanente e presencial aqui na na soci proto poro qui presonne aprilidar e maina, que l'agoda de verto surdete reja motivo para nos mantir junto. muito origano por roca propiocarenteren eccelhido os continuiro." Discissamente. Olimes carcosas da Braia da Orientiviera 1. Horem Vimierum de 4.5. Carrêc 2 grundi Bordoco des dentos 4. Eduyl de Espaid Santo Correa 1. Sanota de soprato conte conce 1. Debara tendire Carrea 1. Resingle de Epint Santo Busma Santon de Souga Erry a betina santo de saya ony 1 - Janaans souto de sous 11 - Quillarine de Suisa Crus 12 - Caudia Earres da Silva 73 - José allavia dos Santos 14. Sebastiano tenén dos Santes 15. Flatio do lugi 16 VINICIUS DA SILVA CRUZ. 17. anderson sontos da ouz 13. Ama Paulo de Satro 19- Juleica Cordono Coma do-durinia dos santos de Jouse

ANEXO IV

Livro escrito por moradores

Cura, sabor e magia nos quintais da Ilha Grande. Alba Costa Maciel e Neuseli Cardoso (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. 104p.

Lendas da Ilha Grande – Meu Santo. Neuseli Cardoso. Rio de Janeiro: Editora Dimerson, 2000

A Ilha Grande na sua oralidade: um início de conversa. Neuseli Cardoso dos Santos e Shirlei Maia Lopes.

Onde deixei meu coração - a história dos últimos caiçaras da Ilha Grande. Alba Costa Maciel, Hilda Maria de Souza e Neuseli Cardoso. Angra dos Reis: Editora Ilha Grande, 2011.

Capítulos de livros

COSTA, G. V. L.; FERREIRA, H. C. H.; PRADO, R. Praia do Aventureiro: um caso sui generis de gestão local do turismo. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.; BURSZTYN, I. (orgs.). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 177-197.

FERREIRA, H. C. H. Territórios sociais e reterritorializações no Aventureiro: disputas pelo significado e direitos de uso do espaço. In: SECRETO, V. M.; CARNEIRO, M. J.; BRUNO, R. (Org.). *O campo em debate: terra, homens, lutas*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2008.

WUNDER, S. Modelos de Turismo, florestas e rendas locais. In: PRADO, R. (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, 2006b. p. 133-190.

VILAÇA, A.; MAIA, A. de A. O povo do Aventureiro In: PRADO, R. (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, 2006. p. 59-104.

Fontes de mais informações sobre o Aventureiro

Vídeos

Documentário "Encanto Aventureiro": http://aventureiroencanto.blogspot.com/. Autora Vivianne Inojosa

Vídeo "Tia Vera": http://www.youtube.com/watch?v=4l-DT8zsbcw . Organizado pelas alunas do curso de Turismo da UFRRJ/IM/DAT, Cintia Almeida, Marcele Miqueline, Mayara Faria, Sara Sumie, para na disciplina Marketing Turístico (2010/2):

Sites

http://www.ilhagrande.org/Praia-Aventureiro
http://www.ilhagrande.com.br/pages/br_aventureiro.html
http://www.ilhagrandeon.com.br/aventureiro.htm
http://www.rts.org.br
http://ilhagrande-codig.blogspot.com/
http://www.inea.rj.gov.br

O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária Fontes de mais informações sobre o Aventureiro

Teses e dissertações

COSTA, G. V. L. A população do Aventureiro e a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul: conflitos e disputas sob tutela ambiental. Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2004.

COSTA, G. V. L. O. Aventureiro, Ilha Grande-RJ: uma análise de mudança social. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Museu Nacional, 2008.

FERREIRA, H. C. H. Redefinindo Territórios: preservação e transformação no Aventureiro – Ilha Grande (RJ). Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRRJ/ICHS/CPDA, 2004.

FERREIRA, H. C. H. A dinâmica da participação na construção de territórios sociais e do patrimônio ambiental da Ilha Grande-RJ. Tese de doutorado: Rio de Janeiro: UFRRJ/ICHS/CPDA, 2010.

MENDONÇA, T. C. M. Que paraíso é esse: a turismização da Ilha Grande. Tese de doutorado: Rio de Janeiro: UERJ/IFCH/PPCIS, 2010.

ZANATTA, R. Abraão e Aventureiro: pensando o turismo de camping na Ilha Grande-RJ. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: UERJ/IFCH/PPCIS, 2010.

Artigos

CASTRO, D. C. Gestão de base comunitária em locais de interesse turístico socioambiental: o caso dos meios de hospedagem no Aventureiro. In: SEGeT Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Resende: 2009.

CLARK, D. Orientação: Janaina Nascimento Simões de Souza. Segmentação dos Resíduos e Política dos 3Rs – uma proposta para Praia do Aventureiro – Ilha Grande (RJ). Encontro Nacional de Turismo – UFF. 2010.

COSTA, G. V. L. O Surgimento da Associação de Moradores do Aventureiro, Ilha Grande-RJ: reconfigurações de identidades e usos locais do direito. *Teoria & Sociedade* (UFMG), v. 17.1, p. 15-30, 2010.

COSTA, G. V. L. A entrada do direito na resolução de um conflito ambiental: a gestão personalizada de uma Unidade de Conservação na Praia do Aventureiro (Ilha Grande, RJ). *Dilemas*. Estudos de conflito e controle social, v. 7, p. 9-31, 2010.

COSTA, G. V. L. Turismo y Cambio Social: el caso de Aventureiro, Ilha Grande, Brasil. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, v. 18, p. 243-261, 2009

COSTA, G. V. L. A Dinâmica Tutelar em uma Unidade de Conservação e os Processos Classificatórios: o caso do Aventureiro, Ilha Grande- RJ. In: 33º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu: 2009.

COSTA, G. V. L. Da pesca ao Turismo: memória e mudança social no Aventureiro, Ilha Grande-RJ. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre: 2007.

COSTA, G. V. L. As reservas biológicas como mecanismo de controle estatal o caso do Aventureiro, Ilha Grande-RJ. *Revista de Sociologia e Política* (UFPR. Impresso), 2011.

COSTA, G. V. L. O território tutelado: o caso do Aventureiro, Ilha Grande-RJ. Geografia (UFF), 2010.

FERREIRA, H. C. H. Território Caiçara: memória e identidade na demarcação do espaço social. In: Seminário Memória e Contemporaneidade, Campinas: 2005.

FERREIRA, H. C. H.; CARNEIRO, M. J. T. Conservação Ambiental, Turismo e População Local. In: 1º Congresso de Meio Ambiente e Desenvolvimento, Rio de Janeiro: 2004.

FERREIRA, H. C. H. Re-categorizar uma unidade de conservação: limites e possibilidades - o caso da Vila do Aventureiro na Ilha Grande-RJ. In: III SAPIS- Áreas Protegidas e Inclusão Social: Tendências e Perspectivas, 2007, Teresópolis. Áreas Protegidas e Inclusão Social, 2007. v. 3.

FERREIRA, H. C. H. Território e Identidade: os caiçaras do Aventureiro. In: 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia: 2006.

FERREIRA, H. Redefinindo Territórios: disputa por significação e direito

O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária

Fontes de mais informações sobre o Aventureiro

de uso do espaço social na construção de ruralidades contemporâneas. III Encontro da ANPPAS, Brasília: 2006.

FONTOURA, L. M.; ROSA, C. R. Ecoturismo, Percepção Ambiental e Planejamento do Turismo na Praia do Aventureiro, Ilha Grande. VII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. São Paulo – SP, 2010.

FONTOURA, L. M.; ROSA, C. R. Ecoturismo e o "Povo do Aventureiro": evolução e caracterização da demanda. Encontro Nacional de Turismo de Base Comunitária. Niterói – RJ, 2010.

MENDONÇA, T. C. M.; FONTOURA, L. M. Reserva biológica, reserva de desenvolvimento sustentável ou área de proteção ambiental? Turismo, restrições e possibilidades na Vila do Aventureiro. In: IV Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social, 2009, Belém. Área Protegidas e Inclusão Social: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: Rodrigo Medeiros, Hilton Pereira da Silva, Marta de Azevedo Irving Editores, 2009. v. 4.

MENDONÇA, T. M., FONTOURA, L. M. Meu lugar virou reserva biológica e paraíso para turistas: restrições, conflitos e possibilidades. V Encontro Nacional da ANPPAS, Florianópolis: 2010.

MENDONÇA, T. C. M. Populações humanas, áreas protegidas e turismo na Vila do Aventureiro (Ilha Grande/Angra dos Reis): conflitos e soluções locais. III Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social. Teresópolis – RJ: 2007.

MENDONÇA, T. C. M. Turismo de base comunitária: soluções locais em defesa do local herdado - Prainha do Canto Verde (Beberibe/CE) e Vila do Aventureiro (Ilha Grande, Angra dos Reis, RJ). In: X Encontro Nacional de Turismo de Base Comunitária, 2007, João Pessoa.

MENDONÇA, T. C. M. Ilha Grande: turismo, atores sociais e traduções locais (Vila do Abraão e Vila do Aventureiro). In: IV ANPTUR Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, 2007, São Paulo. Anais IV Seminário da Associação Nacional de Pesquisas e Pós-graduação em Turismo: Turismo e Hospitalidade: configuração do campo científico. São Paulo: Aleph, 2007.

MENDONÇA, T. C. M. Populações humanas, áreas protegidas e turismo na Vila do Aventureiro (Ilha Grande/Angra dos Reis): conflitos e soluções locais. In: III Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social, 2007, Teresópolis. Áreas Protegidas e Inclusão Social: tendências e perspectivas, 2007. v. III.

MENDONÇA, T. C. M. O povo do Aventureiro (Ilha Grande, RJ) e modelo local de turismo: uma transgressão aos novos sistemas e valores impostos. Seminário Internacional de Turismo Sustentável, Fortaleza: 2008.

MENDONÇA, T. M.; BRANDÃO, L. O Povo do Aventureiro: turismo, recategorização e inclusão. XI Encontro de Turismo de Base – Turismo e transdisciplinaridade: novos desafios. Niterói, UFF, 2010.

SOUZA, J. N. S. de S.; FONTES, S. V.; SILVA, L. A. da; GOMES, N. de M.; COSTA, V. de M. Representações e identidade do povo do Aventureiro – reflexões sobre esta aplicação no ambiente do Turismo. Conatus, 2010.

ANEXO V

Sobre os organizadores e autores

Edilaine Albertino de Moraes Bacharel em Turismo (UFJF). Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Programa EICOS/UFRJ) e cursa doutorado em Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ), na linha de Gestão e Inovação. Atualmente, é Professora Assistente I do Departamento de Turismo do Instituto de Ciências Humanas da UFJF e pesquisadora do Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDS) e do Grupo "Governança, Biodiversidade, Áreas Protegidas e Inclusão Social" (GAPIS) da UFRJ. Presta consultoria na área de Turismo, Biodiversidade e Desenvolvimento. Como Professora Substituta do Departamento de Administração e Turismo do IM/UFRRJ se engajou nas atividades de pesquisa e extensão do Projeto "O Povo do Aventureiro: Fortalecimento do Turismo de base comunitária". Contato: edilainerumos@yahoo.com.br.

Teresa Cristina de Miranda Mendonça Doutora em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ. Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pelo Programa EICOS/UFRJ. Bacharel em Turismo pela UNESA. Professora Adjunta da UFRRJ e pesquisadora do Grupo "Governança, Biodiversidade, Áreas Protegidas e Inclusão Social" (GAPIS) da UFRJ. Atua principalmente nos seguintes temas de pesquisa: turismo de base comunitária, turismo e unidade de conservação e antropologia do turismo. Membro do Conselho Consultivo do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) e do Grupo de Traba-

lho responsável pela elaboração do Plano de Gestão Sustentável para a Ilha Grande. Coordenadora do Projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária". Contato: tecaturismo@yahoo.com.br

Alexandre Guilherme de Oliveira e Silva Engenheiro mecânico formado pela Escola de Engenharia da UFRJ em 1969. Desde formado, trabalhou na indústria de petróleo, quando ingressou no Serviço de Engenharia da Petrobrás. Como supervisor de Projetos de Engenharia, executou, gerenciou, fiscalizou e acompanhou empreendimentos petrolíferos integrados nas áreas de refino, exploração e produção e construção naval. Participou de inúmeros grupos de trabalho, dentre eles o que desenvolveu o Planejamento Estratégico da Companhia. Ministrou a cadeira de Projetos Industriais na área de ensino da Petrobrás, hoje Universidade Petrobrás. Atualmente, preside a ONG/OSCIP Comitê de Defesa da Ilha Grande (CODIG), pelo qual participou do Projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária". Reside na Ilha Grande. Contato: oliveira@engenharia.org.br

Janaína Nascimento Simões de Souza Bacharel em Administração. Mestre em Gestão e Estratégia em Negócios pela UFRRJ e doutoranda em Antropologia pela UFF. Especialista em Marketing pela UCAM e em Ecoturismo pela UFLA. Professora Assistente da UFRRJ e coordenadora do Grupo de Estudos em Marketing, Tecnologia e Ecologia – GEMTE (UFRRJ). Avaliadora do Ministério da Educação MEC/INEP. As aulas ministradas, os artigos publicados e palestras proferidas tem como temas principais: Marketing, Marketing Ecológico, Marketing Turístico, Gestão Ambiental, Antropologia do Consumo e Negócios. Membro da equipe do projeto Projeto "O Povo do Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária" e responsável pela Revista Destinos Aventureiro – Aventureiro. Contato: jananss@yahoo.com.br

Leandro Martins Fontoura Bacharel em Turismo pela UFJF. Pós graduado em Análise Ambiental pela UFJF. Mestre em Geografia pela UFPR . Doutorando em Ciências Ambientais e Florestais pela UFRRJ. Professor Assistente da UFRRJ. Participação na coordenação do Projeto "O Povo do

O povo do Aventureiro e o turismo de base comunitária

Aventureiro: fortalecimento do turismo de base comunitária". Membro do Grupo de Trabalho de Sustentabilidade e do Conselho Consultivo do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) - RJ. Tem experiência na área de Turismo, com ênfase em Geografia. Atua principalmente nos seguintes temas: planejamento ambiental, planejamento de trilhas, turismo em áreas rurais e turismo em áreas naturais protegidas. Contato: leandro.fontoura@gmail.com

Alunos de graduação

Claudia Rodrigues Rosa Graduação em Turismo pela UFRRJ claudinha_rrosa@hotmail.com

Deiner Clark Tavares Júnior Graduação em Administração pela UFRRJ deinerclark@hotmail.com

Lindalva Priscila Nunes Brandão Graduação em Turismo pela UFRRJ lindapnb@hotmail.com

Gabriele Cardoso Martins Graduação em Turismo pela UFRRJ gabrieleunitmartins@gmail.com

Larissa Borges de Sá Graduação em Turismo pela UFRRJ larissa.borges86@gmail.com

Marlen Maria Cabral Ramalho Graduação em Turismo pela UFRRJ marlen.ramalho@gmail.com

Pamela Figueiró Mendonça Graduação em Turismo pela UFRRJ pam23figueiro@gmail.com

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

BR-465, KM 7 – Seropédica – RJ – CEP: 23.890-000 Telefone: (21) 2682-1215/1080/1090 – www.ufrrj.br

Instituto Multidisciplinar

Av. Governador Roberto Silveira , S/N, Centro. Nova Iguaçu - RJ CEP: 26.210-210

Telefones: (21) 2669-0105 / 2669-0817 / 2669-0825 / 2667-2729

Departamento de Administração e Turismo Ramal: 27

Teresa Mendonça: tecaturismo@yahoo.com.br Leandro Fontoura: leandro.fontoura@gmail.com

Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da UFRRJ Endereço: BR-465, KM 7- UFRRJ - Campus Universitário - Seropédica - RJ -

CEP:23.890-000

Telefone: (21) 2682-1172 / (21) 2682 - 7832 - http://www.fapur.org

Comitê de Defesa da Ilha Grande - CODIG

Alameda Meu Santo, nº 173 casa 5, Vila do Abraão, Ilha Grande, Angra dos Reis -

RJ. Caixa Postal 73471 CEP: 23.900-000

http://ilhagrande-codig.blogspot.com/ http://codigbr.webnode.com/pt-br/

http://www.codig.org.br/

Folofono: (24) 2261 E910 / (21)

Telefone: (24) 3361-5810 / (21) 9971-9078 Alexandre Guilherme de Oliveira e Silva

E-mail: oliveira@engenharia.org.br

Associação de Moradores e Amigos da Vila do Aventureiro - AMAV

Vila do Aventureiro - Ilha Grande

Telefones: (24) 9956-4160 / 9833-3140

Blog: http://aventureiro-ilhagrande.blogspot.com

E-mail: aventureirailhagrande@gmail.com

REALIZAÇÃO







APOIO











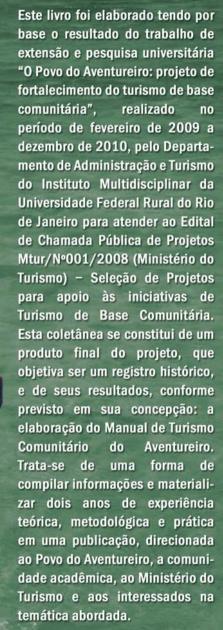




"Viver pela metade,
Curtir por inteiro,
Gostar da ilha,
Amar o Aventureiro."

Daniel, Josinei, Josilene, Josimar, Carine,

Larissa, Vanda, Luana, Fabiano (moradores)



REALIZAÇÃO:

















